



PPGEL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
CURSOS DE MESTRADO E DOUTORADO

LIVRO DE RESUMOS





XVIII SEPELLA

Seminário de Pesquisa em Linguística
e Linguística Aplicada

Linguagem e [Re]existência

14 e 15 de dezembro de 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Reitor

Valder Steffen Júnior

Vice-Reitor

Orlando César Mantese

Pró-Reitor de Graduação

Armindo Quillici Neto

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Carlos Henrique de Carvalho

Pró-Reitor de Extensão, Cultura

Helder Eterno da Silveira

Pró-Reitor de Assistência Estudantil

Adeon Souza do Amaral

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

Darizon Alves de Andrade

Pró-Reitora de Gestão de pessoas

Márcio Magno Costa

Diretor do Instituto de Letras e Linguística

Prof. Dr. Ariel Novodvorski

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Profa. Dra. Fernanda Mussalim

Diretor do Instituto de Letras e Linguística

Prof. Dr. Ariel Novodvorski

COMISSÃO ORGANIZADORA

Comissão Organizadora – Docente

Profa. Dra. Cristiane Carvalho de Paula Brito
(Presidente)

Comissão Organizadora – Técnica Administrativa

Maria Virgínia Dias de Ávila

Comissão Organizadora – Discentes

Allana Cristina Moreira Marques

Anísio Batista Pereira

Breno Rafael Martins Parreira Rodrigues Rezende

Bianca Mara Guedes de Souza

Bruno Drighetti

Candice Guarato Santos

Conceição Maria Alves de Araújo Guisardi

Daniela Faria Gama

Eloá Tainá Costa da Rosa Moraes

Fabiene Lemes

Flávio de Sousa Freitas

Giselly Tiago Ribeiro Amado

Iasmin Walchan

Isabella Zaiden Zara Fagundes

Joel Victor Reis Lisboa

Laura Alejandra Guerrero Calderón

Layane Campos Soares

Letícia de Sousa Leite

Lucas Araújo Chagas

Marden Aleandro Rangel

Maria Clara Machado Martins

Mariana Ruiz Nascimento

Mateus Mariano Duarte Marques

Neubiana Silva Veloso Beilke

Raphael Marco Oliveira Carneiro

Raquel Ribeiro de Oliveira

Realina Maria Ferreira

Romilda Ferreira Santos

Rogério de Castro Ângelo

Sarah Carime Braga Santana

Suzimara de Oliveira Dantas

AGRADECIMENTOS

Apoio

Direção do Instituto de Letras e Linguística

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

DEBATEDORES (AS)

Profa. Dra. Ana Carolina Vilela-Ardenghi - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Profa. Dra. Ana Cristina Menegotto Spannenberg - Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof. Dr. Alexandre José P. C. de Assis Jácome - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Prof. Dr. André Pedro da Silva - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Profa. Dra. Andréa Geroldo

Profa. Dra. Beatriz Furtado Alencar Lima - Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Cláudia Rosa Riolfi - Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Donizete Aparecido Batista - Universidade Federal de Viçosa (UFV)

Prof. Dr. Eduardo Alves Rodrigues - Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP)

Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo - Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof. Dr. Iran Ferreira de Melo - Universidade Federal Rural de Pernambuco (URFP)

Profa. Dra. Isabel Maria de Barros Dias - Universidade Aberta de Portugal (UAP)

Profa. Dra. Isabel Maria L. de Roboredo Seara - Universidade Aberta de Portugal (UAb)

Prof. Juliano Guerra Rocha - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Profa. Dra. Kátia Menezes de Sousa - Universidade Federal de Goiás (UFG)

Prof. Dr. Lucas Nunes Vieira - University of Bristol

Profa. Dra. Luciana Lucente - Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof. Dr. Luís Fernando Bulhões Figueira - Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Prof. Dr. Márcio Issamu Yamamoto - Universidade Federal de Goiás (UFG)

Profa. Dra. Malila Prado - Universidade de São Paulo (USP)

Profa. Dra. Maria de Fátima Fonseca Guilherme - Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo - Universidade de Franca (UNIFRAN)

Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Profa. Dra. Maria Laura Pardo (Universidad de Buenos Aires)

Profa. Dra. Mariana Dezinho - Universidade Federal da Grande Dourados(UFGD)

Profa. Dra. Marina Célia Mendonça - Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Profa. Dra. Nilse Dockhorn Hitz - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Prof. Dr. Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor - Instituto Federal de Goiás (IFG)

Profa. Dra. Raquelli Natale - Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

Prof. Dr. Robson Santos de Carvalho - Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).

Editoração do Livro de Resumos do SEPELLA

Profa. Dra. Cristiane Carvalho de Paula Brito (Presidente)
Anísio Batista Pereira (Doutorando em Estudos Linguísticos)
Conceição Maria Alves de Araújo Guisardi (Doutoranda em Estudos Linguísticos)
Flávio de Sousa Freitas (Mestrando em Estudos Linguísticos)
Iasmin Walchan (Mestranda em Estudos Linguísticos)
Sarah Carime Braga Santana (Doutoranda em Estudos Linguísticos)

Revisão

Maria Virgínia Dias de Ávila (Doutora em Estudos Linguísticos)

CORPO DOCENTE

Prof. Dr. Ariel Novodvorski
Prof^ª Dr^a Camila Tavares Leite
Prof^ª Dr^a Carla Nunes Vieira Tavares
Prof^ª Dr^a Cármen Lúcia Hernandez Agustini
Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes
Prof^ª Dr^a Cristiane Carvalho de Paula Brito
Prof^ª Dr^a Dilma Maria de Mello
Prof^ª Dr^a Eliamar Godoi
Prof^ª Dr^a Eliane Silveira
Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo
Prof^ª Dr^a Fernanda Costa Ribas
Prof^ª Dr^a Fernanda Mussalim
Prof. Dr. Guilherme Fromm
Prof. Dr. Igor Antonio Lourenço da Silva
Prof. Dr. José Simão da Silva Sobrinho
Prof. Dr. José Sueli de Magalhães
Prof^ª Dr^a Maria Aparecida Resende Ottoni
Prof^ª Dr^a Maria Inês Vasconcelos Felice
Prof^ª Dr^a Marileide Dias Esqueda
Prof^ª Dr^a Maura Alves de Freitas Rocha
Prof^ª Dr^a Simone Tiemi Hashiguti
Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne
Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho
Prof. Dr. William Mineo Tagata



XVIII Seminário de Pesquisa em Linguística e Linguística Aplicada (2020): Uberlândia, MG). Profa. Dra. Cristiane Carvalho de Paula Brito (Presidente); Maria Virgínia Dias de Ávila (Revisora). Anísio Batista Pereira; Conceição Maria Alves de Araújo Guisardi; Flávio de Sousa Freitas; Iasmin Walchan; Sarah Carime Braga Santana (Organizadores).– Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2020.

Evento organizado pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da UFU nos dias 14 e 15 de dezembro de 2020.

ISSN: 2237-9746

1. Pós-graduação 2. Pesquisas em andamento 3. Estudos Linguísticos 4. Interdisciplinaridade.

Nota: Os resumos são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

APRESENTAÇÃO

O Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Letras e Linguística, da Universidade Federal de Uberlândia, realiza o Seminário de Pesquisa em Linguística e Linguística Aplicada com o propósito de congregar e divulgar trabalhos de seus alunos em torno das linhas de pesquisa vigentes, a saber: linha 1 – Teoria, descrição e análise linguística; linha 2 – Linguagem, sujeito e discurso; e linha 3 – Linguagem, ensino e sociedade. O SEPELLA conta com a participação de leitores externos, indicados pelos professores do programa, que debatem os projetos em desenvolvimento ou concluídos, contribuindo para o amadurecimento acadêmico de todos os envolvidos. Este ano, em sua 18ª edição, o evento acontecerá de forma remota e discutirá o tema ‘Linguagem e (Re)existência’. A mesa-redonda de abertura será composta por professores convidados, os quais representarão as três linhas de pesquisa do PPGEL. Assim, com a instituição de uma política de eventos promovidos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, pretende-se fomentar oportunidades de interação e de intercâmbios acadêmicos, cada vez mais frequentes e sistematizados, em busca do fortalecimento de um espírito investigativo institucional e coletivo.

Profa. Dra. Cristiane Carvalho de Paula Brito
(Presidente)
Anísio Batista Pereira
(Doutorando em Estudos Linguísticos)
Conceição Maria Alves de Araújo Guisardi
(Doutoranda em Estudos Linguísticos)

Flávio de Sousa Freitas
(Mestrando em Estudos Linguísticos)
Iasmin Walchan
(Mestranda em Estudos Linguísticos)
Sarah Carime Braga Santana
(Doutoranda em Estudos Linguísticos)



SUMÁRIO

Programação Geral	09
Resumos da mesa redonda.....	16
Resumos – Linha de Pesquisa 1	
Teoria, descrição e análise linguística.....	19
Resumos – Linha de Pesquisa 2	
Linguagem, sujeito e discurso.....	47
Resumos – Linha de Pesquisa 3	
Linguagem, ensino e sociedade.....	88

PROGRAMAÇÃO GERAL

HORÁRIO	ATIVIDADES 14/12
09:00	<p>Mesa de Abertura</p> <p>Prof. Dr. Ariel Novodvorski (UFU) Profa. Dra. Fernanda Mussalim (UFU) Prof. Dra. Cristiane de Paula Brito (UFU)</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=0IStZn2W8U</p>
10:00	<p>Mesa-redonda: Linguagem e (Re)existência Profa. Dra. Viviane de Melo Resende (UnB)</p> <p>Para (re)existir nas brechas: o espaço paradoxal entre a subalternidade e o privilégio.</p> <p>Profa. Dra. Raynice Geraldine Pereira da Silva (FLet/UFAM)</p> <p>A importância científica, cultural e social do estudo das línguas indígenas brasileiras para o cenário linguístico mundial</p> <p>Prof. Dr. Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jácome (UFJF)</p> <p>Paraquedas coloridos como dispositivo de resistência: Linguística Aplicada, formação docente e decolonialidade</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=K-sCOiSY98</p>
	

<p>HORÁRIO</p> <p>14:00 – 18:00</p>	<p align="center">SESSÃO DE DEBATES</p> <p align="center">14/12</p> <p align="center">Observação: Os links das salas serão encaminhados por e-mail.</p>
<p align="center">SALA 1</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Simone Tiemi Hashiguti</p> <p>Debatedor: Prof. Dr. Alexandre José P. C. de Assis Jácome (UFJF)</p> <p align="center">Monitora: Isabella</p> <p>Pesquisas:</p> <p>ANÁLISE DECOLONIAL DE LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA INGLESA APROVADOS PELO PNLD 2020</p> <p>Mariana Ruiz Nascimento</p> <p>VOZ E GÊNERO FEMININO EM ASSISTENTES VIRTUAIS PESSOAIS: DISCUTINDO SENTIDOS QUE PODEM SE ASSOCIAR NO E PELO QUADRO COLONIAL-MODERNO</p> <p>Fabiene de Oliveira Santos</p> <p>NO LIMAR DA DESCONSTRUÇÃO DO MEDO E O DESEJO DE APRENDER A LÍNGUA INGLESA</p> <p>Eliana de Sousa Andrade Ladeira</p> <p>A TOMADA DA PALAVRA NO ELLA</p> <p>Giselly Tiago Ribeiro Amado</p> <p>O ELLA E OS CAMINHOS DISCURSIVOS DA LÍNGUA INGLESA</p> <p>Isabella Zaiden Zara Fagundes</p> <p>ESTUDO DISCURSIVO SOBRE AS RELAÇÕES DE FORÇA ENTRE AS PERFORMATIVIDADES QUEER</p> <p>San Thiago de Araújo e Silva</p>	

SALA 2

Orientadores: Prof. Dr. José Simão da Silva Sobrinho

Profa. Dra. Cármen Lúcia Hernandez Agustini

Debatedor: Prof. Dr. Eduardo Alves Rodrigues (UNIVESP)

Monitor: Raquel

Pesquisas:

RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA E FOTOGRAFIA NO PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO

Raquel Ribeiro de Oliveira

LÍNGUA, FOTOGRAFIA E SIGNIFICAÇÃO EM GUIAS DA CIDADE DE UBERLÂNDIA

Welton Pereira de Mendonça

A QUESTÃO DA SIGNIFICAÇÃO E DA LEITURA NO DISCURSO SOBRE FOTOGRAFIA

Realina Maria Ferreira

A PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL I: A RELAÇÃO ENTRE LEITURA E ESCRITA

Aline Paula Ribeiro Vasconcelos

SALA 3

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Silveira

Debatedor: Prof. Dr. Paulo Henrique do Espírito Santo Nestor (IFG)

Monitora: Allana

Pesquisa:

DE L'ESSENCE DOUBLE DU LANGAGE: O OBJETO DA LINGUÍSTICA NÃO EXISTE PARA COMEÇAR

Allana Cristina Moreira Marques

SALA 4

Orientador: Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne

Debatedora: Profa. Dra. Kátia Menezes de Sousa (UFG)

Monitora: lasmin

Pesquisa:

CUIDAR DE SI, CUIDAR DO OUTRO: PRÁTICAS DISCURSIVAS DE PODCASTS NA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE(S) DAS MÃES CONTEMPORÂNEAS EM BUSCA DE UMA “MATERNIDADE REAL”

lasmin Walchan

SALA 5

Orientadora: Profa. Dra. Eliamar Godoi

Debatedoras: Profa. Dra. Mariana Dezinho (UFGD)

Profa. Dra. Isabel Maria L. de Roboredo Seara (UAb) - Portugal

Profa. Dra. Isabel Maria de Barros Dias (UAb) - Portugal

Monitora: Sarah

Pesquisas:

UM ESTUDO SOBRE A SUBCOMPETÊNCIA ESTRATÉGICA NO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Tayna Batista Cabral

ESTUDOS DO LÉXICO DA LIBRAS: REALIZAÇÃO DOS PROCESSOS FLEXIONAIS NA FALA DO SURDO

Raquel Bernardes

LIBRAS E O FENÔMENO DA INCORPORAÇÃO NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS

Andrelina Heloisa Ribeiro Rabelo

A FAMÍLIA COMO FATOR DE APOIO À AQUISIÇÃO DA LIBRAS POR CRIANÇAS SURDAS

Pedro Henrique de Macedo Silva

SALA 6

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Mussalim

Debatedora: Profa. Dra. Maria Flávia Figueiredo (Universidade de Franca)

Monitor: Bruno Drighetti

Pesquisas:

UMA ABORDAGEM DA CENA GENÉRICA COMO EMBREANTE PARATÓPICO: EM PAUTA AS CARTAS PRIVADAS DE FREUD, SÊNECA E JOHN WESLEY

Manuel José Veronez de Sousa Júnior

O ESCRITOR NA TORRE: A PARATOPIA E O FUNCIONAMENTO DE AUTORIA NA OBRA DE CARL JUNG

Tiago Éric de Abreu

ASPECTOS DA CONSTITUÊNCIA DISCURSIVA DA DOUTRINA ESPÍRITA

Khal Rens Cândido

SALA 7

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Carvalho de Paula Brito

Debatedores: Profa. Dra. Maria de Fátima Fonseca Guilherme (UFU)

Prof. Dr. Luís Fernando Bulhões Figueira (UFES)

Monitor: Mateus

Pesquisas:

A LÍNGUA DA INTERNACIONALIZAÇÃO

Mateus Mariano Duarte Marques

SER PROFESSOR DE LÍNGUA FRANCESA: REPRESENTAÇÕES DE LICENCIANDOS DO CURSO DE LETRAS – FRANCÊS

Kamila Gonçalves Correia

SALA 8

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni

Debatedores: Profa. Dra. Beatriz Furtado Alencar Lima (UFC)

Prof. Dr. Iran Ferreira de Melo (UFRP)

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni

Coorientador: Prof. Dr. Teun van Dijk (Universidade Pompeu Fabra – UPF) - Espanha

Debatedora: Profa. Dra. Raquelli Natale (IFES)

Monitora: Conceição

Pesquisas:

GÊNEROS, DISCURSOS E IDENTIDADES: A PRÁTICA SOCIAL DE ADOÇÃO E DE ACOLHIMENTO EM UBERLÂNDIA-MG

Layane Campos Soares

AS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DAS PESSOAS COM CEGUEIRA E AS PRÁTICAS DE LEITURA DAS MULTISSEMIOSES

Camila da Silva Gonzaga

DISCURSO, COGNIÇÃO E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA SOCIAL DE INGRESSO E DE PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO POR MEIO DE COTAS SOCIAIS E RACIAIS

Conceição Maria Alves de Araújo Guisardi

SALA 9

Orientadora: Profa. Dra. Dilma Maria de Mello

Debatedor: Prof. Dr. Donizete Aparecido Batista (UFV)

Monitor: Raphael

Pesquisas:

AS EXPERIÊNCIAS DE LEITURA NO ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO PARA PACIENTES COM BAIXA VISÃO

Pérsia Karine Rodrigues Kabata Ferreira

NARRATIVAS DE CULTURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA

Terezinha de Assis Oliveira

HORÁRIO

09:00-12:00

SESSÃO DE DEBATES

15/12

SALA 10

Orientadora: Profa. Dra. Eliamar Godoi

Debatedor: Prof. Dr Waldemar Cardoso-Junior (UFPA)

Monitora: Suzimara

Pesquisa:

LÍNGUA PORTUGUESA E A ESCRITA DE SURDOS: A LEGITIMIDADE DO JEITO SURDO DE SE EXPRESSAR

Eni Catarina da Silva

SALA 11

Orientador: Prof. Dr. José Sueli de Magalhães

Debatedor: Prof. Dr. André Pedro da Silva (UFBA)

Monitora: Romilda

Pesquisas:

O RIO GRANDE COMO FRONTEIRA LINGUÍSTICA: O COMPORTAMENTO DAS VOGAIS PRETÔNICAS EM UBERABA/MG E IGARAPAVA/SP

Rosana Agreli Melo Campos

O FALAR REGIONAL DO TRIÂNGULO MINEIRO NAS COMUNIDADES RURAIS DE CASCALHO RICO E UBERLÂNDIA

Romilda Ferreira Santos

SALA 12

Orientadora: Profa. Dra. Camila Tavares Leite

Debatedora: Profa. Dra. Luciana Lucente (UFMG)

Monitora: Kamila

Pesquisas:

O PROCESSAMENTO DE METÁFORAS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA PSICOLINGÜÍSTICA

Maria Clara Machado Martins

SALA 13

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Fromm

Debatedores: Prof. Dr. Márcio Issamu Yamamoto (UFJ)

Profa. Dra. Malila Prado (Fujian University of Technology)

Monitora: Candice

Pesquisas:

O ESTILO LEXICAL DE PAULO COELHO: ESTUDO CONDUZIDO POR CORPUS

Marden Aleandro Rangel

REDAÇÃO DA DEFINIÇÃO DE TERMOS EM TEXTOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS E DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DA CIRURGIA CARDIOVASCULAR: UM ESTUDO CONTRASTIVO POR MEIO DE CORPORA

Candice Guarato Santos

HARMONIZANDO UNIDADES FRASEOLÓGICAS ESPECIALIZADAS DO PORTUGUÊS PARA FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS

Joel Victor Reis Lisboa

<p>HORÁRIO 14:00 –18:00</p>	<p>SESSÃO DE DEBATES 15/12</p>
<p style="text-align: center;">SALA 14</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Marileide Dias Esqueda</p> <p>Debatedor: Prof. Dr. Lucas Nunes Vieira (University of Bristol)</p> <p style="text-align: center;">Monitor: Flávio</p> <p>Pesquisas:</p> <p>TRADUÇÃO AUTOMÁTICA: ESTUDO CIENCIOMÉTRICO EM CENÁRIO BRASILEIRO Sthefany Kamilla Alves</p> <p>EXPECTATIVAS DOS USUÁRIOS BRASILEIROS DE SERVIÇOS DE INTERPRETAÇÃO AUTOMÁTICA OFERECIDOS POR CINCO APLICATIVOS MÓVEIS DA APP STORE Flávio de Sousa Freitas</p>	
<p style="text-align: center;">SALA 15</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Eliamar Godoi</p> <p>Debatedores: Prof. Dr. Robson Santos de Carvalho (UNIFAL-MG) Prof. Juliano Guerra Rocha (SMI/SEI/Ceale/ FaE/UFMG)</p> <p style="text-align: center;">Monitora: Suzimara</p> <p>Pesquisa:</p> <p>FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS NA PERSPECTIVA DOS MULTILETRAMENTOS Letícia de Sousa Leite</p>	

SALA 16

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Mussalim

Debatedoras: Profa. Dra. Marina Célia Mendonça (UNESP – Araraquara)

Profa. Dra. Ana Carolina Vilela-Ardenghi (UFMT)

Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry (UNICAMP)

Monitor: Breno

Pesquisas:

RELAÇÃO ENTRE POSICIONAMENTO DISCURSIVO E ESTILO DE GÊNEROS DO DISCURSO: ANÁLISE DE NOTÍCIAS PUBLICADAS EM REVISTAS VOLTADAS AOS PÚBLICOS MASCULINO E FEMININO

Bruno Drighetti

O CASO DE BATE-BOCAS NA PÁGINA QUEBRANDO O TABU NO FACEBOOK: PRÉ-DISCURSO E COGNIÇÃO DISTRIBUÍDA

Breno Rafael Martins Parreira Rodrigues Rezende

YOUTUBERS E A POLÊMICA DISCURSIVA SOBRE A CONDIÇÃO DO “SER NEGRO” NA COMUNIDADE NEGRA NO BRASIL

Francielle Ribeiro Alves

COGNIÇÃO DISTRIBUÍDA E DISPOSITIVO COMUNICACIONAL: A CENTRALIDADE DA ENUNCIÇÃO NA REABILITAÇÃO COGNITIVA DE IDOSOS

Ari Pedro Baliero Junior

POLÊMICA E INTERCOMPREENSÃO ENTRE OS POSICIONAMENTOS FEMINISTA E ANTIFEMINISTA NO BRASIL

Magali Garcia Almeida

SALA 17

Orientadora: Profa. Dra. Carla Nunes Vieira Tavares

Debatedores: Profa. Dra. Cláudia Rosa Riolfi (USP)

Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo (UFU)

Monitora: Stella

Pesquisa:

(RES)SIGNIFICANDO A VELHICE: UM OLHAR PARA O ESPELHO

Stella Ferreira Menezes

SALA 18

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Fromm

Debatedores: Profa. Dra. Andréa Geroldo (Universidade de São Judas Tadeu)

Profa. Dra. Nilse Dockhorn Hitz (Secretaria Estadual de Educação do Paraná)

Monitor: Raphael

Pesquisas:

O PROCESSO PARA CHEGAR A UMA FERRAMENTA ON-LINE SOBRE ELEMENTOS COESIVOS DA LÍNGUA PORTUGUESA USADOS EM REDAÇÕES ESTILO ENEM

Daniela Faria Grama

A DESCRIÇÃO DE VERBOS E SUBSTANTIVOS FREQUENTES NO LÉXICO POMERANO SEGUNDO A BASE DE DADOS POMMERSCHER KORPORA

Neubiana Silva Veloso Beilke

SALA 19

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni

Debatedoras: Profa. Dra. Ana Cristina Menegotto Spannenberg (UFU)

Profa. Dra. Maria Laura Pardo (Universidad de Buenos Aires)

Monitora: Laura

Pesquisas:

VOZES HEGEMÔNICAS E VOZES DISSIDENTES: UMA ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA SOBRE ABORTO

Bianca Mara Guedes de Souza

ANÁLISE CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO ASSASSINATO DE UMA LIDER SOCIAL COLOMBIANA NA MÍDIA NACIONAL - O CASO DE MARÍA DEL PILAR HURTADO

Laura Alejandra Guerrero Calderón



MESA-REDONDA -ABERTURA-

RESUMOS DA MESA-REDONDA – ABERTURA

Tema: Linguagem e (Re)existência

PARA (RE)EXISTIR NAS BRECHAS: O ESPAÇO PARADOXAL ENTRE A SUBALTERNIDADE E O PRIVILÉGIO

Profa. Dra. Viviane RESENDE(UnB)

Devido aos efeitos contínuos das estruturas de poder do conhecimento colonial, muitas estudiosas latino-americanas ocupamos um espaço subalterno na produção e prática do conhecimento acadêmico internacional. Nossas publicações de pesquisa estão sub-representadas nos principais periódicos e nossa participação em conferências internacionais é frequentemente periférica. Esse espaço subalterno, no entanto, é paradoxal quando consideramos nossas posições em nossos contextos locais. Sentar em uma cadeira universitária, por exemplo, nos permite acessar e exercer o poder simbólico significativo de uma instituição que há muito detém o suposto monopólio da produção legítima de conhecimento. Como estudiosas latino-americanas, estamos, portanto, em um espaço paradoxal: um espaço de subordinação na produção de conhecimento acadêmico internacional e um espaço de arrogância na produção de conhecimento local. Muitas vezes somos brancas, ocupando posições de poder em sociedades racializadas, e frequentemente das classes médias e, portanto, não raro reproduzimos - intencionalmente ou não - a lógica de raça e classe do poder colonial dentro de nossos contextos locais, ao mesmo tempo que lutamos para encontrar reconhecimento no meio acadêmico internacional, criticando a própria colonialidade da qual nos beneficiamos "em casa". Neste trabalho, pretendo discutir esse espaço paradoxal, enfocando o debate epistemológico em torno da colonialidade do conhecimento, da desigualdade epistêmica e dos epistemicídios decorrentes. De caráter ideológico, a colonialidade do conhecimento não costuma ser declarada explicitamente, nem delimita claramente seus contornos; no entanto, atua incessantemente. Argumento que uma compreensão crítica e reflexiva desse espaço paradoxal é necessária para encontrar oportunidades de subverter os sistemas coloniais de poder e conhecimento.

A IMPORTÂNCIA CIENTÍFICA, CULTURAL E SOCIAL DO ESTUDO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS PARA O CENÁRIO LINGUÍSTICO MUNDIAL

Profa. Dra. Raynice Geraldine Pereira da SILVA (UFAM)

Os estudos em Teoria e Análise Linguística tomam outra dimensão quando se pensa na diversidade linguística existente no mundo. Segundo SONG (2001) são estimadas de quatro a seis mil línguas faladas no mundo. Considerando a distinção entre línguas e dialetos, esse total pode subir para sete mil línguas, aproximadamente. Tem-se, assim, uma noção da diversidade de línguas no cenário mundial. Dentro desse cenário diverso, MONTE (2000), postula que cerca de 400 línguas indígenas que são faladas na América Latina. Dessas um percentual em torno de 50% são faladas no Brasil, principalmente na região amazônica que concentra grande parte de povos indígenas que lutam pela preservação de suas línguas e culturas frente à sociedade envolvente. Apesar da aparente diversidade linguística no Brasil, uma análise da distribuição dessas línguas indica uma tendência a poucos falantes por língua definindo assim uma situação de minoria linguística de muitos povos. RODRIGUES (2005) admite como diversidade e multiplicidade linguística no Brasil cerca de 180 línguas indígenas classificadas a partir de critérios genéticos em dois troncos linguísticos estabelecidos. O tronco tupi, com dez famílias e o tronco Macro-Jê, com doze famílias. Além desses troncos, há cerca de quarenta e três famílias linguísticas não classificadas em troncos e que muitas vezes constituem um uma única língua sem parentesco genético com outras, o que, conforme Rodrigues (op.cit), constitui o que se conhece como língua isolada. Sobre a necessidade de preservação desse patrimônio linguístico e cultural dos povos indígena brasileiros, RODRIGUES (2005) ainda afirma que a proporção de falantes por língua não significa que essa diversidade esteja segura. Grande parte são línguas faladas por menos de 6.000 pessoas, outras são faladas por menos de 1.000 e algumas delas possuem em torno de 20 falantes. A necessidade de conscientização mundial sobre a importância das línguas indígenas fez com que a UNESCO instituisse o ano de 2019 como o Ano Internacional das Línguas Indígenas e o período de 2022 a 2032 como a Década Internacional das Línguas Indígenas declarada em reunião do dia 17 de dezembro de 2019, como encerramento das atividades daquele ano. Essas ações acontecem para chamar a atenção sobre a importância de preservação linguística e cultural das línguas indígenas ao redor do mundo. Segundo parâmetros da própria UNESCO, línguas com menos de 100 mil falantes são línguas extremamente ameaçadas de extinção. No Brasil todas as línguas indígenas possuem menos de 40 mil falantes. A grande maioria possui menos de 1.000 pessoas que ainda utilizam a língua indígena de origem e muitas delas já são bilíngues na língua materna e em português, considerando o crescente processo de escolarização das populações indígenas brasileiras. O objetivo principal da palestra é apresentar essa diversidade linguística brasileira e pontuar, como objetivos específicos, aspectos gramaticais e fenômenos linguísticos presentes nessas línguas e que contribuem de forma significativa para os estudos em teoria e análise linguística. Espera-se, assim, que a apresentação desperte o interesse dos ouvintes nas pesquisas das línguas indígenas brasileiras à medida que nos permite estudar, por meio da linguagem, todo um conhecimento de mundo que uma cultura nos apresenta refletido nos usos sociais e culturais que uma língua apresenta.



PARAQUEDAS COLORIDOS COMO DISPOSITIVO DE RESISTÊNCIA: LINGUÍSTICA APLICADA, FORMAÇÃO DOCENTE E DECOLONIALIDADE

Prof. Dr. Alexandre José CADILHE (UFJF)

Nesta fala, tenho como objetivo construir uma compreensão sobre alguns desafios da Linguística Aplicada indisciplinar na formação docente que, em diálogo com as lentes decoloniais, apresenta perspectivas para uma formação de professores de línguas comprometida com a justiça social. Intercalo uma reflexão epistêmica em diálogo com as práticas que me engajo enquanto formador de professores de língua portuguesa na graduação e pós-graduação na área de Letras/Linguística Aplicada, mobilizando algumas cenas da sala de aula e pesquisas. Para isso, discuto o tema da Linguística Aplicada na formação de professores e a sua agenda crítica já assumida no contexto brasileiro; elenco alguns princípios dos estudos decoloniais, em especial da pedagogia decolonial; e proponho alguns “paraquedas coloridos” (inspirado na metáfora do intelectual e ativista indígena Ailton Krenak) para a formação de professores de línguas, considerando estratégias que podem ajudar a “sulear” (FREIRE, 1992) uma educação calcada na esperança de um mundo social menos desigual.



RESUMOS

LINHA DE PESQUISA 1:

TEORIA, DESCRIÇÃO E ANÁLISE
LINGUÍSTICA

O PROCESSAMENTO DE METÁFORAS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA PSICOLINGÜÍSTICA

Maria Clara Machado MARTINS (PPGEL/UFU/FAPEMIG)
Orientadora: Profa. Dra. Camila Tavares Leite

Essa pesquisa se dá no âmbito da Psicolinguística Experimental, área de estudo que tem “como objetivo básico descrever e analisar a maneira como o ser humano compreende e produz linguagem, observando fenômenos linguísticos relacionados ao processamento da linguagem” (MARTELOTTA *et al.*, 2015, p. 221). Nosso problema de pesquisa se justifica a partir da importância de perceber como a metáfora, partindo do pressuposto de que ela é uma “operação cognitiva fundamental” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.13) e sendo também uma técnica presente nos processos comunicativos, é influenciada por processos mentais e como ela, por sua vez, influencia esses processos mentais. Nosso objetivo geral é observar o grau de interferência dos nossos conhecimentos metafóricos no julgamento de sentenças do Português Brasileiro. Serão utilizados os seguintes testes não cronométricos: escala, tarefa com questões de múltipla escolha, questões totais e uma questão dissertativa. As variáveis a serem analisadas serão familiaridade e *aptness* (eficácia) (cf. RICCI, 2016). A coleta de dados será composta de três tarefas que serão disponibilizadas na plataforma JotForm, para que seja realizada de forma virtual. Até o momento realizamos a coleta de dados de duas tarefas. Foram apresentadas, de forma aleatória, 30 sentenças sendo 10 metáforas e 20 com sentido literal, consideradas distratoras. Os objetivos dessas duas primeiras tarefas foram 1) observar se há relação entre familiaridade e eficácia de uma metáfora e 2) verificar a relação entre a eficácia e a compreensão da metáfora. A Tarefa 1 consistiu em uma questão total, ou seja, questão que só permite resposta SIM ou NÃO, e uma questão dissertativa. A Tarefa 2 consistiu em uma questão com resposta escalar e duas questões totais. A Tarefa 3 será feita após a análise dos dados das Tarefas 1 e 2. A análise prévia realizada até o momento pode ser considerada quantitativa; no entanto, utilizamos apenas os valores brutos, ou seja, os percentuais; e, por isso, ainda não temos uma análise completa para apresentar.

REFERÊNCIAS

- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, Sp: Educ - Editora da Puc-sp, 2002. 360p. Tradução de: Grupo de Estudo da Indeterminação e da metáfora.
- MAIA, M.; FINGER, I. **Processamento da Linguagem**: série investigações em psicolinguística. gt de psicolinguística da anpoll. Pelotas - Rs: Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2005. 535p.
- MARTELOTTA, *et al.* **Manual de linguística**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015. 254 p.
- RICCI, A. Q. **O processamento psicolinguístico da metáfora**: um estudo experimental no PB. 2016. 75 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Estudos de Linguagem, Universidade Federal de Fluminense, Niterói, 2016.

LIBRAS E O FENÔMENO DA INCORPORAÇÃO NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE SINAIS

Andreolina Heloisa Ribeiro RABELO (PPGEL/UFU)

Orientadora: Profa. Dra. Eliamar Godoi

Esse trabalho propõe a descrição e análise do fenômeno da incorporação nos processos de formação de sinais, pautada nos aspectos morfológicos, fonológicos e sintáticos. Nessa perspectiva, assumimos como objetivo geral descrever e analisar como se realizam os processos de incorporação de diversos elementos linguísticos na Libras em contexto comunicativo. Em específico, buscamos identificar e analisar os tipos de incorporação de informações gramaticais e lexicais em sinais-base ou raiz; registrar e categorizar os tipos de incorporação identificados e suas ocorrências na fala dos surdos, além de identificar e descrever as regras que regem a união de uma unidade a outra para atribuir ou alterar significados ao se incorporarem em sinais-base ou raiz. O vácuo identificado em relação à análise do fenômeno de incorporação na Libras utilizando para coleta de dados a língua em uso é o que mais justificou essa pesquisa. Para alcançar nossos objetivos, traçamos as seguintes perguntas de pesquisa: Quais são os tipos de incorporação que aparecem na fala dos surdos e quais são os mecanismos gramaticais e lexicais que são subjacentes às formas de Incorporação? Como o fenômeno da incorporação se realiza na fala dos surdos e quais são as regras que regem a união dessas unidades? Partimos da hipótese de que há diversas possibilidades de ocorrência de incorporação na Libras, além dos fenômenos de incorporação de negação e de número que a literatura da linguística da Libras mais retrata. A coleta dos dados foi a partir de registros em vídeos em Libras considerando o contexto comunicativo, por acreditarmos que esse formato contempla resultados mais pontuais, que visam corresponder à proposta de descrever os fenômenos linguísticos da Libras por meio da fala dos surdos em interação. Defendemos que é na língua em uso que se pode vislumbrar todos os aspectos articulados e combinados para sua expressão e para a composição dos fenômenos linguísticos da Libras que só podem ser percebidos na realização da língua. A metodologia fundamentou-se na pesquisa Descritiva e a coleta de dados foi realizada a partir de uma análise exaustiva de alguns vídeos disponibilizados no acervo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC - <http://www.corpuslibras.ufsc.br>. Os dados advindos desse acervo foram analisados à luz de estudos apontados por teóricos como: Baker (1988), Ferreira (2010), Veloso (2008), Felipe (2006), Quadros e Karnopp (2004), Schuit (2007), Liddell (1997), Ferreira e Naves (2014) os quais traçam conceitos de incorporação e nortearam a análise das ocorrências dos fenômenos de incorporação na Libras nessa pesquisa. Como base para as análises e para fundamentar as discussões sobre o fenômeno analisado, foi criado um Instrumento Conceitual a partir dos conceitos propostos por esses teóricos. Os resultados indicaram que há várias outras possibilidades de incorporação no processo de formação de sinais, confirmando nossa hipótese, como entre outras, a incorporação de informações gramaticais em verbo, que não necessariamente precisa ser de deslocamento como o mostrado no estado da arte e que foi identificado e descrito nesta pesquisa. Os dados também mostraram que não existe uma única regra para esse fenômeno da incorporação em sua ocorrência em um determinado grupo gramatical da Libras, ou seja, mesmo que o sinal pertença a um grupo x, a regra pode variar, também, a depender do elemento que antecede ou sucede esse sinal formado por incorporação. Nesse sentido, entendemos que as regras que regem os mecanismos gramaticais e lexicais de incorporação na Libras irão variar de acordo com o sinal-base ou raiz ao qual essa informação será incorporada.

REFERÊNCIAS

- BAKER, M. C. **Incorporation: a theory of grammatical function changing**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- FELIPE, T. A. **Os processos de formação de palavra na Libras**. Estudos Linguísticos: grupos de estudos e subjetividade, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200 - 217, jun. 2006.
- FERREIRA, G.A; NAVES, R. R. **Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira (LSB)**. VEREDAS on-line: sintaxe das línguas brasileiras, Juiz de Fora, V.8, 2014.
- FERREIRA, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- LIDDELL, Scott K. Numeral incorporating roots & non-incorporating prefixes in American Sign Language. **Sign Language Studies**, v. 92, n. 1, p. 201-226, 1996.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.
- SCHUIT, J.. **The typological classification of sign language morphology**. Master's Thesis, Research MA Linguistics, Universiteit van Amsterdam.2007
- VELOSO, B. S. **Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na Língua de Sinais Brasileira**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, 2008.

LÍNGUA PORTUGUESA E A ESCRITA DE SURDOS: A LEGITIMIDADE DO JEITO SURDO DE SE EXPRESSAR

Eni Catarina da SILVA (PPGEL/UFU)
Orientadora: Profa. Dra. Eliamar GODOI

Assumimos como objetivo geral do presente estudo investigar o processo de produção escrita em Língua Portuguesa pelas pessoas surdas brasileiras que têm a Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, como primeira língua (L1). A fim de atingir esse objetivo, em específico, propusemos: analisar as habilidades textuais e discursivas adquiridas e utilizadas pelos surdos para produzir sentido e coerência em textos de redação elaborados para exames de vestibular; analisar o funcionamento da linguagem e da interlíngua na produção escrita desses surdos que concluíram o ensino médio; e, identificar e descrever os padrões de regularidade e/ou de ocorrência, que regem a apresentação e organização das informações no texto desses surdos. No que se refere ao quadro teórico-metodológico, o estudo se fundamentará na abordagem qualitativa de base descritiva e adotará como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica e teórica. Como aporte teórico o presente estudo se embasará em Riolfi (2019), Brochado e Pinheiro (2012), Żaczek (2012), Fernandes (2003), Goulart (2014), dentre outros trabalhos de referência. Acreditamos que um estudo sobre o funcionamento da linguagem utilizada em textos escritos por surdos possa contribuir para o desenvolvimento de estratégias de ensino no que tangem potencializar a aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade escrita para surdos. A oportunidade de contribuir para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, como segunda língua (L2), na modalidade escrita para surdos é o que justifica a importância dessa pesquisa. Até o presente momento de desenvolvimento da pesquisa, foi possível constatar, a partir da revisão bibliográfica, que geralmente os surdos apresentam muita dificuldade no aprendizado do português escrito e que isso se dá devido a L1 dessa comunidade ser a Libras, língua essa que apresenta todos os níveis de análise que as demais línguas (sintático, semântico, morfológico, fonológico, pragmático), porém tais níveis se diferem da língua oral. Tratando sobre a produção textual do surdo, Riolfi (2019) enfatiza que a conquista da competência textual é um grande desafio para a comunidade surda e que os elementos julgados essenciais para estabelecer a coesão e a coerência podem ser encontrados em maior ou menor grau em tais textos. Ainda de acordo com a autora, parece faltar à comunidade surda informações que permitam compreender o significado e a função das cadeias coesivas na produção escrita. Desta forma, às particularidades nas produções textuais dos surdos têm sido marcadas pelas tentativas de transposição da língua de sinais para a escrita da língua oral, sendo também caracterizadas pela restrição lexical; pela dificuldade ao empregar as pessoas pronominais; pelo uso inadequado ou ausente dos conectivos; e pela escrita dos verbos no infinitivo. Salles (2004), citado por Brochado e Pinheiro (2012), destaca que os textos escritos por surdos possuem características dos textos de ouvintes estrangeiros que adquirem o português como L2, são estas: frases curtas telegráficas, omissão de artigos, inadequação lexical, inadequação na utilização de preposições e conjunções, falhas de concordância, excesso de itens lexicais, usos gramaticais inadequados. Brochado (2003), também mencionado por Brochado e Pinheiro (2012), visualiza esse fato como um processo contínuo constituído por etapas que se sucedem no tempo, cujo ponto de partida é a L1 (língua de sinais) e a meta é a L2 (língua oral na modalidade escrita). A análise e descrição dos textos elaborados por vestibulandos surdos quanto ao funcionamento da linguagem na sua expressão escrita, serão analisados à luz do referencial teórico. A ênfase da análise e descrição recairá sobre os itens que garantam maior qualidade à produção textual, entre os quais se incluem aspectos textuais relacionados à organização dos parágrafos, recursos de referência e outros elementos de coesão

textual. Analisaremos e descreveremos também as habilidades textuais e habilidades discursivas mobilizadas nesses textos. Para compor nossa síntese de base de dados selecionaremos textos elaborados por surdos no vestibular da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e da UFPA (Universidade Federal do Pará). Após a seleção dos textos será feita uma descrição detalhada do cenário de pesquisa (textos coletados), do perfil dos candidatos surdos inseridos nas vagas aos cursos oferecidos pelas Universidades, e a análise e descrição das recorrências das marcas linguísticas que permeiam o processo de produção textual desses surdos. Alguns dados já foram coletados por meio de contato entre a pesquisadora e a UFSC. Seguindo as orientações da universidade, primeiramente, a pesquisadora recebeu os endereços eletrônicos dos vestibulandos surdos e enviou aos mesmos um e-mail pedindo que estes colaborassem com a pesquisa e liberassem o acesso às redações por eles elaboradas. Após os vestibulandos enviarem o e-mail permitindo o acesso às redações, estes foram enviados à instituição que, em seguida, enviou à pesquisadora os textos produzidos por estes vestibulandos. Nos textos não constavam os nomes dos vestibulandos, apenas números que os representavam. Também realizamos contato com a UFPA através de e-mail e, conforme orientações recebidas pela Universidade, entraremos em contato com o Grupo de pesquisa – Leitura, Escrita e Ensino de Português para Surdos, e solicitaremos acesso ao acervo de textos elaborados por surdos. A pesquisa, ainda em andamento, nos possibilitou compreender que as marcas de instabilidade na produção escrita dos surdos, reflete uma competência transicional, caracterizada pela utilização de estratégias de transferência da Libras (L1) para o português escrito (L2) através dos processos de simplificação, hipergeneralização e transferência de instrução. Assim, a produção escrita do surdo se apresenta como um elemento que não se configura nem como um texto em Libras, nem como um texto em Língua Portuguesa; na realidade, trata-se de uma produção que espelha a estrutura sintática, morfológica e lexical das duas línguas. Nessa direção a pesquisa tem como hipótese apontamentos de que tal contexto de interlíngua pode legitimar um jeito próprio dos Surdos sinalizantes se expressarem na língua oral pela modalidade escrita.

REFERÊNCIAS

- BROCHADO, S. M. D; PINHEIRO, C. L. **Processos de referenciação em relatórios de estágio de surdos: descrição e contribuição ao ensino**. In: SIELP, Vol. 2, Nº 1, 2012, Uberlândia Anais do SIELP: EDUFU. ISSN 2237-8758.
- FERNANDES, S. F. **Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios**, 2003.
- GOULART, C. M. A. O conceito de letramento em questão: por uma perspectiva discursiva da alfabetização. *Bakhtiniana*, v. 9, n. 2, p. 35-51, 2014.
- RIOLFI, C. R. **Fatores de contextualização em textos redigidos por um estudante surdo**, 2019.
- RIOLFI, Claudia Rosa; TRINDADE, Carla Samile Machado Trucolo. **Fatores de contextualização em textos redigidos por um estudante surdo**. *Pro-Posições*, v. 30, 2019.
- ŻACZEK, M. **A língua portuguesa para falantes de polaco: transferência da língua nativa para a língua estrangeira em processo de aprendizagem - o erro lexical e o erro gramatical**, 2012.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS NA PERSPECTIVA DOS MULTILETRAMENTOS

Letícia de Sousa LEITE (PPGEL/UFU)
Orientadora: Profa. Dra. Eliamar GODOI

A presente pesquisa, em estágio inicial, tem como objetivo geral analisar como tem se constituído o processo de formação de professores de Língua Portuguesa (LP) como segunda língua (L2) para surdos nas instituições de ensino superior no âmbito federal do estado de MG. Especificamente, pretendemos levantar quais cursos e/ou disciplinas de formação de professor de Língua Portuguesa têm ênfase no ensino de segunda língua para surdos na perspectiva dos multiletramentos; descrever quais processos formativos voltados para o ensino de L2 para surdos cada instituição mineira desenvolve; e apontar os enfoques específicos que as instituições realizam para formar professores atuantes no ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos no Atendimento Educacional Especializado para Surdos - AEES. Quanto ao quadro teórico-metodológico, o estudo será circunscrito na revisão bibliográfica da temática de estudo, quais sejam, os textos referentes à formação do professor de Língua Portuguesa como L2 no AEES, e também ao processo de ensino de Língua Portuguesa nesse ambiente de ensino. A fim de buscar suporte à temática envolvida no presente estudo, trabalhos como os de Godoi (2019), Karnopp (2012), Quadros (1997), dentre outros autores, e ainda alguns documentos oficiais, tais como, a Lei 10.436/02, o Decreto 7.611/11 e o Decreto 10.502/2020, fundamentarão as discussões. O presente estudo abrange a coleta de dados através da metodologia qualitativa com a utilização de questionários, apresentando questões mistas - abertas e fechadas - aos sujeitos envolvidos no processo de formação do professor de Língua Portuguesa como segunda língua para os alunos surdos no AEES. Quanto ao referencial teórico para análise específica deste estudo serão efetuadas pesquisas bibliográficas em literaturas afins e em documentos oficiais da política nacional, na legislação constada através dos seguintes documentos: Lei 10.436/2002, Decreto 5.626/2005, Decreto nº 7.611/2011, Decreto 10.502/2020, além de outros decretos, pareceres e recomendações governamentais e institucionais. Esperamos que esta análise enriqueça a discussão deste estudo alcançando satisfatoriamente o seu objetivo inicial. Para o trabalho de campo, teremos como foco as diferentes instituições federais do Estado de Minas Gerais delimitadas por 11 universidades: UNIFAL, UNIFEI, UFJF, UFLA, UFMG, UFOP, UFSJ, UFU, UFV, UFTM e UFVJM; em que investigaremos os processos de formação de professores de Língua Portuguesa como L2 para surdos nessas Instituições de Ensino Superior (IES). Nesse conjunto de instrumentos para coleta de dados, serão incluídos também: entrevistas, questionários e observações. Ainda nessa direção, serão analisadas as fichas das disciplinas ofertadas, além do Plano Político Pedagógico (PPP) com sua respectiva grade curricular, para o entendimento das relações que as IES de Minas Gerais têm realizado para considerar a formação docente no ensino da LP para surdos como L2 visando à educação básica. O primeiro passo para o desenvolvimento deste projeto será submissão no Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos – CEP a fim de recebermos a autorização para a realização da pesquisa. Após o levantamento de quantos e quais cursos em Minas Gerais apresentam um enfoque no processo de formação do professor de Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos, os coordenadores desses cursos e alguns professores da área serão contatados, mediante aprovação do CEP. A finalidade é aplicar os questionários e, se possível, desenvolver uma entrevista. Nesse caso, professores e coordenadores constituir-se-ão participantes dessa pesquisa, cujo número dependerá da quantidade de cursos que apresentarem enfoque em trabalhos voltados para a formação docente no ensino de LP como L2 para surdos. O que nos motiva é o desejo de apreender a problemática da ausência de formação do professor de Língua Portuguesa

na modalidade escrita para os alunos surdos no AEES na perspectiva dos multiletramentos. Por inúmeras vezes, os professores são encaminhados para a sala de aula desconhecendo as particularidades dos alunos surdos, isso indica que existe uma lacuna na formação docente. A ausência de compreensão de que os surdos apresentam uma condição linguística diferente pode impactar de maneira negativa o processo de ensino e aprendizagem desses alunos. Diante desse desafio, urge que os professores recebam formação adequada que favoreça uma prática pedagógica no ensino de línguas para surdos oportunizando que as diversas esferas simbólicas sejam utilizadas para a construção de um novo conhecimento a partir da Libras. O ponto de partida é o entendimento da cultura surda como a maneira que o sujeito surdo entende e interage com o mundo a partir de suas percepções visuais, promovendo a inter-relação entre linguagem, cultura e identidade surda. Trata-se de um fazer complexo, que exige do professor conhecimentos acerca da identidade linguística do aluno surdo. A inserção dos alunos surdos no universo da linguagem escrita confere ao AEES um profícuo espaço para se desenvolver o processo de aprendizagem da Língua Portuguesa. Diante disso, reiteramos a necessidade de formação adequada dos profissionais para atuar no AEES. Defendemos que esse processo demanda a perspectiva dos multiletramentos sob a ótica bilíngue, levando em conta a Libras como língua de instrução e a Língua Portuguesa como segunda língua. Nessa direção, o presente estudo se justifica por constatar a escassez de trabalhos e estudos voltados para a referida temática. Essas considerações apontam para a relevância da pesquisa ao sistematizar informações referentes ao processo de formação dos profissionais atuantes no AEES no ensino de Língua Portuguesa como L2.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Decreto 10.502**, de 30 de Setembro de 2020. Institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Brasília – DF.
- BRASIL. **Decreto nº 7.611**, 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília – DF.
- BRASIL. **Decreto n. 5.626**, de 22 de Dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436/02 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília, DF.
- BRASIL. **Lei n. 10.436**, de 24 de Abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF. GODOI, E. Atendimento Educacional Especializado para surdos: aspectos legais, teóricos e práticos. In: **Seminário Nacional de Educação Especial**, 8., 2019. Uberlândia. Anais... Uberlândia: CEPAE, Núcleo de Acessibilidade da UFU, 2019.
- KARNOPP, L. B. Língua de sinais e língua portuguesa: um busca de um diálogo. In: LODI, A. C. B.; MÉLO, A. D. B.; FERNANDES, E. **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- QUADROS, R. M. de. O bi do bilingüismo na educação de surdos In: **Surdez e bilinguismo**. 1 ed. Porto Alegre : Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36.

A FAMÍLIA COMO FATOR DE APOIO À AQUISIÇÃO DA LIBRAS POR CRIANÇAS SURDAS

Pedro Henrique de Macedo SILVA (PPGEL/UFU)
Orientadora: Profa. Dra. Eliamar GODOI

O presente trabalho tem por objetivo verificar o papel da família no processo de aquisição da Língua de Sinais Brasileira (Libras) pelas crianças surdas. Para atingir tal objetivo, pretendemos em específico: coletar relatos sobre o processo de aquisição da Libras pelas pessoas surdas que moram em uma cidade do interior de Goiás e de seus familiares; investigar nesses relatos a menção do papel da família no incentivo e atuação para promover um ambiente linguístico favorável à aquisição da Libras e, de como esse processo se deu durante a infância; analisar e descrever a participação da família no processo de aquisição da Libras. A metodologia a ser adotada se fundamentará na abordagem qualitativa de base descritiva, terá como procedimento metodológico a pesquisa de campo ou estudo de caso, e utilizará a entrevista semiestruturada e aplicação de questionários a adultos surdos e seus familiares como instrumentos de coleta de dados. Como aporte teórico, o presente trabalho, até então, embasou-se nas pesquisas de Benveniste (1995), Bresson (1970), Ferreira-Brito (2004), Kojima (2008), Quadros (2001), e Ramos (2018) e também em documentos oficiais, tais como a Lei nº 10.436/2002, que dispõe sobre a Libras e dá outras providências, e a Lei nº 9.394/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. A oportunidade de realizar uma reflexão crítica sobre a importância do apoio familiar às crianças surdas em processo de aquisição da língua é o que justifica a pesquisa, uma vez que o tema interessa a comunidade surda, professores, psicopedagogos e pesquisadores que atuam no ensino de Libras no Brasil. Embora exista um marco teórico robusto sobre a origem e evolução desta língua, bem como de sua aquisição e/ou aprendizagem pelos surdos, é preciso investigar mais de perto o papel da família, ou melhor, o incentivo e atuação dos familiares de crianças surdas na aquisição desta língua, bem como da aprendizagem da Língua Portuguesa, já que é ponto pacífico que o sucesso da aprendizagem se respalda no desenvolvimento do bilinguismo. Uma discussão importante na qual se insere este estudo é compreender como as famílias de crianças surdas podem ter um papel decisivo no processo de aquisição de Libras, através de estudos pontuais (pesquisa de campo ou estudo de caso) com adultos surdos e seus familiares. O relato dos surdos adultos e de seus familiares pode ajudar a esclarecer as dificuldades e obstáculos enfrentados na aquisição da Libras pelas crianças surdas, inclusive no núcleo familiar. No decorrer da pesquisa, que ainda encontra-se em andamento, foi possível constatar que os estudos sobre a temática têm demonstrado que, além do papel dos pais ser essencial para a aquisição da língua de sinais pelas crianças surdas, têm demonstrado também que, quanto mais cedo a aquisição for efetivada, menores serão as dificuldades enfrentadas pelas crianças no processo de desenvolvimento da língua e aprendizagem de uma segunda língua, que pode ser, inclusive, uma língua oral na modalidade escrita, como a Língua Portuguesa. Apesar do comprometimento dos pais em relação aos processos de aquisição e aprendizagem de línguas ser fundamental, as pesquisas apontaram para um número significativo de surdos que chegam à adolescência no Brasil e adentram no sistema escolar de ensino sem saber língua alguma; essas questões foram discutidas na presente pesquisa. Também foi feito um percurso histórico sobre a origem e evolução do reconhecimento das línguas de sinais no mundo e no Brasil e a sua importância para a comunicação, socialização e aprendizado da comunidade surda. Nessa direção tratamos das teorias que surgiram em torno dos processos de aquisição e ensino-aprendizagem das línguas de sinais, bem como o reconhecimento legal da Libras no Brasil e seus efeitos práticos no

sistema educacional de ensino. Até o presente momento de desenvolvimento do estudo, foi feita uma pesquisa de campo com surdos adultos e seus familiares a fim de levantar informações sobre o papel da família na aquisição da Libras, mediante entrevista e aplicação de dois questionários, um para os pais e outro para o adulto surdo, com perguntas fechadas e abertas. Assim, contamos como instrumentos de coleta de dados, a entrevista semiestruturada conjuntamente com a videogravação das entrevistas sinalizadas dos participantes surdos e os questionários, sendo que a amostra da população foi de 20 pessoas. Os dados coletados serão analisados a partir do aporte teórico que trata das questões apresentadas acima. Como resultados parciais da pesquisa, ainda em andamento, foi feito um embate teórico com as publicações científicas citadas no estudo, a fim de traçar um comparativo com os achados desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, 2002.
- BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, 1996.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. GUIMARÃES, Eduardo et al (Trad.). 2. Ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 1995.
- BRESSON, François. Aquisition et apprentissage des langues vivantes. **Language Française**, Paris, n.8, p. 24-30. 1970.
- FERREIRA-BRITO, Lucinda. Língua Brasileira de Sinais – Libras. In: FERREIRA-BRITO, Lucinda. et al. (Org.). **Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental**/vol.III: Língua Brasileira de Sinais. Brasília: MEC/SEESP, 2004.
- KOJIMA, Catarina Kiguti; **Libras: Língua Brasileira de Sinais: a imagem do pensamento**. Editora Escala 2008.
- QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. 2. ed. Brasília: MEC; SEESP, 2001.
- RAMOS, Eliane Orlando Monteiro. **O papel da LIBRAS no aprendizado da língua portuguesa pelo aluno surdo não oralizado**. 2011. 46 f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar)—Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Brasília, 2011.

ESTUDOS DO LÉXICO DA LIBRAS: REALIZAÇÃO DOS PROCESSOS FLEXIONAIS NA FALA DO SURDO

Raquel BERNARDES (PPGEL/UFU)
Orientadora: Profa. Dra. Eliamar GODOI

Objetivamos no presente estudo analisar e descrever os fenômenos de flexão de gênero e de número da Libras na perspectiva da Linguística Descritiva, fundamentada não apenas em características formais dos fenômenos, mas também no emprego efetivo dessas formas que se fazem presentes no uso corrente da Libras, considerando ainda os aspectos morfológicos e semânticos da Libras contemporânea. A fim de atingir esse objetivo geral, propusemos em específico: levantar e categorizar os processos flexionais que se realizam na fala de um surdo docente no Ensino Superior; analisar a estrutura interna dos sinais flexionados, apontando as regras de combinação que organizam a flexão desses sinais; e, identificar e descrever os processos flexionais de gênero e de número ocorridos na fala do participante da pesquisa. Quanto ao quadro teórico metodológico, a pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa de base descritiva e adotou como procedimento metodológico as pesquisas bibliográfica, teórica e básica. Como aporte teórico, o presente trabalho embasou-se nas pesquisas de Aronoff (1997), Aronoff, Meir e Sandler (2005), Azeredo (2008), Câmara Jr. (1987), Rocha (2008), em relação ao processo linguístico de flexão; e, nos estudos das autoras Felipe (1998), Ferreira Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004), em relação ao processo de flexão específicos da Libras. Utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada a partir de um roteiro flexível abordando a temática da importância da Libras para os surdos e ouvintes, aplicada a um professor surdo que possui a Libras como língua materna e ministra seu ensino em cursos de graduação, ou seja, usuário da língua em ambientes formais e informais. A coleta dos dados se deu a partir de filmagem da fala espontânea do surdo participante da pesquisa, em que tais dados foram analisados à luz do referencial teórico. A partir da análise dos dados, como resultado da pesquisa, identificamos os mecanismos de flexão de gênero animado e inanimado, que conforme Felipe (1998) se realizam na Libras por meio de morfemas classificadores que são afixados à raiz verbal ou nominal. Também identificamos que a utilização desses classificadores em nomes podem se manifestar, ainda, através de entidades que possuem parâmetros independentes, mas que, devido ao sentido, se expressam como formantes dependentes que na classe morfossintática de gênero concordam com o referente animado/pessoa. Em relação aos mecanismos de gênero masculino e feminino foi possível identificar que os sinais HOMEM e MULHER podem exercer funções diferentes, dependendo do contexto, podendo ser empregados como morfemas livres com sentido independente ou como afixos, pospostos ou antepostos a outros itens lexicais para marcar gênero (sexo). Com Aronoff (1997) foi possível constatar que as línguas de sinais possuem sim, sistema de flexão obrigatório, contudo, elas se manifestam de forma particular em que as categorias flexionais, como o gênero, podem ser estabelecidas de forma irregular, ou seja, de forma não universal. A partir da análise dos dados foi possível constatar que sinais que se referem a pessoas e animais podem apresentar flexão de gênero masculino e feminino quando solicitado ou exigido pelo contexto linguístico, sendo que alguns nomes de gênero animado podem não apresentar morfemas marcadores de gênero (sexo). Em relação aos processos de flexão de número relacionados a nomes materializados na fala espontânea do surdo participante da pesquisa, identificamos o processo de modificação interna da raiz pelo mecanismo de incorporação de numerais de um até quatro; alterações no movimento e direcionalidade; pela anteposição ou posposição de numerais e dos sinais VÁRIOS, GRUPO, MAIORIA, ALGUNS, além do sinal MUITO indicado por Ferreira Brito (1995); anteposição ou posposição de classificador; e, também pela repetição do sinal. Dentre

os processos morfológicos de flexão (morfologia intrassegmentar, morfologia supra-segmentar e segmentar simultânea) identificamos o uso expressivo da morfologia segmentar pela composição sequencial ou linear dos sinais, que se articulam para produzir sentido plural. Considerando o amplo campo de investigação dos aspectos linguísticos da Libras, identificamos na possibilidade de descrever os processos flexionais que se apresentaram na fala espontânea do surdo, a oportunidade de contribuir para os estudos na área para a potencialização da difusão e perenização da Libras na linguística e na história, descrevendo, documentando e registrando os seus fenômenos linguísticos, condição que justifica a realização da presente pesquisa. Esperamos que o estudo realizado contribua com a melhor compreensão dos processos de flexão nominal da Libras no âmbito da Linguística Descritiva, e ainda, favoreça a difusão e o reconhecimento científico do *status* linguístico da Libras.

REFERÊNCIAS

- ARONOFF, M. **Gender agreement as morphology**. v.1 Allomorphy, compounding, inflection, 1997. p.7-18. SUNY Stone Brook. Mediterranean Morphology Meetings (MMM). Disponível em: <https://academia.lis.upatras.gr/mmm/article/view/2339/2598> Acesso em: 07 mai. 2020.
- ARONOFF, M.; MEIR, I.; SANDLER, W. The Paradox of Sign Language Morphology. **Language**. V.81, n.2, June 2005, pp. 301-344. Published by Linguistic Society of America.
- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- CÂMARA JR. J. M. **Princípios de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977
- CÂMARA JR. J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- DUBOIS, J. *et. al.* **Dicionário de linguística**. 2ed. São Paulo: Cultrix, 2014.
- FELIPE, T. A. (1998) **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.
- FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995; 2010.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Libras: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- ROCHA, L.C..A. **Estruturas morfológicas do português**. São Paulo: Martinsfontes, 2008.

UM ESTUDO SOBRE A SUBCOMPETÊNCIA ESTRATÉGICA NO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Tayna Batista CABRAL (PPGEL/UFU)
Orientadora: Prof. Dra. Eliamar GODOI

Levando em consideração a demanda para a mediação da comunicação entre ouvintes e surdos, um novo campo de atuação se instaurou no mundo todo. A presente pesquisa, em fase de desenvolvimento, surgiu do interesse em compreender como se dá a interpretação da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), considerando que cada língua possui sua própria estrutura e modalidade, temos como finalidade identificar e descrever as estratégias utilizadas por profissionais da área. Os Tradutores intérpretes de Línguas de sinais (Tils) são profissionais fluentes em duas línguas de modalidade diferentes, no caso do Brasil, são aqueles que dominam a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais. Além do domínio das duas línguas, é necessário que o profissional tenha qualificação específica, conhecendo técnicas, processos e estratégias de tradução e interpretação. Deste modo, a proposta é realizar um estudo tendo como base os modelos de competência tradutória, os Estudos da Tradução e os Estudos Linguísticos. A base teórica deste estudo contará com contribuições de Rodrigues (2018), PACTE (2003, 2011b), Gile (2001), Albir (2005), Kelly (2002), Neubert (2000) dentre outros. Como metodologia, optamos por fazer um estudo bibliográfico e adotar uma abordagem qualitativa de caráter descritivo-exploratório. O modelo do grupo PACTE (2003) define competência tradutória (CT) como sendo o conjunto de cinco subcompetências: bilíngue, extralinguística, instrumental, conhecimentos de tradução e estratégica. Especificamente, pretendemos analisar a subcompetência estratégica e como ela se aplica na prática profissional. O objetivo é observar quais são as estratégias adotadas pelo Tils e a sua eficácia para transmitir o conteúdo da língua fonte (LF) para a língua alvo (LA). Nos atentamos para situações que podem ser “gatilhos” (GILE, 2001), sobretudo durante a interpretação simultânea e as técnicas utilizadas pelos profissionais nestas situações. Optamos por fazer um estudo bibliográfico e adotar uma abordagem qualitativa de caráter descritivo-exploratório.

REFERÊNCIAS

- ALBIR, A. H. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. (Org.). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**. Brasília, DF. Abr. 2002.
- BRASIL. Lei 12.319, de 01 de setembro de 2010. **Oficialização e regulamentação dos TILS – Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais**. Brasília, DF. Set. 2010.
- GILE, D. Consecutive versus Simultaneous. Which is more accurate? **Interpretation Studies**, vol.1, 2001.
- HATIM, B.; MASON, I. **The Translator as Communicator**. London/New York: Routledge, 1997.
- KELLY, D. Un modelo de competencia traductora: bases para el diseño curricular. **Puentes**, nº 1, jan de 2002. p. 9-20. Disponível em: <http://wpd.ugr.es/~greti/revista-puentes/pub1/02-Kelly.pdf>. Acesso em 13 de out. 2020.

- LIDDELL, S.K. Modality Effects and Conflicting Agendas. In: David F. Armstrong, Michael A. Karchmer, and John Vickrey Van Cleve (eds.), **Essays in Honor of William C. Stokoe. The Study of Signed Languages**. Gallaudet University Press, Washington, 53-81. 2002.
- NEUBERT, A. (2000). Competence in language, in languages, and in translation. In: SCHÄFFNER, C.; ADAB, B. (Eds.). **Developing Translation Competence**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp.3-18.
- NOGUEIRA, T. **Intérpretes de LIBRAS-PORTUGUÊS no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- PACTE. **Building a translation competence model**. In: Alves, Fabio (ed.). *Triangulating translation: perspectives in process oriented research*. Amsterdam: John Benjamins, 2003, p. 43-66. Disponível em: https://ddd.uab.cat/pub/caplli/2003/158624/2003_Benjamins_PACTE.pdf. Acesso em: 22 de set. 2020.
- PEREIRA, M. C. P. Interpretação Interlíngua: as especificidades da interpretação de língua de sinais. **Cadernos de Tradução**. n.XXI, v.1, 135-156, Florianópolis: UFSC, PGET, 2008.
- POCHHACKER, F. **Introducing Interpreting Studies**. London-UK: Routledge, 2004.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 224p.
- RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. **Trabalhos Em Linguística Aplicada**, v. 1, n. 57, 2018. p. 287-318. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651578>. Acesso em: 05 de fev. 2020.

REDAÇÃO DA DEFINIÇÃO DE TERMOS EM TEXTOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS E DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DA CIRURGIA CARDIOVASCULAR: UM ESTUDO CONTRASTIVO POR MEIO DE *CORPORA*

Candice Guarato SANTOS (PPGEL/UFU/CAPES)

Orientador: Prof. Dr. Guilherme FROMM

Atualmente, com o auxílio das mídias digitais e dos meios de comunicação em massa, a divulgação científica alcança pessoas com diferentes níveis de escolaridade. Esse processo de transmissão do conhecimento científico ocorre entre especialistas, por exemplo, a publicação de artigo científico para apresentar resultados de uma pesquisa; de especialista para leigo, como nas campanhas de conscientização sobre saúde; de leigo para leigo, tal como os vídeos de relato. Visto que na informação científica é recorrente a presença de termos, na divulgação de especialista para leigo e de leigo para leigo, os termos passam pelo processo, classificado por Barbosa (2005), de “popularização” de linguagens especializadas, caracterizado pela passagem do termo da especialidade para o léxico comum. Com base no que foi exposto, a pergunta desta pesquisa é: como se elabora uma definição adequada de um termo do campo da Cirurgia Cardiovascular criada por um especialista para outro especialista, por um especialista para um leigo e por um leigo para outro leigo, no Brasil? O objetivo deste estudo, que está em desenvolvimento, é analisar os termos e suas definições utilizados em materiais de especialidade, isto é, artigo científico, dissertação e tese, e em materiais de divulgação do conhecimento, por exemplo, matérias de portais e legendas de vídeos postados na internet. A hipótese é que o processo de simplificação textual acontece na redação das definições quando o público-alvo é leigo. A segunda hipótese, baseada em Pilkington (2019), é que entre especialistas, a definição segue o modelo da definição analítica, mas quando o público da definição é leigo, esse modelo tradicional é menos recorrente, além de ser complementado por outros recursos, como as metáforas. Este trabalho apresenta relevância linguística e social. Sob o ângulo da Linguística, trata-se de um estudo da estrutura de definições de termos que saíram do ambiente altamente especializado e, por meio da divulgação científica, passaram a circular no léxico geral. Sob a perspectiva social, este estudo poderá contribuir na formulação de instrumentos que possibilitem o acesso ao conhecimento. Esta pesquisa é fundamentada nos conceitos da definição de termos na popularização da ciência, de Pilkington (2019); simplificação textual, de Paraguassu (2018); Terminologia Aplicada, de Barbosa (2009), Teoria Comunicativa da Terminologia, de Cabré (1998); Teoria Sociocognitiva da Terminologia, de Temmerman (2004). A Linguística de *Corpus* é adotada como abordagem, com Berber Sardinha (2006). A compilação dos textos de especialidade será por meio da “pesquisa avançada” do *Google*, formando o primeiro *corpus*. Em relação aos textos de divulgação da ciência, a seleção acontecerá em sites e canais do *YouTube* especializados em divulgar o conhecimento médico para leigos, constituindo o segundo e o terceiro *corpus*. Quanto aos vídeos, as legendas serão selecionadas a partir do recurso “Abrir transcrição” da própria plataforma. Depois da limpeza dos *corpora*, eles serão processados no *WordSmith Tools* (SCOTT, 2020), versão 8, para a identificação e análise dos termos e das definições. Com base nas definições encontradas nos *corpora*, serão elaboradas três definições para o mesmo termo, ou seja, uma para cada nível: de especialista para especialista, de especialista para leigo e de leigo para leigo que serão inseridas no VoTec (FROMM, 2007). Essa organização estrutural permitirá uma análise contrastiva entre os tipos de definições do mesmo termo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. A. Terminologia e lexicologia: plurissignificação e tratamento transdisciplinar das unidades lexicais nos discursos etno-literários. **Rev. de Letras**, Ceará, v. 1/2, n. 27, p. p. 103-107, 2005.
- BARBOSA, M. A. Terminologia aplicada: percursos interdisciplinares. **Polifonia**, Cuiabá, n. 17, p. 29-44, 2009.
- BERBER SARDINHA, T. **Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- CABRÉ, M. T. **Terminology: theory, methods, and applications**. Edição de Juan C. Sager. Tradução de Janet Ann DeCesaris. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998.
- FROMM, G. **VoTec: a construção de vocabulários eletrônicos para aprendizes de tradução**. 2007. 210 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- PARAGUASSU, L. B. **Tradução especializada acessível (tea): revisão do tema e proposta de disciplina para cursos de graduação em tradução**. 272 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- PILKINGTON, O. A. Definitions of Scientific Terminology in Popular Science Books: an examination of definitional chains. **Science Communication**, Newbury Park, v. 41, n. 5, p. 580-601, 2019.
- SCOTT, M. **WordSmith Tools version 8**. Stroud: Lexical Analysis Software, 2020.
- TEMMERMAN, R. Teoria Sociocognitiva da Terminologia. Tradução: Natacha Enzweiler; Luzia Araújo. Revisão: Talia Bugel. **Cadernos da Tradução: A terminologia em foco**, Porto Alegre, n. 17, p. 31-50, 2004.

O PROCESSO PARA CHEGAR A UMA FERRAMENTA *ON-LINE* SOBRE ELEMENTOS COESIVOS DA LÍNGUA PORTUGUESA USADOS EM REDAÇÕES ESTILO ENEM

Daniela Faria GRAMA (PPGEL/UFU/CAPES)
Orientador: Prof. Dr. Guilherme FROMM

A presente pesquisa de Doutorado, em estágio intermediário/final, tem o objetivo de disponibilizar uma ferramenta *on-line* que contemple definições e outros tipos de informações (frequência, exemplos de uso, variantes etc.) sobre elementos coesivos da língua portuguesa, a fim de auxiliar alunos de 1º ao 3º ano do Ensino Médio na escrita de redações estilo ENEM. No que diz respeito à fundamentação teórica do nosso trabalho, podemos dizer que, em especial, lançamos mão das contribuições da Lexicografia, da Lexicografia Pedagógica e da Linguística Textual. A nossa investigação é de natureza quali-quantitativa e se vale da metodologia e abordagem da Linguística de Corpus. Durante o nosso percurso acadêmico no Doutorado, ampliamos um corpus de redações que havíamos começado a constituir no Mestrado. No Mestrado, conforme Grama (2016), tínhamos 1.399 dissertações argumentativas, agora, temos 2.325. Tais redações foram elaboradas nos moldes do ENEM e, a partir de análises que fizemos dessa reunião de textos, com o auxílio do programa de análise lexical *WordSmith Tools* versão 7 (SCOTT, 2016), obtivemos informações importantes que nos levaram à proposição da estrutura de uma ferramenta *on-line*. Vale ressaltar que já fizemos o estado da arte de nossa pesquisa. Realizamos buscas no *Google* e na *PlayStore*, com o propósito de verificar quais tipos de ferramentas ou de aplicativos relacionados ao emprego de elementos coesivos em redações existem. Em relação às buscas no *Google*, utilizamos uma plataforma, denominada EduTec, que auxilia a encontrar outras plataformas de estudo. Assim, nos valem dela para realizar nossas buscas. Sobre as que realizamos na *PlayStore*, baixamos 84 aplicativos que poderiam ter algum conteúdo relacionado ao uso de elementos coesivos, no entanto apenas 16 realmente tinham. De maneira geral, não encontramos nenhuma ferramenta *on-line* semelhante a que nos propomos a elaborar no Doutorado. Atualmente, estamos analisando o corpus para definir quais elementos coesivos farão parte da nominata da nossa ferramenta de acordo com os critérios que definimos. Um deles é a frequência, pois é importante que nossa ferramenta contemple tanto os elementos coesivos que são mais utilizados em redações quanto os que quase não ocorrem, justamente para que o consultante possa variar o seu repertório de recursos coesivos na escrita da redação estilo Enem. De acordo com as orientações da Cartilha do Participante, disponibilizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), a banca de professores que analisa as redações do Enem exige que o participante articule de maneira satisfatória as partes de sua produção textual, demonstrando que domina uma diversidade de recursos coesivos. É a partir desse critério que o participante pode obter uma nota integral na competência relacionada ao uso da coesão (BRASIL, 2018, p. 22). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Diretoria de Avaliação da Educação Básica (DAEB). **Redação no Enem 2018: Cartilha do Participante**. Brasília: Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2018. Disponível em:



http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2018/manual_de_redacao_do_enem_2018.pdf. Acesso em 27 set. 2019.

GOOGLE. Disponível em: <https://www.google.com/>. Acesso em: 23 set. 2019.

GRAMA, D. F. **Uma análise lexicográfica dos elementos coesivos sequenciais do português para a elaboração de uma proposta de definição**: um estudo com base em *corpus*. Orientador: Guilherme Fromm. 2016. 371 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/18084>. Acesso em: 27 set. 2019.

PLAY STORE.

PLATAFORMA EDUTEC. Disponível em: <http://plataformaedutec.cieb.net.br/>. Acesso em: 23 set. 2019.

SCOTT, M. **WordSmith Tools version 7**. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2016.

HARMONIZANDO UNIDADES FRASEOLÓGICAS ESPECIALIZADAS DO PORTUGUÊS PARA FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS

Joel Victor Reis LISBOA (PPGEL/UFU/CAPES)
Orientador: Prof. Dr. Guilherme FROMM

Português para Falantes de Outras Línguas (PFOL) é uma subárea da Linguística Aplicada voltada à pesquisa, à formação de professores e ao ensino da língua portuguesa para alunos não-lusófonos. Por atuar em contextos diversos e heterogêneos, a área naturalmente se ramifica em diversas subáreas em função dos contextos de ensino, das necessidades e dos objetivos linguísticos dos públicos-alvo. Na literatura da área, é possível encontrar diversas subáreas de atuação do PFOL, como Português como Língua Estrangeira, Português como Segunda Língua, Português como Língua Adicional, Português como Língua de Acolhimento, Português como Língua de Herança, dentre muitas outras. Concomitantemente a essa diversidade de áreas, percebe-se uma alta variação, imprecisões e inconsistências terminológicas em relação à denominação dessas subáreas que, em geral, são designadas por Unidades Fraseológicas Especializadas (UFEs). É comum que duas subáreas, consideradas distintas por alguns autores, sejam designadas por uma mesma UFE por outros autores, bem como é comum que uma mesma subárea seja designada por duas ou mais UFEs distintas em trabalhos diferentes ou, muitas vezes, até no mesmo texto. É nesse cenário que esta pesquisa se insere, objetivando propor uma harmonização terminológica, a nível formal, das UFEs designadoras da área e de subáreas do PFOL. Para isso, nesta pesquisa, nos apoiamos nos expoentes teóricos da Terminologia e da Terminografia – Rey (1995), Wüster (1998), Cabré (1999), Krieger e Finatto (2004), Tagnin e Bevilacqua (2013), dentre outros – e, em relação à abordagem e metodologia, nos guiamos pelos princípios metodológicos da Linguística de *Corpus*, a partir das leituras de Sinclair (1991), Biber (1993), McEnery e Wilson (2001), Berber Sardinha (2004), Sinclair (2005), O’Keeffe, McCarthy e Carter (2007), Tagnin e Vale (2008), O’Keeffe e McCarthy (2010), dentre outros trabalhos. Em suma, os passos metodológicos desta pesquisa são: (i) compilação e tratamento do *corpus* de estudo; (ii) processamento do *corpus* no programa de análise lexical *WordSmith Tools 6.0* (SCOTT, 2012); (iii) identificação de UFEs designadoras de subáreas; (iv) análises semasiológicas quali-quantitativas; (v) formação e supressão de equivalências entre UFEs, e eleição de UFEs harmonizadas a partir dos critérios de frequência e de (co)ocorrência. No momento da escrita deste resumo, o *corpus* já foi compilado e está em fase de tratamento para, a partir disso, darmos início às análises semasiológicas quali-quantitativas e à proposta de harmonização terminológica. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004.
- BIBER, D. Representativeness in corpus design. **Literary and Linguistic Computing**, Oxford, v. 8, n. 4, p. 243-257. 1993.
- CABRÉ, M. T. **Terminology: theory, methods and applications**. Edição de Juan Carlos Sager. Tradução de Janet Ann DeCesaris. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1075/tlrp.1>.
- KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

- McENERY, T.; WILSON, A. **Corpus linguistics: an introduction**. 2. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.
- O'KEEFFE, A.; McCARTHY, M. (ed.). **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. Abingdon: Routledge, 2010. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203856949>.
- O'KEEFFE, A.; McCARTHY, M.; CARTER, R. **From corpus to classroom: language use and language teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- REY, A. **Essays on Terminology**. Tradução e edição de Juan Carlos Sager. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1075/btl.9>.
- SCOTT, M. **WordSmith Tools version 6**. Stroud: Lexical Analysis Software, 2012. Disponível em: <https://www.lexically.net/wordsmith/downloads/>. Acesso em: 4 nov. 2020.
- SINCLAIR, J. Corpus and Text: basic principles. *In*: WYNNE, M. (ed.). **Developing Linguistic Corpora: a guide to good practice**. Oxford: AHDS, 2005. p. 1-16.
- SINCLAIR, J. **Corpus, Concordance, Collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- TAGNIN, S. E. O.; BEVILACQUA, C. R. (org.). **Corpora na Terminologia**. São Paulo: Hub Editorial, 2013.
- TAGNIN, S. E. O.; VALE, O. A. (org.). **Avanços da Linguística de Corpus no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2008.
- WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica**. Tradução de Anne-Cécile Nokerman. Barcelona: IULA, 1998.

O ESTILO LEXICAL DE PAULO COELHO: ESTUDO CONDUZIDO POR *CORPUS*

Marden Aleandro RANGEL (PPGEL/UFU)
Orientador: Prof. Dr. Guilherme FROMM

Paulo Coelho é um dos escritores mais comentados nos meios literários e noticiados pela imprensa mundial, além de ser responsável por atrair inúmeros leitores em diversos países. Pelas notícias percebe-se que sua obra não é bem aceita pelos críticos e acadêmicos. Entretanto, é impossível mencionar a cultura e a literatura contemporâneas brasileiras e mundiais sem citar o nome do literato. Mesmo os mais avessos aos seus livros convivem com o fato de ele ser o oitavo ocupante da cadeira de número 21 da Academia Brasileira de Letras (ABL), ter batido recordes mundiais de vendas de seus exemplares e ter recebido diversos prêmios e honrarias. Mesmo com tantas controvérsias e com inúmeros leitores, interessados principalmente em seus romances, ainda é pequeno o número de estudos acadêmicos voltados para a obra de Paulo Coelho, principalmente quanto ao seu léxico e ao seu estilo. Diante disso, a pesquisa de Mestrado Acadêmico, intitulada “O estilo lexical de Paulo Coelho: estudo conduzido por *corpus*”, analisa o estilo lexical presente nos romances literários do autor. A hipótese é que o autor conta com recursos capazes de tornar seus escritos cada vez mais lidos. Por se tratar de obras literárias, o artifício utilizado talvez seja o estilo lexical, possuidor de características capazes de criar marcas próprias do autor e de despertar o interesse pela leitura, talvez um dos motivos de seu sucesso. A proposta é verificar a abrangência e a alternância lexical presente nos romances literários do autor, fazer um levantamento qualitativo do léxico de cada romance analisado e do conjunto de todos eles, examinar as palavras mais e menos utilizadas e ainda verificar se o estilo lexical do autor se alterou durante os anos, entre outros. Para isto, a pesquisa se baseia em pressupostos teóricos sobre Léxico, Estilística e Estilística de *Corpus*, tendo como ferramenta de pesquisa a Linguística de *Corpus*. O *corpus* utilizado para os estudos conta com 16 romances, sendo que foram excluídas as notas de rodapé, notas do autor, dedicatórias e demais citações. Os livros utilizados são, em ordem de lançamento, *O diário de um mago* (1987), *O alquimista* (1988), *Brida* (1990), *As Valkírias* (1992), *Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei* (1994), *O Monte Cinco* (1996), *Verônica decide morrer* (1998), *O demônio e a srta. Prym* (2000), *Onze minutos* (2003), *O Zahir* (2005), *A bruxa de Portobello* (2006), *O vencedor está só* (2008), *O Aleph* (2010), *Adultério* (2014), *A espiã* (2016) e *Hippie* (2018). Os romances foram adquiridos em versões impressas, pois ainda não estão disponíveis na internet para domínio público, tendo sido adquiridas as primeiras edições comercializadas, pois estas são mais fidedignas ao estilo de escrita de Paulo Coelho e não tiveram alterações. Em seguida, cada romance foi digitalizado por scanner no formato PDF e convertido para o formato Word. A conversão foi feita pela tecnologia Optical Character Recognition (OCR), que reconhece caracteres a partir de imagens digitalizadas, datilografadas, escritas à mão e textos impressos, tornando-os editáveis. Para a exploração digital do *corpus*, utiliza-se a metodologia e abordagem da Linguística de *Corpus*, por meio do programa WordSmith Tools, que conta com recursos capazes de analisar vários aspectos da linguagem. Alguns deles são a composição lexical, os temas dos textos analisados e a organização retórica dos gêneros discursivos. Destaca-se que o WordSmith Tools é um conjunto de programas integrados e que se utilizam das ferramentas WordList, Keywords e Concord, capazes de analisar aspectos da linguagem. A pesquisa não está finalizada, mas com ela pretende-se contribuir com os estudos linguísticos e literários, principalmente para as ciências do Léxico, da Estilística, da Estilística de *Corpus* e da Linguística de *Corpus* e ainda para o melhor entendimento da obra de Paulo Coelho.

REFERÊNCIAS

- COELHO, Paulo. **A bruxa de Portobello**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.
- COELHO, Paulo. **A espia**. 1ª ed. São Paulo: Paralela, 2016.
- COELHO, Paulo. **Adultério**. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.
- COELHO, Paulo. **As Valkírias**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- COELHO, Paulo. **Brida**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- COELHO, Paulo. **Hippie**. São Paulo: Paralela, 2018.
- COELHO, Paulo. **Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- COELHO, Paulo. **O Aleph**. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.
- COELHO, Paulo. **O alquimista**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- COELHO, Paulo. **O demônio e a Srta. Prym**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- COELHO, Paulo. **O diário de um mago**. 26ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- COELHO, Paulo. **O Monte Cinco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- COELHO, Paulo. **O vencedor está só**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- COELHO, Paulo. **O Zahir**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- COELHO, Paulo. **Onze minutos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- COELHO, Paulo. **Veronika decide morrer**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

A DESCRIÇÃO DE VERBOS E SUBSTANTIVOS FREQUENTES NO LÉXICO POMERANO SEGUNDO A BASE DE DADOS *POMMERSCHE KORPORA*

Neubiana Silva Veloso BEILKE (PPGEL/UFU/CAPES)

Orientador: Prof. Dr. Guilherme FROMM

Este texto é um breve resumo da nossa tese de doutoramento em andamento, a qual passou recentemente por mudança de enfoque. A partir dessa reorientação, a necessidade de fundamentações e referenciais teóricos existentes somente na Alemanha se tornou indispensável. Trata-se de uma continuidade do trabalho que desenvolvemos em nossa dissertação de mestrado, a partir da qual constituímos um conjunto de *corpora*, denominado *Pommersche Korpora* (PK), que contém textos e palavras com indícios do que defendemos ser uma variedade brasileira do pomerano, denominada *Brasilianisch-Pommersch* (BEILKE, 2014). Estudar o pomerano é relevante como meio de disseminação do conhecimento sobre essa variedade, visto que é um objeto de investigação com potencial para contribuir no entendimento dos fenômenos linguísticos em geral, não só dos contatos de línguas, como é o caso das influências do português no pomerano, mas ainda nas formas de constituição, conservação e inovação do léxico. Em outras palavras, consideramos relevante identificarmos e divulgarmos as formas que o léxico assume na cultura pomerana, o que pode ser feito, em parte, por meio de sua descrição, ainda que ela seja feita inicialmente apenas de algumas categorias gramaticais. Elaboramos duas hipóteses de pesquisa, sendo (i) o contraste entre o *corpus* de referência do baixo alemão e o PK oferece parâmetros para a identificação de características específicas do pomerano, pois a variação fonética do tipo P (Pomerano) em casos como *mien; schwien, tied, noogel, hoogel, jelb, jeld, jeschieden*, em relação ao A (Alto Alemão) no que se refere a *mein; schwein, zeit, nagel, hagel, gelb, geld, geschieden*, indica a existência um padrão sistemático e não aleatório, o qual não gera morfemas diferentes e referem-se aos mesmos itens lexicais. Fato recorrente que nos leva a conjecturar que a diferença do pomerano em relação ao alto alemão é, sobretudo, fonética, e não lexical e (ii) a descrição, o estudo aprofundado e a análise das amostras à luz das teorias e gramáticas sobre o baixo-alemão, buscadas na origem alemã, contribuirão para a melhor classificação e identificação linguística do pomerano dentro do grupo das línguas germânicas e do subgrupo do *Plattdeutsch/Niederdeutsch*. Os dados a serem observados e testados, as evidências que o *corpus* fornece e os padrões detectados em contraste com os arcabouços científicos anteriormente postulados confirmarão ou refutarão nossa afirmação de que o pomerano é tributário do que se denomina alemão de modo mais genérico. O nosso objetivo geral é descrever alguns aspectos lexicais do pomerano e focar nos verbos e substantivos de maior frequência nos *corpora* de estudo. Os nossos objetivos específicos são: (i) descrever alguns substantivos e verbos, identificando algumas de suas flexões, conjugações e combinações por meio de abordagem descritiva; (ii) analisar os dados levando em consideração a perspectiva dos contatos de línguas; (iii) identificar casos de inovação no PB (pomerano brasileiro) devido ao contato com a LP, a fim de analisar algumas formações de substantivos nessa variedade e (iv) identificar casos de conservação no PB em relação ao PE (pomerano europeu). Nossa fundamentação teórica apoia-se nos estudos que consideram o pomerano como pertencente ao tronco indo-europeu e à família das línguas germânicas, situado dentro do grupo do baixo alemão, proveniente das terras baixas (planas) do norte da Europa, onde é denominado *Pommersches Plattdüütsch* (VOLLMER, 2008; HERRMANN-WINTER, 1998), ou seja, o baixo alemão pomerano situado dentro do grupo maior do baixo alemão do leste e do subgrupo linguístico do Germânico do Oeste. Na Europa, essa variante é considerada um *Mundart* ou *Dialekt*, porque possui o *status* político e histórico de dialeto alemão (HERRMANN-WINTER, 1998; VOLLMER, 2008), o qual está situado dentro das oito

variedades dialetais do pomerano (HERRMANN-WINTER, 1998). Presente no Brasil há mais de 160 anos, devido à imigração que remonta aos anos de 1856 (GRANZOW, 2009), essa variedade passou por transformações linguísticas e históricas ao longo do tempo no contexto brasileiro. A necessidade do desenvolvimento de estudos do pomerano contendo análises dos níveis sintático, semântico, morfológico, lexical, gramatical etc. é respaldada em Gagelmann (2015). Estudos como esses podem nos esclarecer quais são as proximidades e os distanciamentos entre o alemão e o pomerano. São justamente esses elementos que nos intrigam, haja vista nossa já referida hipótese de que não há grandes diferenças entre pomerano e alemão em nível lexical. As variações parecem estar ligadas aos aspectos fonéticos, o que verificaremos no decorrer do nosso estudo. A Linguística de *Corpus* (LC) é também parte de nossa fundamentação, enquanto abordagem-metodologia, pois permite a descrição linguística a partir de uma base empírica, a qual possui o potencial de elaboração de constructos teóricos parte da observação dos fatos e da frequência de padrões sistemáticos. A LC permite a elaboração de hipóteses e, conseqüentemente, a realização de generalizações e a formulação de teorias que busquem explicar os fenômenos presentes nas evidências, posicionamento endossado por Tognini-Bonelli (2001). Quanto aos procedimentos metodológicos desenvolvidos até o momento, o primeiro procedimento foi a ampliação do PK por meio do acréscimo de dados no acervo anterior que, após a expansão, atinge 200.160 itens e 23.705 formas distintas. O procedimento seguinte foi a compilação de um *corpus* de referência. Para isso, selecionamos materiais autênticos em *Plattdeutsch*. Esse *corpus* de referência do baixo alemão foi compilado, organizado e denominado de *Plattdeutsche Referenzkorpus*, o qual contabiliza 1.032.460 itens e 86.039 formas. Outros procedimentos metodológicos estão em andamento: a extração de amostras autênticas do pomerano da base de dados PK, a extração de amostras de substantivos e de verbos frequentes no PK, a extração de linhas de concordâncias significativas para posterior análise, a localização e extração de *clusters* (agrupamentos de palavras), *collocates* (colocados), *patterns* (padrões) e a lematização. Esses procedimentos precisam do apoio de referenciais europeus, inclusive de gramáticas do *Ostpommersch*, assim poderemos estabelecer comparações e identificar possíveis conservações e inovações entre o PE e o PB. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- BEILKE, N. S. V. Ach Já! Fraseologismos em pomerano e em alemão. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 8, n. 2, p. 178-201, 2014.
- GAGELMAN, M. **Pomerano - Die Verschriftung einer niederdeutschen Varietät in Brasilien**. Bachelorarbeit im Fach Deutsch der Philosophischen Fakultät. Christian-Albrechts-Universität zu Kiel, 2015.
- GRANZOW, K. **Pomeranos: sob o cruzeiro do sul, colonos alemães no Brasil**. Trad. Selma Braum. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009. v. 10.
- HERRMANN-WINTER, R. Zur Geschichte der Dialektgeographie in Pommern. In: ASMUS, I. et al. Greifswald: [s.n.]. 1998, S. 299-304.
- TOGNINI-BONELLI, E. **Corpus Linguistics at Work**. Amsterdam e Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- VOLLMER, M. Zur pommerschen Dialektlexikographie. Kosegartens Wörterbuch der niederdeutschen Sprache älterer und neuerer Zeit: **Jahrbuch des Vereins für niederdeutsche Sprachforschung**. Greifswald: [s.n.], 2008.

O FALAR REGIONAL DO TRIÂNGULO MINEIRO NAS COMUNIDADES RURAIS DE CASCALHO RICO E UBERLÂNDIA

Romilda Ferreira SANTOS (PPGEL/UFU)

Orientador: Prof. Dr. José Sueli de MAGALHÃES

O presente estudo, recorte de nossa pesquisa de doutorado, tem como objetivo principal caracterizar o falar rural em áreas rurais das cidades de Uberlândia e Cascalho Rico, localizadas na Região Geográfica Imediata de Uberlândia-MG. A fim de tornar mais evidente a caracterização desse falar, serão selecionados para participar da pesquisa moradores de comunidades rurais nos arredores do distrito de Martinésia e do distrito de Santa Luzia da Boa Vista, pertencentes, respectivamente, aos municípios de Uberlândia e Cascalho Rico. Além disso, nossa pesquisa será direcionada a partir dos seguintes objetivos específicos: i) verificar como os fenômenos elencados, característicos da fala rural, ocorrem nas localidades onde a pesquisa será realizada; ii) fazer um levantamento (análise) das variantes dos fenômenos pesquisados entre as duas localidades; iii) verificar quais contextos linguísticos e/ou extralinguísticos apresentam influência no uso dos fenômenos pesquisados; iv) identificar a produtividade dos fenômenos elencados. A motivação para esse estudo partiu da constatação de que diferentes pesquisas sociolinguísticas têm sido desenvolvidas no intuito de tratar da variação presente no português brasileiro. Projetos como o VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), o VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba), o EALMG (Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais) têm fornecido uma robusta fonte de dados utilizada em diversificados estudos relacionados às variedades regionais. No que tange ao estado de Minas Gerais, o número de estudos sociolinguísticos relacionados ao português mineiro é grande, dentre os quais, podem ser citados Alkmim (2001); Almeida-Baronas (2007); Ribeiro (2013; 2017), sendo notório que eles têm contribuído sobremaneira para o delineamento sociolinguístico mineiro. Entretanto, toda a pesquisa feita ainda não foi suficiente para abarcar toda a complexidade presente no referido estado. Essa lacuna pode ser sentida, de forma ainda mais contundente, quando se trata do Dialeto Caipira (doravante DC) utilizado em regiões rurais do Triângulo Mineiro, o qual ainda é, muitas vezes, identificado (ou estigmatizado) via certas variantes – tais como o rotacismo. Nesse contexto, esse estudo se justifica por ter como objetivo principal caracterizar o falar rural em áreas rurais mineiras. Essa pesquisa é importante, ainda, por fomentar discussões acerca da necessidade de se dar ao DC maior atenção, pois a compreensão de suas características poderá auxiliar na descrição e análise dos dialetos mineiros e, conseqüentemente, do português do Brasil. A revisão teórica será embasada, principalmente, nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, [1972] 2008). No que se refere ao DC serão analisadas as obras de Amaral (1920); Castilho (2010); Ribeiro (2013, 2017), entre outras que se fizerem necessárias. Como procedimentos a serem utilizados no decorrer da pesquisa, destacamos, além das consultas teóricas e bibliográficas, a coleta dos dados, por meio de entrevistas com moradores nascidos e crescidos na zona rural das localidades previamente selecionadas. Nosso intuito é entrevistar doze informantes de cada distrito, perfazendo um total de 24 sujeitos participantes. A estratificação dos informantes será feita observando, além da localização geográfica, as variáveis sociais sexo, faixa etária e escolarização. Embasados nos estudos de Amaral (1920), foram selecionados para essa pesquisa fenômenos de natureza fonético-fonológica, sinalizados por esse autor como característicos do Dialeto Caipira: i) a perda da vogal átona inicial; ii) a nasalação das átonas iniciais; iii) a queda das vogais átonas postônicas nas proparoxítonas; iv) a perda da nasalidade e monotongação dos ditongos finais; v) rotacismo; vi) a iodização (ou despalatalização) de /k/. No que se refere ao embasamento teórico necessário para a compreensão dos processos presentes no DC, utilizaremos, dentre outros, o

modelo de sílaba proposto por Selkirk (1982). Após a gravação das entrevistas, os dados coletados serão transcritos foneticamente. A manipulação dos dados será feita por meio do software R. Dessa forma, serão estudadas as ocorrências dos fenômenos variáveis e a respectiva distribuição por informante e, posteriormente, por localidade. Essa pesquisa encontra-se em estágio inicial de realização e, portanto, não há resultados a serem apresentados.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, M. G. R. de. **As Negativas Sentenciais no Dialeto Mineiro: uma abordagem variacionista**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte, UFMG, 2001.
- ALMEIDA BARONAS, J. E. Falar rural: é possível alterar uma tradição (?). **Revista da Abralin**. Curitiba. v. 6, n. 1. p. 95-110, 2007.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi, 1920.
- CASTILHO, A. T. **Português Brasileiro: descrição, história, teorização**. Linguística (Madrid), v. 24, p. 77-100, 2010.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Marta Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- RIBEIRO, P. R. O. **O perfil sociolinguístico do município de Oliveira Fortes-MG: a concordância nominal e verbal**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.
- RIBEIRO, P. R. O. **Variação linguística na fala rural: uma análise de dois municípios da Zona da Mata de Minas Gerais**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.
- SELKIRK, E. The Syllable. In: HULST; SMITH. (eds.). **The Structure Phonological Representations (Part II)**. Dordrecht Foris. p. 337-383. 1982.

O RIO GRANDE COMO FRONTEIRA LINGUÍSTICA: O COMPORTAMENTO DAS VOGAIS PRETÔNICAS EM UBERABA/MG E IGARAPAVA/SP

Rosana Agreli Melo CAMPOS (PPGEL/UFU)

Orientador: Prof. Dr. José Sueli de MAGALHÃES

A presente pesquisa, desenvolvida em nível de mestrado acadêmico em Estudos Linguísticos, visa à discussão e à compreensão da variação linguística presente nos municípios de Uberaba/MG e Igarapava/SP, consistente no comportamento das vogais médias pretônicas, as quais poderiam abaixar pelo fenômeno fonológico de harmonização. Pretende-se a comparação das variantes presentes nos dois municípios, analisando-se os fatores linguísticos e extralinguísticos envolvidos. Por uma análise prévia, poder-se-ia constatar que ocorre o abaixamento da vogal que antecede a sílaba tônica quando, na posição tônica, estão as vogais médias /ε/ e /□/. Mas que fatores do contexto social e fonológico estariam envolvidos? A hipótese levantada neste estudo é de que o Rio Grande constitui, de fato, uma fronteira linguística, havendo variações distintas em Uberaba e Igarapava. Assim, é nossa proposta investigar situações que poderiam favorecer o abaixamento da vogal pretônica, como a estrutura da palavra, a distância da tônica, o contexto fonológico (poderia haver assimilação de traços do segmento antecedente ou do seguinte?) e também fatores extralinguísticos, em especial, a questão geográfica. O fenômeno da harmonização das vogais médias pretônicas está relacionado a processos fonológicos que podem ser demonstrados pela Geometria de Traços, teoria fonológica desenvolvida por Clements e Hume (1995) com base nos estudos de Goldsmith (1976) sobre as línguas tonais. Tais estudos demonstram que os segmentos não estão relacionados aos seus traços em uma matriz de um-para-um, ou seja, a relação não é bijetiva. De acordo com essa teoria fonológica, um traço poderia ser apagado sem que o segmento desaparecesse. Ainda, um traço poderia estender-se além do segmento, espalhando para um segmento vizinho. Nesse mesmo entendimento, temos também que os traços distintivos estão dispostos não de forma aleatória, em uma matriz, mas se organizam hierarquicamente, em uma árvore, partindo de uma raiz e subdividindo-se em nós. Sabemos que a língua, embora seja entidade organizada e passível de estudo, não é homogênea. Há diversos padrões vocálicos no Brasil, ou mesmo em Minas Gerais, e é evidente a importância da valorização e do reconhecimento dessa diversidade. Justifica-se esta pesquisa pela necessidade de se conhecerem os falares regionais do Brasil. A coleta de dados e a investigação de fenômenos fonológicos locais pode contribuir para a formação do acervo de dados da região, o que pode ser de grande utilidade para análises futuras, possibilitando que se construa o mapa dessa variação. O presente trabalho traz como principal objetivo descrever a variação linguística presente nas margens sul e norte do Rio Grande, observando o comportamento das vogais médias pretônicas. Além disso, pretende-se: investigar a harmonização das vogais médias pretônicas na fala de mulheres e homens, ao sul e ao norte do Rio Grande; investigar se fatores como a posição da vogal na palavra ou a distância da tônica favorecem o abaixamento, quantificar a ocorrência do fenômeno, para avaliar se constitui um padrão característico do falar regional dos municípios de Uberaba/MG e de Igarapava/SP; comparar os dados coletados nos dois municípios e verificar se a variação ocorre do mesmo modo nas duas localidades; verificar se a alteração é fonética e regular ou se ocorre apenas em vocábulos mais frequentes. Considerando que o objeto de estudo é a língua em uso e que a língua falada é heterogênea, embora seja possível descrevê-la por regras, adotaremos a metodologia da Sociolinguística, com a abordagem da Teoria da Variação, originada nos estudos de William Labov (2008) e Weinreich, Labov e Herzog (2006). Pelo fato de esta pesquisa visar a descrever as

variações a norte e a sul do Rio Grande, para que se analise a existência de uma fronteira linguística, escolheram-se os municípios limítrofes de Uberaba, localizado no Triângulo Mineiro, e de Igarapava, no interior de São Paulo. Tendo como mais relevante para a presente pesquisa o estabelecimento de dados em relação à região geográfica, não serão relevantes as variáveis independentes idade e escolaridade. Pelo contrário, colocamos como critério para seleção dos informantes ter idade entre 30 e 50 anos e ter cursado o Ensino Médio para que se garanta que sejam adultos com a fala já consolidada, e com um nível não tão distinto de escolarização, para que, dos dois lados do Rio Grande, em grupos não tão distintos, se verifique a variável dependente que se pretende analisar. Na seleção dos informantes, seguiremos o modelo de amostragem aleatória estratificada, para que seja possível verificar a ocorrência do fenômeno em estudo nos diversos grupos sociais. A população da pesquisa constituir-se-á de quatro indivíduos de cada categoria gerada pela combinação das variáveis sexo e região geográfica, totalizando 16 participantes. Ressalte-se que a realização de mais entrevistas tornaria inviável a conclusão do trabalho no prazo de dois anos, como é necessário para uma pesquisa em nível de mestrado. Tendo-se as entrevistas gravadas, passaremos à sua transcrição. Segundo Paiva (2004, 136), “o objetivo básico de uma transcrição é transpor o discurso falado, da forma mais fiel possível, para registros gráficos mais permanentes, necessidade que decorre do fato de que não conseguimos estudar o oral através do próprio oral.” Neste estudo, a transcrição deve ser cuidadosa, principalmente na representação da ocorrência ou não da variação em tela. Após transcritos os dados, serão estes codificados para alimentação de programa computacional que os possa quantificar e gerar as estatísticas a serem analisadas. Por fim, será possível interpretar os dados obtidos para confirmação ou não das hipóteses levantadas.

REFERÊNCIAS

- CLEMENTS, George N.; HUME, Elizabeth V. The internal organization of speech sounds. In GOLDSMITT, John (org.). **The Handbook of Phonological Theory**. London: Blackwell, 1995.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- GOLDSMITH, John A. **Autosegmental Phonology**. Massachusetts: MIT, 1976. Disponível em <http://www.ai.mit.edu/projects/dm/theses/goldsmith76.pdf>. Acesso em: 13 set. 2019.
- PAIVA, Maria da Conceição. Transcrição de dados linguísticos. In MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; Herzog, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.



RESUMOS

LINHA DE PESQUISA 2:
LINGUAGEM, TEXTO E DISCURSO

(RES)SIGNIFICANDO A VELHICE: UM OLHAR PARA O ESPELHO

Stella Ferreira MENEZES (PPGEL/UFU/CAPES)
Orientadora: Profa Dra. Carla Nunes Vieira TAVARES

O aumento da população idosa no Brasil é um fato perceptível na sociedade atual, bem como o preconceito e o isolamento social que muitas dessas pessoas sofrem, levando-as a desenvolver sentimentos de abandono, medo, solidão, e em alguns casos, quadros de depressão. Esse cenário tem sido acirrado diante da pandemia de COVID-19, que assola o mundo todo, pois idosos são considerados como pertencentes a um dos grupos de risco e, caso contraíam a doença, apresentam um risco maior de complicações. Além de estarem vivendo um isolamento social longe de alguns familiares e amigos, a memória discursiva social sobre eles é associada a sentidos de inutilidade, improdutividade e incapacidade, apontando para uma imagem desvalorizada socialmente. Simone de Beauvoir, em 1970, publicou uma obra intitulada “A velhice” denunciando o silenciamento da sociedade em relação a essa etapa da vida. A autora apresenta o tema como sendo, muitas vezes, um tabu na sociedade, pois muitas pessoas não se veem confortáveis em falar sobre o processo de envelhecimento. Isso reforça ainda mais o preconceito e o isolamento que os idosos sofrem. Pensando nisso, esta pesquisa tem como objetivo investigar o processo de (res)significação da representação de velhice para esse público que se diz e/ou é dito velho, idoso, da terceira idade, entre outros nomes que lhes são atribuídos, por meio de oficinas de arte e práticas de narrativização de si, de modo a oportunizar alterações na constituição identitária. Para a realização desta pesquisa, foi criado um projeto de extensão chamado Desabroche, que está em andamento neste segundo semestre de 2020, com objetivo de proporcionar um espaço de palavra on-line para idosos acima de 60 anos. Nesse espaço são levantadas discussões a partir de produções artístico-culturais sobre o tema do envelhecimento e da pandemia de COVID-19. A escolha da arte como canal para possíveis momentos de reflexão sobre experiências relacionadas ao processo de envelhecimento se deu pelo fato de que ela se apresenta como uma possível saída diante de questões em que a linguagem falha (LIMA, VIANNA & LIMA. 2015), ou seja, quando a linguagem não é capaz de representar a parcela de real que atravessa o sujeito na sua existência. Nos encontros do Desabroche, os participantes são apresentados, em um primeiro momento, a produções artístico-culturais como filmes, músicas, literatura, etc. Em um segundo momento, os participantes levantam tópicos de discussão em relação à produção artística escolhida e experienciada; e, em um terceiro momento, eles produzem narrativas de si sobre os temas abordados, da forma que julgarem melhor. O material de análise tem sido constituído por um diário de bordo, contendo anotações e impressões subjetivas das pesquisadoras durante os encontros do projeto de extensão, bem como as narrativas produzidas pelos participantes. Trata-se de uma pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica (PEREIRA, 2016), cuja metodologia de análise e constituição do *corpus* é baseada em pressupostos psicanalíticos tais como: a associação livre, o desejo do pesquisador e do participante e a transferência. Além disso, os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa servirão para analisar os dizeres dos participantes e os efeitos de sentido das representações de velhice. Embora a pesquisa se encontre em fase inicial, foi possível realizar um primeiro gesto de

análise a partir dos encontros do Desabroche do ano de 2020. Para esse primeiro esboço, considerou-se uma discussão acerca do tema “espelho”, tendo como pergunta norteadora para os participantes do projeto: “Quem você vê quando se olha no espelho?”. A partir deste primeiro olhar para o *corpus* de análise percebeu-se que cada participante parece ter uma relação singular com o espelho. Mucida (2009) postula que há sempre algo por trás da imagem do espelho, desde o estranhamento ao deparar-se com seu reflexo até um descontentamento em relação a imagem que se vê.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. [1970] **A Velhice**. (Tradução Maria Helena Franco Martins) – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- LIMA, P. M. R.; VIANNA, T. C.; LIMA, S. C. **Estética e poética da velhice em narrativas autobiográficas: um estudo à luz da psicanálise**. Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia -UERJ – Rio de Janeiro, v. 15 n. 2, p. 58-78, 2015.
- MUCIDA, A. **Identificação e envelhecimento: do espelho que não se quebra e outros espelhos**. Revista Kairós: Gerontologia. V. 12, 2009.
- PEREIRA, M. R. **O nome atual do mal-estar docente**. – 1ª edição – Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2016.

A PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL I: A RELAÇÃO ENTRE LEITURA E ESCRITA

Aline Paula Ribeiro VASCONCELOS (PPGEL/UFU)
Orientadora: Profa. Dra. Cármen Lúcia Hernandes AGUSTINI

Por meio da linguagem, o homem mantém certa relação com o mundo e instaura relações sociais com outros homens. Dada sua importância, desde os primeiros anos da Educação Básica, a prática da leitura e a aprendizagem da escrita mostram-se como preocupações fundamentais. Inscritas no quadro teórico-metodológico da linguística de Émile Benveniste, buscamos investigar, nesta pesquisa, como a relação entre leitura e escrita afeta a produção textual de alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I, em atividades de produção textual baseadas na prática de retextualização. Desejamos, com a análise, compreender e expor como a opacidade da língua em funcionamento afeta o processo de retextualização, dado o gesto de leitura empreendido sobre o texto-base. Nos anos iniciais do ensino fundamental I, as atividades de produção textual baseiam-se, sobremaneira, na retextualização. São histórias contadas pelo professor ou vistas a partir de quadros de sequências lógicas que devem ser transformadas em palavras no espaço em branco do caderno pelo aluno. Nesse espaço, a retextualização é vista como uma prática pedagógica que auxilia o aluno, iniciante nos rudimentos da escrita, a produzir, ou melhor, a se aventurar em seus primeiros textos escritos. É preciso ter modelos de onde partir, a fim de que o aluno se sinta suprido de repertório para a (re)produção do seu texto escrito. Acontece que esse tipo de atividade coloca em relação explícita leitura e escrita. Para tanto, estabelecemos um arquivo de pesquisa com textos produzidos por alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I, a partir de atividades de produção textual escrita baseadas na prática de retextualização. Vale dizer que elegemos trabalhar com o terceiro ano do Ensino Fundamental I, porque, nessa etapa do ensino de escrita, esse tipo de atividade ganha lugar de dominância. Trata-se de uma prática recorrente em nossa sociedade, uma vez que estamos o tempo todo interpretando e (re)produzindo sentidos com base em textos já-lidos, que se inscrevem nos diferentes espaços de circulação social.

REFERÊNCIAS

- AGUSTINI, C. (2018). **Émile Benveniste**: o duplo funcionamento da língua no discurso. In: AGUSTINI, C.; RODRIGUES, E. A. Uma vida pela linguagem. Homenagem a Émile Benveniste. Campinas: Pontes, 2018. p.69-94.
- BARBEIRO, L. F. L. A. PEREIRA. **O Ensino da Escrita**: A dimensão textual. Lisboa: Ministério da Educação – DGIDC, 2007.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 2006.
- BENVENISTE, É. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum (BNCC): **Língua Portuguesa**. Ensino Fundamental I. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2020.

- CAGLIARI, L. Carlos. **A ortografia na escola e na vida.** In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. *Diante das Letras: a escrita na alfabetização.* Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2001.
- CALIL, Eduardo. **Autoria:** (e)feito de relações inconclusas (um estudo de práticas de textualização na escola). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 1995. (Tese de Doutorado).
- Escritura de poesia. *Rev. ANPOLL*, n. 17, p. 93-118, jul./dez.2004.
- DELL'ISOLA, R.L.P. **Retextualização de gêneros escritos.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- FARIA, N. R. Bakker. **Nas letras das canções, a relação oralidade-escrita.** Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1997. (Dissertação de Mestrado)
- FELIPETO, C. **Erro imprevisível:** possibilidade esquecida da língua. In: CALIL, E. *Trilhas da escrita: autoria, leitura e ensino.* São Paulo: Cortez, 2007.
- FREITAS, B. Priscilla Felipe. **A manifestação da criatividade no espaço escolar:** o gesto de apropriação da língua escrita. Dissertação de mestrado, 2019.
- GERALDI, J.Wanderley. **Portos de passagem.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **Aquisição da escrita:** questões de categorização gráfica. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das Letras:** a escrita na alfabetização. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2005.
- ORLANDI, Eni. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

DE L'ESSENCE DOUBLE DU LANGAGE: O OBJETO DA LINGUÍSTICA NÃO EXISTE PARA COMEÇAR

Allana Cristina Moreira MARQUES (PPGEL/UFU/FAPEMIG)
Orientadora: Profª. Dra. Eliane SILVEIRA

Em nossa pesquisa de doutorado, intitulada “O enigma saussuriano do ponto de vista-objeto”, que se encontra já em fase final de desenvolvimento, examinamos a relação, estabelecida pelo linguista Ferdinand de Saussure, entre o ponto de vista e o objeto. Este estreito vínculo, evidenciado pelo mestre genebrino, no âmbito de investigação das línguas, tornou-se amplamente conhecido por meio do *Curso de Linguística Geral* (CLG), a partir da consagrada afirmação de que, em Linguística, o ponto de vista que cria o objeto. Nesse sentido, para a composição do livro póstumo que leva o nome de Saussure e, mais especificamente, para a edição da conhecida máxima saussuriana, Charles e Bally utilizaram-se das *Notes pour un livre sur la linguistique générale*, possivelmente escritas entre os anos 1893-1894. Um exame das fontes manuscritas saussurianas mostra-nos, porém, que esta não é a única ocasião de reflexão do mestre que coloca em causa o ponto de vista e objeto. Exemplo disso é o tratamento que Saussure dá à questão do ponto de vista e do objeto em seu manuscrito, considerado pelos estudiosos como o mais acabado e definitivo, um dos documentos mais recentemente encontrados, *De l'essence double du langage*. Doado à Biblioteca de Genebra em 1996, mas supostamente escrito em 1891, esse documento chama a atenção de diversos pesquisadores pelo intenso trabalho de elaboração teórica que nele pode se verificar. De nossa parte, chamamos a atenção para o modo como nele Saussure articula a questão do ponto de vista à questão da identidade. Tendo isso em vista, neste trabalho apresentamos uma leitura desse documento, mais especificamente, de algumas de suas folhas, com vistas à questão do ponto de vista e do objeto no pensamento linguístico de Ferdinand de Saussure.

REFERÊNCIAS

- SAUSSURE. F. de. **Curso de linguística geral**. Org. por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. Trad. De A. Chelini; J. P. Paes e I. Bliksten. 34a edição. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SAUSSURE. F. de. De l'essence double du langage. In: **Archives de Ferdinand de Saussure**, 372: Les Manuscrits. Bibliothèque de Genève, 1891. SAUSSURE. F. de.. Notes pour un livre sur la linguistique générale 10f. In: **Papiers Ferdinand de Saussure**, 3951: Notes de Linguistique Générale. Bibliothèque de Genève, 1893-1894.

COGNIÇÃO DISTRIBUÍDA E DISPOSITIVO COMUNICACIONAL: A CENTRALIDADE DA ENUNCIÇÃO NA REABILITAÇÃO COGNITIVA DE IDOSOS

Ari Pedro BALIEIRO JR (PPGEL/UFU)

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda MUSSALIM

Esta pesquisa pretende examinar o uso de artefatos cognitivos em um grupo de Reabilitação Cognitiva com idosos (BALIEIRO & BALIEIRO-JR, 2016), explorando seu enquadramento como dispositivos comunicacionais (MUSSALIM, 2018). Em Reabilitação Neuropsicológica ou Reabilitação Cognitiva (MIOTTO et al., 2015), o uso de artefatos de apoio, ou auxiliares, é usual, desde aqueles especialmente desenhados para a tarefa, como folhas impressas, programas de computador, jogos, etc., até o uso não específico de artefatos multipropósito, como telefones, gravadores, projetores, telas, computadores, etc. O uso desses artefatos tem sido abordado, na literatura neuropsicológica, a partir de um ponto de vista que, embora integre “a participação de profissionais de neuropsicologia, psicologia, psicopedagogia, terapia ocupacional, fonoaudiologia e gerontologia” (MIOTTO et al., 2015, p. xi), parece carecer de um ponto de vista teórico que permita articular esses procedimentos a campos mais amplos de saberes, como o das Ciências Cognitivas, o da Linguística em geral e, para o que me interessa nesta pesquisa, o da Teoria do Discurso, em especial. Uma possível articulação teórica com o campo da Linguística, especialmente com a teoria do discurso, parece encontrar respaldo nas formulações de Paveau ([2006] 2013, p. 9), que postula o conceito de pré-discurso, por meio do qual a autora pretende dotar o campo da análise do discurso de uma dimensão cognitiva, que compreende os “processos de construção de conhecimentos e sua configuração no discurso a partir de dados recebidos pelos sentidos, pela memória e pelas relações sociais”. Para isso a autora, cujas referências teóricas na área remontam à linha sociocultural dos estudos da cognição, assume a abordagem da Cognição Distribuída proposta por Hutchins (2000), segundo a qual o processo cognitivo é sempre distribuído de alguma forma. Mais do que assumir a priori uma fronteira para a unidade de análise, a cognição distribuída segue o conselho e as tentativas de Bateson (1972) de traçar limites em sua unidade de análise de forma a não deixar coisas importantes inexplicadas ou inexplicáveis. (HUTCHINS, 2000, p. 376, tradução do autor). Especificando melhor, a cognição distribuída busca compreender como a inteligência se manifesta no nível sistêmico – e não apenas no nível cognitivo individual –, mediante o estudo da representação do conhecimento nas mentes dos indivíduos e sua propagação entre indivíduos e artefatos. Tal abordagem defende que a cognição, além de ser um fenômeno distribuído entre dois ou mais indivíduos, também o é entre indivíduos, ambientes e artefatos que se relacionam. Esses artefatos (cognitivos) consistem em dispositivos utilizados pelos humanos em suas atividades para aprimorar ou melhorar a cognição e o desempenho (NORMAN, 1991). Dessa perspectiva, os artefatos utilizados em Reabilitação podem ser classificados como artefatos cognitivos, ou “um dispositivo artificial projetado para manter, mostrar ou operar sobre a informação, de forma a servir a uma representação funcional” (NORMAN, 1991, p.1). A investigação do uso desses artefatos nos procedimentos de reabilitação neuropsicológica abre caminho para abordar a cognição como um fenômeno distribuído - entre dois ou mais indivíduos e entre indivíduos e seu ambiente, no qual estão tais artefatos. Parece possível, aqui, e pertinente, articular no nível teórico os eventos observados no trabalho de reabilitação com a teoria do discurso, especialmente em sua vertente enunciativa. Considerando que a abordagem da cognição distribuída transforma o contexto em “ambientação cognitiva”, no sentido de articular a relação eu-mundo e eu-outro, recorrer ao conceito de cena de enunciação (MAINGUENEAU, 1997), parece-me bastante produtivo, uma vez que tal conceito permitiria um exame da ambiência semântico-cognitiva, ou cognitivo-sistêmica, a partir de

uma perspectiva discursiva-enunciativa. Emergeriam aqui, ao olhar do analista, os contratos relativos aos dispositivos comunicacionais (MUSSALIM, 2018), bem como os regimes de enunciação a que esses contratos referem. Isso foi feito por Mussalim (2018, p. 409), para quem:

a noção de artefato referida na formulação de cognição distribuída (por exemplo, um bloco de notas, um computador, etc.) apresenta apenas um viés cognitivo – na medida em que se configura como um “membro” do sistema cognitivo que agrega insumos para que se chegue a um resultado comum, a saber, o aprimoramento da cognição e do desempenho. O viés enunciativo está fora das formulações dessa concepção, apesar de a noção de interação - e de intersubjetividade - ser nodal para essa perspectiva de cognição.

Assim sendo, a autora afirma que, quando se trata de eventos que envolvem de maneira central a problemática da linguagem, parece “ser necessária e produtiva a proposição de uma releitura do conceito de artefato à luz de uma teoria enunciativo-discursiva”. É dessa perspectiva que Mussalim propõe que se incorpore o conceito de dispositivo comunicacional (MAINGUENEAU, [1998] 2002, [2005] 2006, [2014] 2015) à teorização da cognição distribuída, com o objetivo de proceder a um tratamento mais adequado de dados de linguagem. Na organização do trabalho de reabilitação cognitiva de idosos, realizado em uma clínica particular (BALIEIRO & BALIEIRO-JR, 2016), a incorporação do ponto de vista discursivo (BALIEIRO, 2001; COUDRY, 2002) aos modos de intervenção trouxe para o primeiro plano as questões da subjetividade e da enunciação. A construção de um espaço organizado, o trabalho em grupo e as intervenções orientadas para o ponto de vista enunciativo, caudatárias do trabalho desenvolvido no Centro de Convivência de Afásicos no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (COUDRY, 2002), bem como o registro das atividades em filmes, oferecem um excelente campo observacional para que seja explorada essa interface. Nesse contexto de trabalho, a proposta de releitura da noção de artefato cognitivo (HUTCHINS, 2000) realizada por Mussalim (2018) agrega poder explicativo ao que me proponho a realizar neste projeto, a saber, investigar, em um *corpus* delimitado a partir de gravações em vídeo de reuniões de um grupo de reabilitação cognitiva para idosos, como e em que medida a interação entre indivíduos e artefatos cognitivos (compreendidos como dispositivos comunicacionais, que disparam e organizam a enunciação) exerce um papel central na reabilitação cognitiva.

REFERÊNCIAS

- BALIEIRO, A.P.J.. **O sujeito que se estranha:** manifestações da subjetividade na afasia. Dissertação de Mestrado, co-orientada por Ester Scarpa. Campinas, Dep. de Lingüística, IEL, Unicamp, 2001.
- BALIEIRO, Valéria Vieira; BALIEIRO-JR, Ari Pedro. **Diretrizes do Serviço de Avaliação e Reabilitação Neuropsicológica.** Documento de trabalho, 2016.
- BATESON, Gregory. **Steps to an ecology of mind.** New York: Ballantine Books, 1972.
- COUDRY, Maria Irma Hadler. **Linguagem e Afasia:** uma abordagem discursiva da neurolinguística. *Cad.Est.Ling.*, Campinas, (42): 99-129, Jan./Jun., 2002.
- HUTCHINS, Edwin. **Distributed Cognition.** 2000. <https://files.meetup.com/410989/DistributedCognition.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2020.
- MAINGUENEAU Dominique, COSSUTA Frédéric. **L'analyse des discours constituants.** In: *Langages*, 29^e année, n°117, 1995. Les analyses du discours en France. pp. 112-125; doi : 10.3406/lgge.1995.1709 URL: http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1995_num_29_117_1709.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006. (Título original: Le discours littéraire, 2005).

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. S. Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005. (Título original: Genèses du discours, 1984).

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do discurso**. Campinas: Martins Fontes, 1989. (Título original: Nouvelles tendances em Analyse du discours, 1987).

MAINGUENEAU, Dominique. **Self-constituting discourses** (from “Analyzing self-constituting discourses”, Discourse studies, 1 (2), 1999, 183-199). Disponível em: <http://dominique.maingueneau.pagesperso-orange.fr/texte03.html>. Acesso em: 17 mar. 2020.

MAINGUENEAU, Dominique; COSTA, Nelson Barros da. Analisando discursos constituintes. **Revista GELNE**, Vol. 2, Nº2 (2000). Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9331>

Acesso em: 17 mar. 2017. URL:

MIOTTO, Eliane Correa (org.) **Reabilitação Neuropsicológica e Intervenções Comportamentais**. Rio de Janeiro: Roca, 2015.

O CASO DE BATE-BOCAS NA PÁGINA *QUEBRANDO O TABU* NO FACEBOOK: PRÉ-DISCURSO E COGNIÇÃO DISTRIBUÍDA

Doutorando: Breno Rafael Martins Parreira Rodrigues REZENDE (PPGEL/UFU/CAPES)

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda MUSSALIM

Em minha pesquisa de doutorado, realizada no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tenho buscado investigar e explicar diferentes aspectos do funcionamento discursivo da página *Quebrando o tabu* na rede social Facebook. Trata-se de uma página que se classifica como de notícias/mídia/entretenimento e que visa, por assim dizer, debater tabus sociais. Desse modo, as publicações que faz podem ser classificadas, conforme verifiquei em trabalhos anteriores (CF. REZENDE, 2017; 2019), como controversas, justamente por pautarem assuntos que dividem a opinião dos usuários que as acessam, por tentar “quebrar tabus”. Em função da controvérsia promovida pelos temas que a página aborda, muitos comentários, que expressam opiniões muito diversas, são postados como resposta às publicações de *Quebrando o tabu*. Tenho, a partir disso, observado, em torno desses comentários, a constituição de bate-bocas: uma espécie de troca de turnos conversacionais altamente marcada por um registro verbal violento. Nesta comunicação, especificamente, buscarei explicar o funcionamento desses bate-bocas a partir do conceito de *pré-discurso* – quadros coletivos de saberes, crenças, valores e práticas que orientam a produção e a interpretação dos discursos – postulado por Paveau (2013). Parto da hipótese de que os bate-bocas nos comentários de *Quebrando o tabu* são alimentados por pré-discursos, dentre eles, aqueles que podem ser classificados como enquadres sócio-históricos muito perenes (e, portanto, mais estáveis) em nossa sociedade, de modo que o que efetivamente se debate ali é a instabilidade/estabilidade desses pré-discursos. Embasado, ainda, na abordagem da cognição distribuída, de base sócio-cognitiva, proposta por Hutchins (2000), buscarei também demonstrar a hipótese de que a página de *Quebrando o tabu* no Facebook pode ser tomada como um artefato cognitivo, isto é, como uma ferramenta que atua para a produção cognitiva/discursiva de conhecimento humano e que compõe com o ambiente social dos sujeitos (a interação via rede social) um sistema de cognição distribuída. Melhor dizendo, buscarei descrever e explicar exemplos do *corpus* de análise desta pesquisa (os comentários de postagens sobre temas controversos na página), considerando que a interação entre sujeitos (ambiente social) em *Quebrando o tabu* no Facebook (ambiente material) constitui um sistema cognitivo em que vários *inputs* (o artefato cognitivo da página do Facebook e a interação entre sujeitos por meio de comentários às publicações) atuam para a realização de um único *output*: a instauração de bate-bocas que constituem um movimento discursivo de manutenção/quebra de pré-discursos perenes em nossa na sociedade. As análises realizadas até o momento apontam fortemente para a viabilidade das hipóteses assumidas.

REFERÊNCIAS

- HUTCHINS, E. **Distributed cognition**. University of California: IESBS, 2000. Disponível em: <http://comphacker.org/pdfs/631/DistributedCognition.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.
- PAVEAU, M. A. **Os pré-discursos: sentido, memória e cognição**. Tradução de Costa e Massmann. Campinas-SP: Pontes Editores, 2013.



REZENDE, B. **Hipergênero e sistema de hipergenericidade**: análise do funcionamento discursivo do *Facebook*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2017 (Dissertação de Mestrado).

REZENDE, B. **Do gênero ao hipergênero, do hipergênero ao sistema de hipergenericidade**: um estudo sobre o funcionamento discursivo do Facebook. In: **Domínios de Linguagem**. Uberlândia: 2019.

RELAÇÃO ENTRE POSICIONAMENTO DISCURSIVO E ESTILO DE GÊNEROS DO DISCURSO: ANÁLISE DE NOTÍCIAS PUBLICADAS EM REVISTAS VOLTADAS AOS PÚBLICOS MASCULINO E FEMININO

Bruno DRIGHETTI (PPGEL/UFU/CAPES)
Orientadora: Profa. Dra. Fernanda MUSSALIM

Na presente pesquisa, em desenvolvimento no Curso de Mestrado em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia, com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pretendemos analisar, a partir de teorias do discurso, mais especificamente, a partir dos quadros teóricos de Mikhail Bakhtin e Dominique Maingueneau, a relação entre estilo e posicionamento discursivo na realização de um gênero discursivo, a saber, o gênero notícia publicada em revista. Partindo de uma definição de gêneros discursivos de Bakhtin (2011), isto é, compreendendo-os como tipos relativamente estáveis de enunciados, definidos em função de seu conteúdo temático, estrutura e estilo, nosso foco de análise recairá sobre esse último elemento, uma vez que buscamos verificar se há relação entre posicionamento dos enunciadores e o estilo do gênero. Maingueneau (2011; 2015) define os gêneros como dispositivos de comunicação definidos sócio e historicamente, apresentando como algumas de suas categorias de análise, para além da organização textual, suas finalidades, o estatuto dos parceiros legítimos, o local e o momento adequados, o suporte e os recursos linguísticos específicos. A fim de atingir o objetivo supracitado, recortamos, como *corpus* de análise, notícias publicadas em revistas voltadas, de um lado, ao público masculino (a revista GQ) e, de outro, ao público feminino (a revista Marie Claire). A escolha dessas duas revistas se deu não só por serem veículos de grande circulação, apresentando respectivamente uma média de leitores mensais de 519.000 e 2.400.000, mas também por se tratar de revistas com nichos de mercado distintos e bem delimitados, especialmente em relação ao gênero dos leitores – um público de 85% masculino para a GQ e 89% feminino para a Marie Claire (GQ BRASIL, 2019; MARIE CLAIRE BRASIL, 2020) –, o que possibilitaria verificar a relação entre posicionamento (entendido como nicho de mercado) e estilo do gênero de discurso analisado. Com a execução desse trabalho, esperamos realizar tanto uma contribuição teórica para os estudos do discurso a partir do possível estabelecimento de uma relação entre posicionamento e estilo quando da constituição de um gênero, bem como, de forma mais específica, contribuir para a descrição do gênero elencado e do funcionamento discursivo de revistas voltadas aos públicos masculino e feminino.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 5 ed. Trad. Cecília P de Souza-e-Silva. São Paulo: Cortez Editora, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MARIE CLAIRE BRASIL. **Mídia Kit 2020** [Internet]. São Paulo: Editora Globo. 2020. Disponível em: https://irp-cdn.multiscreensite.com/43f3dabf/files/uploaded/MARIE%20CLAIRE%20m%C3%ADdia%20kit_2020.pdf. [Acesso em: 06 nov. 2020]
- GQ BRASIL. **Mídia Kit 2019** [Internet]. São Paulo: Editora Globo. 2019. Disponível em: https://irp-cdn.multiscreensite.com/43f3dabf/files/uploaded/GQ_MIDIKIT_2019.pdf. Acesso em: 06 nov. 2020.

YOUTUBERS E A POLÊMICA DISCURSIVA SOBRE A CONDIÇÃO DO “SER NEGRO” NA COMUNIDADE NEGRA NO BRASIL

Francielle Ribeiro ALVES (PPGEL/UFU)
Orientadora: Profa. Dra. Fernanda MUSSALIM

Segundo o dicionário Oxford, Youtuber consiste em uma pessoa que, frequentemente, faz uso do site Youtube, especialmente aparecendo em vídeos desta plataforma. Os Youtubers têm ganhado bastante visibilidade nos últimos tempos, utilizando-se da plataforma do Youtube para divulgarem suas ideias através da criação de conteúdos diversos e publicidade, obtendo retorno financeiro através desta atividade dependendo da quantidade de visualizações e seguidores que adquirem. Por ter crescido de maneira expressiva em quantidade e em influência àqueles que os seguem, eles têm sido denominados, também, de digital influencers. As marcas, portanto, veem um grande potencial nessas personalidades, que costumam ter milhões de seguidores, assim, propõem parcerias visando expandir suas vendas. É importante ressaltar, que os Youtubers trabalham em diversos nichos (moda, cabelo, maquiagem, games, culinária, trabalhos domésticos, assuntos filosóficos, dentre outros.), dessa forma, é fácil ter controle dos seguidores que se interessam por assuntos específicos, o que favorece a escolha de parceiros pelas marcas, pois conseguem visualizar o digital influencer que tem o público a que se deseja atingir. Diante da monetização advinda dos vídeos e conteúdos produzidos no Youtube, há uma polêmica envolvendo a escolha de digital influencers para representar marcas voltadas à população negra. A partir disso, surgiu a hipótese sobre a existência de uma polêmica discursiva em torno do conceito de ser negro dentro da comunidade negra no Brasil. A hipótese se comprova verdadeira através da análise discursiva de dois Youtubers que se consideram negros e têm posicionamentos antagonistas. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a população negra no Brasil é composta por pretos e pardos, e essa designação ocorre através da autodeclaração, os posicionamentos contrastantes surgem, pois, com um discurso que parte dessa definição do IBGE e outro, divergente, que se posiciona com o conceito de negro definido pela cor da pele retinta. Apoiados na Teoria do Colorismo, um termo novo no movimento negro, utilizado primordialmente por Alice Walker, que consiste, basicamente, em afirmar que negros de pele clara não sofrem racismo como negros de pele retinta, algumas youtubers se sentem desvalorizadas, alegando que as marcas descartam as negras de pele retinta e traços negroides para publicidade, escolhendo, apenas, as negras de pele clara para estamparem suas campanhas. Dessa maneira, a presente pesquisa tem como objetivos analisar e descrever a polêmica em torno do “ser negro” e descrever o funcionamento do YouTube a partir da categoria de hipergênero. Assim, com base no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha Francesa, a AD, analisaremos neste trabalho alguns traços linguístico-discursivos que se encontram materializados no discurso a respeito da condição do “ser negro” dentro da comunidade negra no Brasil, o que pode ser denominado como uma relação polêmica, de acordo com o conceito postulado por Maingueneau (2008, p.99), pois emerge de um gênero instituído como “um processo de interincompreensão generalizada, a própria condição de possibilidade das diversas posições enunciativas”. Além disso, propomo-nos a identificar nesses posicionamentos quem tem validado o seu discurso a partir da posição de negro. Para procedermos à análise, serão mobilizados os conceitos de hipergênero e cenografia também postulados por D. Maingueneau, visto que os vídeos analisados e disponíveis na plataforma YouTube encaixam-se nessa designação por faltar coerções sócio-históricas fortes, e, ainda, de acordo com o analista, a noção de hipergênero é útil no estudo

das práticas comunicacionais na internet, considerando, também, que a cenografia é mobilizada de forma a validar o material imposto por esse hipergênero, sendo possível analisar a existência de uma cenografia de reclamação e outra de orientação nos vídeos em questão.

REFERÊNCIAS

- MAINGUENEAU, D. 2010. **As três facetas do polêmico**. Trad. Sírio Possenti. In: Doze conceitos em Análise do Discurso. Trad. Sírio Possenti e M. Cecília P. De Souza-E- Silva (Org.). São Paulo: Parábola Editorial.
- MAINGUENEAU, D. **Hipergênero, gênero e internet**. In: MAINGUENEAU, D. Doze conceitos em Análise do Discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 129-138.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008c. 184p.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3 ed. Campinas, SP: Pontes/Ed. Unicamp, 1997.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva**. In: entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ASPECTOS DA CONSTITUÊNCIA DISCURSIVA DA DOUTRINA ESPÍRITA

Khal RENS (PPGEL/UFU)

Orientadora: Profa Dra. Fernanda MUSSALIM

No projeto de pesquisa de ingresso no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, no ano de 2020, pretendemos, sob a perspectiva teórica da Análise do Discurso (AD), sobretudo a partir das noções teóricas propostas por Dominique Maingueneau em *Gênese dos discursos* (2008b), *Cenas da Enunciação* (2008a) e *Discurso Literário* (2006), analisar aspectos da *constituência discursiva* em práticas da Doutrina Espírita, surgida na França em meados do século XIX, sob a codificação do professor Hippolyte Léon Denizard Rivail, de pseudônimo Allan Kardec. De acordo com Dominique Maingueneau (2008b), discursos constituintes são aqueles que se propõem como discursos de Origem, sendo validados por uma cena de enunciação que autoriza a si mesmo. Para o teórico, os discursos científico, filosófico e religioso são constituintes. Desse modo, é relevante verificar a operacionalidade desse conceito em práticas espíritas, na medida em que os locutores espíritas afirmam, em suas práticas discursivas, que essa doutrina é Ciência, Filosofia e Religião. Sendo assim, nosso projeto tem como questão central a seguinte pergunta: como a Doutrina Espírita, tida como religião por inúmeros adeptos no Brasil e no mundo, valendo-se, portanto, de um discurso constituinte, reivindica para si dois outros discursos (o filosófico e o científico), que, assim como o religioso, não admitem outros discursos acima deles, e possuem a pretensão de não reconhecer “quaisquer outras autoridades senão a própria” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 37)? O nosso objetivo, dessa maneira, consiste em analisar, a partir de práticas discursivas do movimento Espírita no Brasil e de um conjunto de textos presentes em livros fundantes da Doutrina Espírita, o funcionamento de um discurso que afirma fundar-se e sustentar-se em três discursos constituintes. Tendo em vista esse objetivo, o *corpus* do projeto é composto por capítulos diversos de seis obras espíritas, que abordam o tríplice aspecto constituinte da Doutrina Espírita, e por textos de diversas semioses produzidos na Confraternização das Campanhas de Fraternidade Auta de Souza, um Congresso Espírita Anual, de ocorrência no Brasil e em outros países. Os livros e seus capítulos, por ordem de publicação são: (i) *O Livro dos Espíritos* (1857) – Os prolegômenos; (ii) *O que é o Espiritismo* (1859) – Capítulo I - *Pequena conferência espírita* e Capítulo II - *Noções elementares de Espiritismo*; (iii) *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864) – *Introdução*, Capítulo I – *Não vim destruir a Lei* e Capítulo II – *Meu Reino não é deste mundo*; (iv) *Obras Póstumas* (1890) – Capítulo XV - *As cinco alternativas da Humanidade*; (v) *O Consolador* (1941); e (vi) *Universo e Vida* (1978) – Capítulo I - *Novas dimensões do conhecimento*. A abordagem desse *corpus* se dá, conforme postula Pêcheux (2002), a partir da alternância entre os movimentos de descrição e de interpretação do objeto. Assumimos também os pressupostos teóricos-metodológicos postulados, em *Gênese dos Discursos* (2008b), por Dominique Maingueneau, para quem o tratamento metodológico dos dados se dá a partir de hipóteses fundamentadas na história e em um conjunto de textos, sendo que a análise desse material deve confirmar ou refutar as hipóteses levantadas. Em virtude de ser um projeto inicial, para essa apresentação, elencamos um esboço de análise, na intenção de demonstrar a produtividade dos questionamentos da pesquisa, ainda que em caráter inicial. Assim, selecionamos a *Introdução* e os capítulos I e II de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e, por meio de uma análise do vocabulário presente nos textos, pretendemos demonstrar como os três discursos constituintes supracitados são mobilizados e interagem entre si.

REFERÊNCIAS

- EMMANUEL (Espírito). **O Consolador**. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. 13.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2013.
- KARDEC, Allan. **O Espiritismo em sua expressão mais simples**. 2.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

POLÊMICA E INTERCOMPREENSÃO ENTRE OS POSICIONAMENTOS FEMINISTA E ANTIFEMINISTA NO BRASIL

Magali Garcia ALMEIDA (PPGEL/UFU)
Orientadora: Profa. Dra. Fernanda MUSSALIM

Esta pesquisa, em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia, tem como objetivo descrever e analisar a polêmica entre os posicionamentos antifeministas e feministas, a partir da perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso de linha francesa, especificamente da semântica global de Dominique Maingueneau (2005), tomando como base o primado do interdiscurso, que implica a consideração da polêmica, da interincompreensão e do simulacro. O primado do interdiscurso, em termos de gênese, trata da primazia do interdiscurso sobre o discurso. De acordo com Maingueneau (2008, p. 31), essa noção encontra-se na perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva que não pode ser apreendida por uma análise linguística *stricto sensu*, pois as marcas do Outro não são sempre visíveis, mas estão estreitamente relacionadas ao Mesmo do discurso. Além desse postulado, o autor reformula o conceito de interdiscurso, substituindo-o pela tríade: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. A polêmica, como interincompreensão, trata do princípio de que esse processo é constituído no interior de um campo discursivo através da interação semântica entre as formações discursivas. Como resultado, essa construção possibilita a emergência de diversas posições enunciativas, sendo, cada uma delas, regulada por uma grade semântica que determina a produção textual em conformidade com sua própria formação discursiva, bem como com a incompreensão do sentido dos enunciados do Outro. Dessa forma, em um mesmo movimento, o discurso criado, fundamenta-se em um desentendimento recíproco, o que permite compreender que cada discurso é submetido a um conjunto de semas caracterizados como “positivos” – reivindicados por um determinado discurso – e “negativos”, sendo os rejeitados (MAINGUENEAU, 2008, p. 99). Com base nesse quadro teórico, pretende-se analisar a polêmica que se instaurou em torno da publicação, em janeiro de 2019, do livro “Feminismo: Perversão e Subversão” (CAMPAGNOLO, 2019), recebido pelo público em geral como um discurso oficial antifeminista vem se constituindo no Brasil, em contraponto ao posicionamento feminista. Para tal, toma-se como ponto de partida para o desenvolvimento deste estudo o livro supracitado, de autoria da deputada estadual (PSL-SC) Ana Caroline Campagnolo. Além desta publicação, que também serviu como base para definição do recorte temporal do *corpus* de análise, foram selecionados os seguintes textos feministas e antifeministas: i) três resenhas críticas sobre o tema, sendo duas alinhadas ao posicionamento do livro e uma terceira que a ele se contrapõe, todas publicadas em uma plataforma de compartilhamento de vídeos de ampla repercussão, mais especificamente no Youtube (FEMINISMO..., 2020a, 2020b; GPOSSHETV #36..., 2019); ii) uma entrevista/debate de Ana Caroline Campagnolo na rádio Jovem Pan, na qual a deputada fala sobre o livro e os motivos que a levaram a escrevê-lo (ANA..., 2019); iii) e os comentários relacionados à resenha do livro da autora publicadas na rede social brasileira para leitores Skoob, seção Mais Gostaram (RESENHAS..., 2019). Os textos que constituem o *corpus* são de grande relevância devido ao número de leitores/seguidores que os leem/visualizam e à abrangência das mídias sociais onde foram publicados. Ressalta-se, ainda, a importância deste estudo no que se refere à contextualização histórica dos movimentos feminista e antifeminista, bem como o contexto político em que o mesmo se insere. Esta pesquisa justifica-se por sua contribuição no que diz respeito tanto às pesquisas discursivas, como às reflexões que tratam da mulher e do feminino, como uma forma de encarar a desigualdade de gênero naturalizada nas sociedades em geral, incluindo a brasileira.

REFERÊNCIAS

- ANA Caroline Campagnolo e Amanda Bozza: **Pânico**. [S. l.: s. n.], 17 jun. 2019. 1 vídeo (1 h 22 min 30). Publicado por Pânico Jovem Pan. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9avprszk4wY>. Acesso em: 2 nov. 2020.
- CAMPAGNOLO, Ana Caroline. **Feminismo: perversão e subversão**. Campinas: VIDE Editorial, 2019.
- FEMINISMO: perversão e subversão. [S. l.: s. n.], 8 jun. 2020a. 1 vídeo (20 min 47). Publicado por Marcela Brito. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aFdf3lFpNBw>. Acesso em: 2 nov. 2020.
- FEMINISMO: perversão e subversão: resenha. [S. l.: s. n.], 27 jan. 2020b. 1 vídeo (16 min 46). Publicado por Paula Marisa. Resenha do livro Feminismo: perversão e subversão da autora Ana Campagnolo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Y07zY_ifoYI. Acesso em: 2 nov. 2020.
- GPOSSHETV #36: Feminismo: perversão e subversão. [S. l.: s. n.], 1 jul. 2019. 1 vídeo (16 min 28). Publicado por GPOSSHE TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C5D2iF3dgD8>. Acesso em: 2 nov. 2020.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- RESENHAS: **feminismo, perversão e subversão**. [S. l.], 2019. Mais gostaram. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/819493/mais-gostaram>. Acesso em: 2 nov. 2020.

UMA ABORDAGEM DA CENA GENÉRICA COMO EMBREANTE PARATÓPICO: EM PAUTA AS CARTAS PRIVADAS DE FREUD, SÊNECA E JOHN WESLEY

Manuel VERONEZ (CAPES/PNPD)
Profa. Dra. Fernanda MUSSALIM (Supervisora)

Ao mobilizar o quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso Literário engendrado por Dominique Maingueneau, proposto em seu livro *Discurso Literário* (2012), consegui, em minha tese de doutorado (2018), sustentar duas hipóteses: i) as cartas privadas de autores consagrados do campo literário funcionam enquanto um gênero do discurso (cena genérica), não como um hipergênero; e ii) estas cartas privadas, enquanto uma cena genérica, funcionam também como um embreante paratópico. A partir desses resultados alcançados, propus, enquanto projeto de pesquisa pós-doutoral, consolidar a cena genérica como um quarto embreante paratópico possível, incluindo-a ao grupo dos embreantes paratópicos proposto por Dominique Maingueneau, a saber, o *ethos*, a cenografia e o posicionamento na interlíngua. Desse modo, a hipótese central desse projeto de pesquisa foi a de que as cartas privadas de autores consagrados (enquanto cena genérica e produção do espaço associado desses autores) de discursos constituintes (o literário, o filosófico, o científico e o religioso) funcionam como um embreante paratópico. Nessa perspectiva, propus e realizei, nesse projeto, as análises das cartas privadas de Freud, Sêneca e John Wesley (*corpus* da pesquisa), autores consagrados, respectivamente, dos campos científico, filosófico e religioso, com o objetivo geral de verificar a sustentação ou não da hipótese supracitada. Em relação aos objetivos específicos, busquei realizar três coisas: i) analisar como se dá o imbricamento entre as três instâncias constitutivas do funcionamento da autoria (a *pessoa*; o *escritor*; e o *inscritor*) nas cartas privadas de Freud, Sêneca e John Wesley; ii) analisar como se dá a constituição da paratopia nessas mesmas cartas privadas desses mesmos autores consagrados; e iii) analisar a emergência e a construção das possíveis cenografias nessas mesmas cartas privadas, desses mesmos autores consagrados, que são encenadas no e pelo discurso. Seguindo Maingueneau, assumi que o tratamento metodológico do *corpus* deve partir de hipóteses fundamentadas na história e em um conjunto de textos, sendo que a análise desse conjunto pode vir a confirmar ou refutar as hipóteses estabelecidas. Dessa perspectiva metodológica, o imbricamento entre texto e contexto, ou melhor, entre discurso e condições de produção é radical, e a abordagem do *corpus* deve considerar isso, de modo que o texto seja sempre analisado enquanto prática discursiva de um sujeito inscrito em um posicionamento no campo, e nunca como uma materialidade autônoma. As cartas privadas de Sêneca, Freud e John Wesley foram analisadas dessa perspectiva, isto é, como sendo instâncias verbais de gestão das próprias condições que possibilitaram o seu surgimento. Enquanto resultado da pesquisa, concluí, após o engendramento das análises, que a hipótese central supracitada pode ser sustentada, pois a troca de cartas privadas engendradas pelos autores em questão ancora uma prática discursiva que busca legitimar e constituir seus posicionamentos discursivos, suas identidades criadoras enquanto autores, bem como suas produções dos espaços canônico e associado no interior dos campos discursivos em que buscam suas inscrições. Foi possível, assim, perceber, nessas trocas de cartas privadas, o texto como forma de gestão do seu contexto. Nesse sentido, essas cartas privadas funcionam como embreantes paratópicos, pois estão para além da ideia de uma carta íntima, na medida em que instauram posicionamentos (respectivamente, Psicanálise, Estoicismo e Metodismo) e gerem a relação entre os integrantes de suas comunidades discursivas. Nesse sentido, tais cartas privadas não se restringem, exclusivamente, às suas rotinas genéricas, pois, ao mesmo

tempo em que Freud, Sêneca e John Wesley falam de si, eles falam também dos seus posicionamentos discursivos.

REFERÊNCIAS

- BELLA, I. **Primeira década de cartas do Ver. John Wesley**: Desde a Universidade de Oxford e Colônia Americana, até 1750. Copyright: eBook Kindle Amazon, 2018.
- GREEN, R. **John Wesley, o evangelista**. Trad. Izilda Bella. Vila Isabel: site da Igreja Metodista de Vila Isabel, 2005. Disponível em: Acesso em: 2 fev. 2020.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas de enunciação**. Souza-e-Silva, Maria Cecília Pérez de e Possenti, Sírio (Orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MASSON, J. M. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904** / Jeffrey Moussaieff Masson; tradução de Vera Ribeiro. — Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MOURA, A. R. de. Diálogo interior nas Cartas a Lucílio, de Sêneca. **Ágora. Estudos Clássicos em debate**. Aveiro, Portugal, v. 17. p. 263-297, 2015.
- POTTS, J. M. **Seleção das cartas de João Wesley**. Trad. Cleide Zerlotti Wolff. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1991.
- RATTEMBURY, J. E. **Wesley's Legacy to the World**. London: The Epworth Press, 1928.
- SÊNECA, L. A. **Cartas a Lucílio**. 2ªed. Lisboa: Fund. Caloveste Gulbenkian, 2004.
- SOUSA JÚNIOR, M. J. V. de. **A carta privada de autores consagrados do campo literário: uma abordagem da cena genérica como embreante paratópico**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística – Programa de PósGraduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.
- TELFORD, J. **The letters of John Wesley**. London: Epworth Press, 1931. Disponível em: <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/theletters-of-john-wesley>. Acesso em: 2 fev. 2020.
- VERONEZ, M. **A cena genérica como embreante paratópico: contribuições epistemológicas para a Análise do Discurso**. *Polifonia: Estudos da Linguagem*. v. 26, n. 43. Cuiabá, 2019.
- VERONEZ DE SOUSA JÚNIOR, M. J. **A relação entre a cena genérica, as produções do espaço associado de um autor e a embreagem paratópica: as cartas privadas de Lúcio Anneo Sêneca**. *Brazilian Journal of Policy and Development* - ISSN: 2675-102X, v. 2, n. 2, p. 18-37, 29 jun. 2020.
- VERONEZ, M. **As cartas privadas de John Wesley: uma abordagem da cena genérica e das produções do espaço associado de um autor como embreantes paratópicos**. *Tabuleiro de Letras*. v. 14, n. 01. Salvador, 2020.
- VERONEZ, M. **A cena genérica e a produção do espaço associado de um autor enquanto embreantes paratópicos: as cartas privadas de Sigmund Freud**. *RE-UNIR*. v. 7, n. 2. Porto Velho, 2020.

O ESCRITOR NA TORRE: PARATOPIA E FUNCIONAMENTO DE AUTORIA NA OBRA DE CARL JUNG

Tiago Éric de ABREU (PPGEL/UFU/CAPES)
Orientadora: Profa. Dra. Fernanda MUSSALIM

Este projeto de pesquisa propõe um estudo da autoralidade pela perspectiva da Análise do discurso, com fundamento em conceitos postulados por Dominique Maingueneau (2016). Por meio da análise de eventos enunciativos da obra do psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), o projeto prevê o estudo da paratopia do autor (considerada como condição de emergência de uma Obra) e do funcionamento da autoria, entendido como um conjunto de práticas discursivas de legitimação autoral. O conceito de paratopia é aplicável a diversos discursos considerados constituintes (MAINGUENEAU, 2018, p. 42), não apenas ao literário; é o que move a enunciação e marca o pertencimento impossível do autor a qualquer espaço discursivo prévio, uma vez que o autor não pode pertencer completamente ao espaço social, colocando-se fora dos lugares pré-estabelecidos pelos domínios sociodiscursivos. Parto, portanto, da hipótese de que a paratopia de Carl Jung é condição para sua “inscrição” no campo da Psicologia – considerada aqui como um discurso constituinte. Tendo em vista esta rede conceitual, pode-se desenvolver os conceitos da Análise do discurso ligados à autoralidade na abordagem de textos vinculados à obra psicológica de Carl Jung. O *corpus* de análise deste projeto circunscreve textos autobiográficos e epístolas de Jung, os quais apresentam uma complexidade, relativa às formas de inscrição autoral em funcionamento. Os textos autobiográficos de Jung (2011) em questão, compõem uma obra cuja cenografia é literária, no caso do *Livro vermelho*, por exemplo, um manuscrito caligrafado em fólios ao estilo gótico medieval, editado e publicado postumamente com notas, comentários e uma “disposição” textual configurada a partir dos diários e esboços (que antecederam a versão “esteticamente elaborada” pelo autor, a qual restou inacabada, denotando um trabalho de gestão por parte do editor, além de um trabalho de estabilização de enunciados). Já as cartas pessoais apresentam uma dimensão de análise privilegiada para se estudar o posicionamento do autor, por revelar uma dimensão de regulação na qual o autor gere e faz ajustes em sua obra. Logo, considerando que a Análise do discurso pode reivindicar o estudo de quaisquer gêneros, este projeto encontra sua justificativa na possibilidade de expansão do campo de análise de discursos associados à instituição de fala da Psicologia, a fim de explorar o fenômeno da autoria, ainda pouco compreendido do ponto de vista do funcionamento discursivo. Metodologicamente falando, este projeto dispõe das noções da Análise do discurso e as mobiliza como uma rede de conceitos que abordam o fenômeno da autoralidade por diferentes vias, que são complementares entre si e podem ser articuladas no estudo das condições de emergência e circulação de obras associadas a uma “identidade criadora”. De forma específica, os objetivos deste projeto consistem em: i) demonstrar que a paratopia do autor é um movimento dúbio, pois se dá tanto na forma de um afastamento biográfico como também no engajamento do autor em empreendimentos coletivos; ii) demonstrar como a sua ausência-presença paratópica inscreve Jung em um não-lugar discursivo, que diz respeito tanto a um afastamento cronográfico (distanciamento do tempo Moderno denunciado pela manuscrição de texto à maneira medieval, citações em latim, etc.), quanto a seu não pertencimento topográfico (sua vida no pequeno castelo à beira do lago, onde cria obra). Problematizarei a hipótese de que, ao enunciar, o autor justifica e adquire os meios de preservar seu afastamento dos lugares comuns da sociedade, já que a obra de Jung se desenvolve no sentido de uma erudição auto legitimadora, paratopia esta que fundamenta o próprio direito de dizer

e fazer obra. A paratopia será estudada com recurso à noção de *archeion*: “o trabalho de *fundação* no e pelo discurso, a determinação de um lugar associado a um corpo de *enunciadores consagrados*, e à elaboração de uma *memória*” (MAINGUENEAU, 2015, p. 7). Outra meta do projeto é demonstrar as implicações de se tomar uma das *faces* da “função autor” como sendo o ator da cena de enunciação criada por sua fala. São ainda objetivos do projeto: problematizar o funcionamento das instâncias de inscrição da subjetividade, indagando sobre o modo de constituição e consolidação de uma “identidade autoral” no mundo instaurado pelo discurso; e problematizar as consequências das publicações póstumas para a gestão da obra, considerando a tese de que a autobiografia e as cartas de Jung validam o status de um *Auctor* (escritor consagrado), cuja *assinatura* é associada a uma Obra maior, que inscreve certa relação entre Bio/grafia. A resposta à pergunta “é a escrita uma forma de vida?” encena a lenda pessoal do autor em seu gesto fundador de trabalhar sobre um manuscrito de forma “artesanal”, como um legítimo *criador*. Intentarei demonstrar, por fim, a especificidade dos gêneros autobiográficos para o campo da Psicologia, haja vista que a metadiscursividade é uma constante no discurso psicológico. A rede de conceitos assim projetada inclui, principalmente, noções de paratopia, funcionamento de autoria, imagem de autor, *ethos*, discurso constituinte e *archeion*. A fim de corroborar a tese de que, neste tipo de produção discursiva, a paratopia é o motor da enunciação e a condição para se criar uma *Opus* (Obra), a metodologia de trabalho consistirá em um estudo preliminar da semântica discursiva da Psicologia analítica – que representa o posicionamento de Jung no campo; em seguida, a análise do *corpus* mobilizará o desdobramento das noções teóricas, e se complementarará com o estudo de textos produzidos pela comunidade discursiva fundada em torno à obra junguiana. Este caminho de pesquisa, por meio da análise que se fará, tende, por fim, a ver refutada ou confirmada a hipótese inicial considerada. Como possíveis apontamentos e direções de leituras resultantes deste projeto, a análise do posicionamento de Jung no campo da Psicologia sugere a consideração de que esta disciplina estaria em processo de estabilização, condição que engendraria um funcionamento específico das instâncias de subjetivação em jogo na instituição de uma ciência. Estas afirmações podem ser confrontadas com a historiografia dessa disciplina heterogênea, de múltiplas abordagens (SHAMDASANI, 2003; SCHULTZ, 2011), que emergiu em um universo discursivo no qual se destaca da psiquiatria e da medicina fisiológica, para se constituir em um campo de análise válido por si mesmo. Outros apontamentos possíveis surgirão oportunamente, com o aprofundamento das leituras.

REFERÊNCIAS

- JUNG, C. G. **Livro vermelho**. Liber novus. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MAINGUENEAU, D. **Analisando discursos constituintes**. Revista do GELNE, v. 2 n. 2, p. 1-12, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9331>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: contexto, 2016.
- MAINGUENEAU, D. **Escritor e imagem de autor**. Tropelias, v. 24, p. 17-30, 2015. Disponível em: <https://papiro.unizar.es/ojs/index.php/tropelias/article/view/1139>. Acesso em: 08 nov. 2020.
- MAINGUENEAU, D. The paratopic imagination. An encounter with Dominique Maingueneau. **Intertexts**, v. 22, n. 1/2, p. 40-54, 2018.

RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA E FOTOGRAFIA NO PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO

Raquel Ribeiro de OLIVEIRA (PPGEL/UFU/CAPES)
Orientador: Prof. Dr. José Simão da SILVA SOBRINHO

Este trabalho visa apresentar um recorte teórico desenvolvido na pesquisa de doutorado, em andamento, intitulada: “Língua, Fotografia e Discurso: Divisão Social do Trabalho no Guia do Estudante”. As questões que suscitam a investigação do tema proposto por esta pesquisa subdividem-se em duas questões analíticas e uma questão teórica. Sejam elas, “Quais formações imaginárias conformam sentidos para a universidade, o sujeito estudante universitário e para o trabalho no funcionamento discursivo das fotografias em textos publicitários publicados na Edição Especial do Guia do Estudante, especificamente do volume impresso edição especial Guia das Profissões dos anos 2018 e 2019”?; “Como essas formações imaginárias e a divisão social do trabalho que elas instauram (se) inscrevem (n)as lutas de classe?” e “Que relações há entre a fotografia e a língua no processo de significação em análise?”. Para este recorte, nos ateremos à discussão de nossa última questão de pesquisa – a questão teórica - a fim de compreendermos as articulações entre língua, fotografia e discurso no processo de significação. Em sua obra *Semântica e Discurso*, Pêcheux “questiona as evidências fundadoras da Semântica” (p.18, 2014b), e mostra que a Semântica, enquanto parte da Linguística, é atravessada por contradições e que, partindo também dessas contradições é que a Linguística “tem a ver” (se relaciona) com a Filosofia e com as Ciências Sociais (representada aqui pelo materialismo histórico). A Semântica, conforme explicita Pêcheux, tem como objeto científico “a língua como um sistema que se encontra contraditoriamente ligada, ao mesmo tempo, à ‘história’ e a aos ‘sujeitos falantes’”. Além dessas constatações, Pêcheux desloca a existência de uma articulação da Linguística com “a teoria histórica dos processos ideológicos e científicos, que por sua vez, é parte das ciências das formações sociais. É, pois, com base nessas proposições que o autor desenvolve que “a língua se apresenta como a *base comum dos processos discursivos*” (p. 81, 2014b). Em relação a essa afirmação ele destaca, ainda, que falar em *base linguística* em oposição a *processos discursivos* não significa que o termo *base* sugira que a língua faria parte da infra-estrutura econômica, mas sim que ela é o pré-requisito indispensável de qualquer processo discursivo. Assim, conforme ressalta Pêcheux: “É, pois, sobre a base dessas leis internas, que se desenvolvem os processos discursivos [...]” (p. 82, 2014b). Considerando, então, tais questões para pensarmos a relação entre língua e fotografia no processo de significação, compreendemos que, se a língua é o pré-requisito indispensável de qualquer processo discursivo, é por meio dela também que é possível ler a fotografia. Nesse viés, destacamos que a fotografia, para nós, é uma forma de significar, mas é por meio da língua que se torna possível descrevermos tais sentidos. As fotografias, geralmente, vêm acompanhadas de um título, uma legenda, uma descrição, ou seja, se relacionam com algum elemento textual. Porém, seus sentidos não se iniciam e nem se encerram necessariamente sob esses aspectos. Isto porque, por meio da interpretação, podemos relacionar essa fotografia a diferentes outras formas de significar, o que pode produzir, desta forma, sentidos outros além dos sugeridos pela textualidade relacionada. Sendo assim, é por meio da língua – considerando-a como base dos processos discursivos – que se torna possível entendermos a fotografia como um objeto discursivo, em nosso trabalho, e falarmos sobre os sentidos que conformam a fotografia enquanto tal objeto. Em suma, se a língua é pré-requisito indispensável de qualquer processo discursivo, significa que ela também é indispensável no processo de leitura de fotografias. Pensando, pois, nos processos de significação pelos quais a fotografia significa para os

sujeitos, consideramos que a fotografia significa pelo modo que se inscreve nas formações discursivas (FDs) e nas formações ideológicas (FIs). Levando em conta, ainda, a opacidade da fotografia e que as formações discursivas e as formações ideológicas a elas relacionadas são constituídas pela contradição, a fotografia só significa no jogo da (des)estabilização dessas FDs e FIs, sendo assim, o sentido de uma fotografia sempre pode ser outro. Pensar essa (des)estabilização é também se questionar: que tipo de leitura podemos empreender face a uma fotografia? No jogo dos processos discursivos, quando perguntamos do que se trata uma fotografia, já sabemos também do que não se trata. Como já mencionamos anteriormente, na análise de uma fotografia não é possível prescindir da língua. A fotografia não é uma mera ilustração do verbal, no entanto, eles funcionam em relação. A fotografia, em sua materialidade discursiva, nos remete a uma conjuntura de fatores sócio-histórico-ideológicos. Coloca-se em relação, o campo do visível e o campo do invisível. O que é mostrado e o que não é mostrado em determinada fotografia. Em suma, nosso trabalho compreende o funcionamento discursivo das fotografias analisadas, pensando, especialmente, a questão da significação, ou seja, em como tais fotografias produzem sentidos, quais as heterogeneidades discursivas que constituem esses sentidos.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE) trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Valeiros de Castro. 2.ed. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1985.
- BARTHES, Roland. **La retórica de la imagen**. Communications, 1964.
- BABENVENISTE, Émile. **Semiologia da Língua**. In: Problemas de Linguística Geral II. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- FONTCUBERTA, Joan. **A câmera de Pandora**: a fotografi@ depois da fotografia. Maria Alzira Brum (Trad.). São Paulo: Editora G. Gilli, 2012.
- FONTCUBERTA, Joan. **O beijo de Judas**: fotografia e verdade. Trad. Maria Alzira Brum. Barcelona: Editora G. Gilli, 2010.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. Campinas-SP: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Françoise Gedet et al. (Trad.). 5. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2014a.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Eni Puccinelli Orlandi et al. (Trad.). 5. ed. Campinas-SP. Editora da Unicamp, 2014b.

A QUESTÃO DA SIGNIFICAÇÃO E DA LEITURA NO DISCURSO SOBRE FOTOGRAFIA

Realina Maria FERREIRA (PPGEL/UFU)

Orientador: Prof. Dr. José Simão da SILVA SOBRINHO

A partir do momento em que é percebida a existência de um litígio, uma possível forma de solução se dá por meio de uma ação judicial. Todavia, cabe ressaltar que a norma jurídica é sempre passível de interpretações distintas, em outras palavras, conforme Althusser, a justiça é uma prática política. Consonante a isso, assim como no âmbito jurídico, a fotografia é significada de diversas formas. Numa dessas formas, talvez a mais cristalizada na sociedade, a fotografia considerada um registro que reflete a realidade, conseqüentemente, não é questionada a respeito de sua veracidade. Dentro de um processo judicial, a fotografia tem uma função de extrema importância, uma vez que é possível usá-la como prova em várias esferas do Direito: cível, trabalhista e criminal. Sob essa ótica, a questão da leitura da fotografia em práticas jurídicas ganha relevância ao considerarmos as transformações nos processos de produção e circulação da fotografia. Diante disso, o objetivo deste estudo é compreender, na perspectiva da Análise de Discurso, a leitura da fotografia no processo jurídico, considerando as transformações dela decorrentes das possibilidades criadas pela tecnologia digital e como isso se inscreve, hoje, na prática jurídica. Para que isso seja feito, buscamos responder ao seguinte questionamento: *diante das mudanças decorrentes da tecnologia digital, como a fotografia é lida hoje na prática processual jurídica?* Na tentativa de responder a essa questão, analisamos um processo relacionado ao direito dos animais, o que nos possibilita observar as formações discursivas nas quais se inscrevem esses direitos, bem como, observar a questão da leitura da fotografia em práticas jurídicas. Nesse sentido, a fotografia é considerada uma forma da linguagem. Por meio dela, é possível produzir significação e, conforme Fontcuberta, “a história da fotografia pode ser contemplada como um diálogo entre vontade de nos aproximarmos do real e as dificuldades para fazê-lo” (2010, p. 9). Sob esse ponto de vista, compreendemos que a fotografia é irreduzível a um processo mecânico e técnico. Essa complexidade se observa já no fato de que ela é significada de várias maneiras, possibilita diversas leituras. Isso porque a fotografia não é cópia ou reflexo do real: “fotografar, em suma, constitui uma forma de reinventar o real, de extrair o invisível do espelho e revelá-lo” (FONTCUBERTA, 2010, p. 31), em outras palavras, a fotografia é capaz de mudar a significação, construir acontecimentos. Assim, ao ser significada como arte, a fotografia se aproxima da pintura e do desenho e tem sido considerada uma maneira de produção artística. Além disso, em meados do século XIX, a fotografia ganhou outro olhar, devido às transformações sociais e econômicas impulsionadas pela Revolução Industrial. Além de arte e criação, a fotografia passou a ser significada, também, como algo mais técnico e mecânico. Vê-se, nessa mudança, o tecnicismo característico da Modernidade. Sob esse prisma, Fontcuberta acrescenta que, “toda fotografia é uma ficção que se apresenta como verdadeira” (2010, p. 13). Na análise do mesmo autor, “ainda hoje, tanto no âmbito cotidiano, quanto no contexto estrito da criação artística, a fotografia aparece como uma tecnologia a serviço da verdade” (2010, p. 13). Portanto, nosso trabalho se debruça sobre essas significações da fotografia e como elas funcionam no processo jurídico em análise.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. 1ª Ed., Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1974.

FONTCUBERTA, Joan. **O beijo de Judas**: fotografia e verdade. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. FUCHS, Catherine. **A Propósito da Análise Automática do Discurso**: Atualização e Perspectivas In GADET, F. HAK, T. (Org.). **Por Uma Análise Automática do Discurso**: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. 3ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997, p. 163-235.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi et al. 5ª ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.

LÍNGUA, FOTOGRAFIA E SIGNIFICAÇÃO EM *GUIAS* DA CIDADE DE UBERLÂNDIA

Welton Pereira de MENDONÇA (PPGEL/UFU)
Orientador: Prof. Dr. José Simão da SILVA SOBRINHO

O espaço urbano é constituído pela linguagem em seus funcionamentos, o que define as posições de significação e os imaginários a partir dos quais esse espaço é (re)dividido, fundando os sentidos do público e do privado e conformando por sentidos os sujeitos. Diante disso, para compreender os discursos constitutivos do espaço urbano de Uberlândia-MG, neste trabalho adotamos a Análise de Discurso Francesa, que tem por objeto o discurso, entendido como efeito de sentido entre sujeitos. O material de análise utilizado nesta pesquisa é composto por fotografias de dois Guias Turísticos da cidade, produzidos pela Prefeitura Municipal e por fotografias publicadas em outras mídias de Uberlândia e cidades da região. Quanto aos Guias, embora a Prefeitura Municipal tenha publicado vários encartes com o objetivo de divulgar pontos turísticos, a análise incidirá especificamente nas edições de 2015 e 2019. Sob essa ótica, analisaremos como a significação é abordada na Análise de Discurso, no intuito de compreender a interpelação ideológica no funcionamento discursivo das fotografias selecionadas para análise. Vale ressaltar que Michel Pêcheux trata a significação pensando a relação da língua com o interdiscurso, em processos determinados pela ideologia e pelo inconsciente, estruturas-funcionamentos materialmente ligadas. Nossa compreensão da interpretação considera essa relação entre ideologia e inconsciente, e que a língua é a base material em que a interpretação se realiza, na qual o discurso é produzido como efeito de sentido, sempre em relação a posições discursivas em jogo no processo discursivo. A posição discursiva se inscreve, constitutivamente, no complexo das formações discursivas e das formações ideológicas relacionadas. Diante disso, um dos Guias analisados, edição de 2015, evidencia, na capa, uma fotografia noturna da cidade e chama a atenção para as práticas de cultura, lazer, compras, serviços, eventos e gastronomia, além de exibir as bandeiras do município, do Estado de Minas Gerais e do Brasil, e o texto em português, inglês e espanhol. Na primeira página, sobre uma fotografia diurna há o enunciado “Bem-vindo a Uberlândia. Uma cidade sempre pronta para receber você”, juntamente com um texto que ressalta a modernidade da rede hoteleira, a eficiência em serviços, gastronomia, variedade de opções de compras, lazer e entretenimento, estrutura completa de saúde e natureza exuberante e, se encerra com o slogan “Ser cidade educadora é cuidar das pessoas”. O outro Guia analisado, edição de 2019, mostra, em sua capa em fundo branco, apenas o enunciado “Vem viver, inovar, investir”, a logomarca da Prefeitura Municipal e outro enunciado “Uberlândia – Minas Gerais – Brasil”. Na segunda página, o enunciado se apresenta sob a forma de palavras-chave: junto à palavra casa, há uma fotografia de uma residência e de uma mulher empurrando um carrinho de bebê; junto à palavra inovar, há uma fotografia de uma empresa moderna e um jovem com uma mão no bolso e, junto à palavra investir, há uma fotografia de uma indústria com um homem empurrando um carrinho com caixas. Além dos temas abordados no Guia de 2015, o Guia de 2019 trata do potencial do município nos setores da inovação, sustentabilidade e turismo e, ao contrário do Guia de 2015, apresenta textos apenas em português. Nessa linha de raciocínio, em ambos os Guias estão em funcionamento os discursos do urbanismo, do turismo, da inovação, do empreendedorismo etc, instigando-nos a analisar a heterogeneidade discursiva e seus efeitos no imaginário da cidade e na constituição do sujeito, o que abre a discussão para a compreensão da construção do espaço urbano - constituído por uma tessitura de significações, urdidas nas lutas ideológicas de classe. As fotografias integrantes dos Guias – objetos simbólicos

que constituem sujeitos e discursos – constroem e reproduzem diferentes posições discursivas pelo modo como se inscrevem nas formações ideológicas. Assim, as fotografias são analisadas considerando-se a articulação com outras formas da linguagem, sobretudo a língua, e as relações de sentidos entre o dizer dos Guias e os dizeres de outras mídias que abordam as discursividades tratadas (ou apagadas) nos Guias. Além disso, pretende-se compreender como os discursos encontram-se articulados nos Guias, produzindo o imaginário urbano e seu funcionamento político nas relações do sujeito com a cidade.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. 1ª Ed., Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1974.
- CULT Meio e Mídia. Uberlândia Convention & Visitors Bureau. **Guia Uberlândia**. Dezembro 2015/2016. Publicação Bianual e oficial do Uberlândia Convention & Visitors Bureau.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**. Princípios e Procedimentos. 4. ed. Campinas: Pontes, 1994.
- ORLANDI, Eni P. **Para uma enciclopédia da cidade**. Eni P. Orlandi (Org.). Campinas: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003.
- ORLANDI, Eni P. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi et al. 5ª ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso** (1969). Trad. Eni Orlandi. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3ª edição. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1997.
- Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi et al. 5ª ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. **Língua, linguagens, discurso**. In PIOVEZANI, Carlos; SANGENTINI, Vanice (Org.). **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso**. SP: Contexto, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.
- PREFEITURA DE UBERLÂNDIA. **Vem viver, inovar, investir**. 2019.
- SILVA SOBRINHO, J. S. Espaço de enunciação brasileiro no imaginário do Museu da Língua Portuguesa. **Língua e Instrumentos Linguísticos**, v. 1, p. 195-220, 2015.

VOZES HEGEMÔNICAS E VOZES DISSIDENTES: UMA ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA SOBRE ABORTO

Bianca Mara Guedes de SOUZA (PPGEL/UFU/CAPES)
Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Resende OTTONI

Esta pesquisa está em desenvolvimento no programa de Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na Linha de Pesquisa 2 - Linguagem, sujeito e discurso. Vinculada ao projeto de pesquisa Gêneros, discursos, identidades e letramento: um olhar para diferentes práticas sociais, coordenado pela Professora Dr^a. Maria Aparecida Resende Ottoni. A pesquisa tem como tema a prática social do aborto e seus desdobramentos discursivos na sociedade brasileira. A prática de aborto legal e ilegal é um problema social com uma faceta discursiva relacionada dialeticamente a outras práticas sociais. Nesse sentido, o debate sobre direitos reprodutivos, especialmente, acerca do aborto, traduz relações de poder e o controle da capacidade reprodutiva, e constrói narrativas sobre a função social da mulher (ROHDEN, 2003). A legislação brasileira admite a prática de aborto realizada por médico, somente em três situações, a saber: 1. quando a gravidez é decorrente de estupro; 2. quando há risco de morte para a gestante; 3. ou quando o feto é anencéfalo. Sob essa ótica, o ato de pesquisar os discursos sobre o aborto e a mulher que aborta no jornalismo pode ajudar a esclarecer os posicionamentos tomados pelos veículos e por aqueles que têm voz nos jornais, e o que esses discursos impulsionam nas mudanças sociais, sejam elas legais ou de costumes. Dessa forma, contamos como objetivo geral analisar, entender e comparar as representações e identificações do aborto e da mulher que já praticou o aborto construídas em material jornalístico e em relatos pessoais, tendo em vista questões ideológicas, relações de poder e hegemonia. Diante disso, nossos objetivos específicos são: a) Investigar quais textos, vozes e discursos são articulados em materiais jornalísticos sobre a prática social do aborto e em relatos pessoais de mulheres que praticaram o aborto; b) perceber como eles são articulados e quais representações e identificações essas articulações constroem na mídia e nos relatos sobre o aborto e as mulheres que abortaram, além de outros atores sociais envolvidos nos textos; c) comparar as diferenças/semelhanças entre as construções discursivas observadas; d) averiguar se a prática jornalística desempenha algum papel na manutenção ou contestação das relações de poder socialmente estabelecidas sobre prática social do aborto e analisar esse papel caso verificado. Para isso, ancoramo-nos em pressupostos da Análise de Discurso Crítica (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003), e trabalhamos com as categorias intertextualidade, vocabulário, interdiscursividade e avaliação. Além disso, para a triangulação teórica da pesquisa, apoiamo-nos em estudos sobre: o sistema da avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005); estudos sobre a prática social jornalística, em suas especificidades digital (KAWAMOTO, 2003), de referência (ZAMIN, 2014) e alternativa (MENEZES, 2010); e sobre a prática do aborto e seus dados (DINIZ; MEDEIROS; MADEIRO, 2017; STARRS et al, 2018), história (DEL PRIORE, 2013) e os outros atores sociais envolvidos (PINTO, 2003). Nesta dissertação, a metodologia empregada é de pesquisa documental (COHEN; MANION; MORRISON, 2007), com abordagem quanti-qualitativa e interpretativista (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017), é no diálogo entre a Linguística de *Corpus* e a ADC (KOPF, 2019) que realizamos a triangulação metodológica do trabalho. Quanto à triangulação de dados (FLICK, 2013) nosso *corpus* de análise é composto por diferentes fontes e diferentes gêneros da esfera jornalística e se divide em 22 textos do jornal Folha de São Paulo, 16 do veículo independente Revista AzMina e 78 do *blog* ativista Somos Todas Clandestinas. A pesquisa busca

desvelar as relações de poder envolvidas na prática social do aborto, e por meio de sua compreensão contribuir para minimização do problema social.

REFERÊNCIAS

- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COHEN, Louis; MANION, Lawrence; MORRISON, Keith. **Research Methods in Education**. 6. ed. Abingdon: Routledge, 2007. 638p.
- DINIZ, Débora; MEDEIROS, Marcelo; MADEIRO, Alberto. Pesquisa Nacional de Aborto 2016. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2017, vol.22, n.2, p.653-660. ISSN 1678-4561. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232017000200653&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 set. 2020.
- DEL PRIORE, Mary. **Conversas e histórias de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013. 312p.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.
- FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013. 256p.
- KAWAMOTO, Kevin. Digital Journalism. **Emerging Media and the Changing Horizons of Journalism**. Rowman & Littlefield: New York, 2003. 189p.
- KOPH, Susanne. Corpus-Assisted Critical Discourse Studies? Marrying Critical Discourse Studies and Corpus Linguistics: Über den Brückenschlag zwischen Kritischen Diskursstudien und Korpuslinguistik. **Diskurse**, Mannheim, v. 1, n. 3, p. 92-110, 2019. Disponível em: <https://majournals.bib.uni-mannheim.de/diskurse-digital/article/view/99>. Acesso em: 17 ago. 2020.
- MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André R.; RESENDE, Viviane M. **Análise de Discurso Crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017. 230 p.
- MARTIN, J. R.; WHITE, Peter R. R. **The language of evaluation** - appraisal in English. Londres: Palgrave/Macmillan, 2005. 291p.
- MENEZES, Antonio Simões. **Jornalismo de resistência**: apropriação das estratégias discursivas do campo midiático pela revista sem terra. 2010. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/679>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. 120p.
- ROHDEN, Fabíola. **A arte de enganar a natureza**: contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. 248p.
- STARRS, Ann M. et al. Accelerate progress sexual and reproductive health and rights for all: report of the Guttman Lancet Commission. **Lancet**, 2018, n. 391, p. 2642-2692. Disponível em: [https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736\(18\)30293-9.pdf](https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736(18)30293-9.pdf). Acesso em: 05 out. 2020. doi: 10.1016/S0140-6736(18)30293-9.
- ZAMIN, Angela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 918-942, set-dez, 2014. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/16716/12570>. Acesso em: 20 jul. 2020.

AS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DAS PESSOAS COM CEGUEIRA E AS PRÁTICAS DE LEITURA DAS MULTISSEMIOSES

Camila da Silva GONZAGA (PPGEL/UFU)

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Resende OTTONI

Este projeto de tese de doutorado, intitulado “As representações discursivas das pessoas com cegueira e as práticas de leitura das multissemioses”, faz parte do Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Uberlândia e está vinculado ao projeto “Discursos; Identidades e Letramentos: um olhar para diferentes práticas sociais”, coordenado pela professora Dr^a. Maria Aparecida Resende Ottoni, e ao Grupo de Pesquisa e Estudo em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional, liderado pela referida docente, em parceria com a professora Dr^a. Maria Cecília de Lima. O objetivo primordial desta tese é investigar a representação dos alunos com cegueira e dos professores de Língua Portuguesa (LP), no que se refere às atividades de leitura das multissemioses. Para isso, seguiremos os pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (ADC), mais especificamente da abordagem dialético-relacional (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003). Essa abordagem da ADC centra em uma concepção de discurso que o relaciona a outros elementos das práticas sociais, e que essas práticas são compostas por outros diversos elementos: pessoas com crenças, atitudes, suas histórias, dentre outros (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Quanto ao tipo de pesquisa, ela é de cunho etnográfico e colaborativo. Como participantes, os alunos cegos que são acompanhados pela equipe de apoio pedagógico no Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual (CAP-DV) e professores de LP. O critério para escolha desses participantes se deve ao fato de eles estudarem em escola regular, no período em que será realizada a pesquisa, no caso dos alunos, e de atuarem em sala de aula, no caso dos professores de LP. Como instrumento de geração de dados, realizaremos entrevistas com esses participantes (após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP), e, após a análise crítica dos dados, será construída uma proposta de minicurso, o que envolverá práticas discursivas que estarão relacionadas com as práticas sociais de leitura inclusiva, afinal, não podemos esquecer que as atividades de leitura multissemiótica propostas para os alunos com cegueira não são acessíveis. Para essa proposta, pautamos nos estudos da Gramática do Design Visual (GDV), criada por Gunther Kress e Theo Van Leeuwen (2006[1996]). Nesse viés, sabemos que as imagens estão a serviço de representar o mundo, as pessoas e os eventos, por isso, acreditamos que os significados propostos na GDV, pelos autores supracitados, contribuirão, sobremaneira, para realização da leitura de imagens para os cegos, além de oportunizar uma reflexão acerca das práticas de ensino destinadas a esse público, sobre a multimodalidade, sobre o letramento crítico e sobre a inclusão das pessoas com deficiência no Brasil. Por fim, pretendemos descobrir quais as causas que geram a falta de acessibilidade para os alunos cegos aos meios multissemióticos que circulam na sala de aula e em outras esferas sociais, propondo mudanças nas práticas de ensino de leitura que favoreçam a inclusão social dos alunos com deficiência visual, já que as práticas de linguagem desenvolvidas na sala de aula não atendem a diversidade dos alunos no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- CHOULIARAKI, Lillie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse: textual analysis for social research**. Londres e Nova York: Routledge, 2003.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images: The Grammar of Visual Design**. Second Edition, London: New York: Routledge, 2006.

DISCURSO, COGNIÇÃO E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA SOCIAL DE INGRESSO E DE PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO POR MEIO DE COTAS SOCIAIS E RACIAIS

Conceição Maria Alves de Araújo GUIARDI (PPGEL/UFU/CAPES)
Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Resende OTTONI (PPGEL/UFU)
Coorientador: Prof. Dr. Teun Adrianus VAN DIJK (UPF)

A presente pesquisa de doutorado tem como objetivo primário investigar a prática social de ingresso e permanência de alunos oriundos de escolas públicas em universidades, por meio da Ação Afirmativa (AA) - cotas sociais e raciais -, e a representação discursiva dessa prática e desses alunos. Ela está vinculada ao projeto “Discursos; Identidades e Letramentos: um olhar para diferentes práticas sociais”, coordenado pela professora Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni e se insere também, no âmbito do Grupo de Pesquisas e Estudos em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistemico-Funcional, liderado pela professora supracitada e pela professora Dra. Maria Cecília de Lima. Temos conhecimento de que as políticas educacionais brasileiras, que visam a garantir o acesso e permanência no ensino superior, por exemplo, precisam avançar muito, principalmente, no que tange à oferta de vagas para as minorias, tais como pobres, negros e indígenas. No entanto, acreditamos que não é somente garantir o acesso ao ensino superior, mas também a permanência. Isso deve ser feito de maneira democrática, haja vista que sabemos da existência de um enorme abismo social que divide os estudantes oriundos de escolas particulares e os alunos oriundos de escolas públicas, principalmente aqueles que moram e estudam em escolas públicas de periferia¹ e que carregam marcas de várias mazelas sociais. Nós conjecturamos que um dos caminhos para garantir a democratização da educação, de forma a assegurar o acesso ao ensino superior, é o sistema de cotas sociais e raciais, foco da nossa pesquisa de doutorado. A maioria de jovens negros e/ou pobres, oriundos de escolas públicas, não consegue ingressar nas universidades e esse é um dos motivos que justifica a implantação de cotas. De acordo com o Laboratório de Políticas Públicas, da UERJ (2006, p.1), “vivemos numa das sociedades mais injustas do planeta, onde o ‘mérito acadêmico’ é apresentado como o resultado de avaliações objetivas e não contaminadas pela profunda desigualdade social existente”. No entanto, nós temos consciência de que “as cotas não solucionam todos os problemas da universidade, elas são apenas uma ferramenta eficaz na democratização das oportunidades de acesso ao ensino superior para um amplo setor da sociedade excluído historicamente do mesmo” (SITE DO LABORATÓRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS – UERJ, 2006, p.1). Nós também entendemos as AA sobre cotas como uma forma de adoção de práticas antirracistas, conforme defende van Dijk (2020, no prelo). De acordo com Santos (2003, p.56) [...] “temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza”. Esse autor explica que é aí que nasce “a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não

¹ Esclarecemos que não estamos nos referindo à periferia apenas como um espaço geográfico. Concordamos com Freitas (2007, p.194), quando ele explica que “o termo não deve, necessariamente, ser visto como sinônimo de subúrbio, que estaria mais relacionado a questões de densidade demográfica e de geografia, que propriamente a questões econômicas. Ainda assim, relacionamos tanto um termo como outro à pobreza, desprestígio, e, por extensão, invisibilidade. Por essa razão, os grupos sociais que habitam os espaços periféricos são tidos como “minoritários”. Tal termo abarca os recortes necessários para classificar populações ideologicamente marginalizadas, tais como: raça e etnia, gênero, sexualidade, geração, classe e, também, regionalismos”.

produza, alimente ou reproduza as desigualdades” (SANTOS, 2003, p. 56). As AA sobre cotas, por exemplo, podem permitir que diferentes atores sociais possam tentar ingressar no ensino superior com condições, ainda que mínimas, de igualdade. É verdade que houve um avanço na implantação dessas AA; todavia, outros problemas surgem nesse contexto, que acarretam outro entrave: a permanência dos estudantes na universidade. Como exemplo, temos: a manifestação de relações assimétricas de poder entre alunos negros ou oriundos de escolas públicas e aqueles que tiveram acesso ao ensino privado; muitos estudantes cotistas têm dificuldades, também, com a produção científica acadêmica e com as finanças. Outra questão que merece destaque refere-se ao fato de que, quando temos a divulgação, pela mídia, dos resultados de jovens que conseguem ser aprovados por meio do sistema de cotas sociais ou raciais, isso é representado, muitas vezes, de forma negativa. Essas questões que envolvem tanto o acesso quanto a permanência no ensino superior se caracterizam, sob nosso ponto de vista, como um grande problema social (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), do qual a linguagem é parte fundamental. Como aporte teórico, recorreremos aos estudos da Análise de Discurso Crítica (ADC), focando nas abordagens dialético-relacional (FAIRCLOUGH, 1989, FAIRCLOUGH, 1992, CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003) e na sociocognitiva (VAN DIJK, 2015, 2018a, 2018b). Além da ADC, recorreremos aos estudos sobre AA e cotas (van Dijk, 2020, no prelo), racismo (VAN DIJK, 1991, 2000, 2015, 2020, no prelo) e pobreza (BRASIL, 2019, 2020). Nosso corpus será constituído de: a) dados sobre o ingresso no ensino superior por meio de cotas, coletados nas duas universidades participantes da pesquisa: a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e a Universidade de Brasília (UnB); b) reportagens online e comentários sobre esse ingresso; c) dados gerados por meio de entrevistas com alunos cotistas da UFU e da UnB, com professores que ministram aulas para esses alunos no ensino superior, com o secretário ou subsecretário de educação, de Uberlândia e de Brasília; d) dados gerados por meio de registro em diário de campo e por meio de gravação de atividades com grupos focais constituídos por estudantes cotistas da UFU e da UnB. A pesquisa está em fase de análise das reportagens online e comentários acerca do acesso ao ensino superior por meio de cotas sociais e raciais. Quanto aos dados gerados, que são as entrevistas, não terminamos a realização de todas, já que a pandemia da Covid-19 comprometeu, sobremaneira, a ida a campo. A análise em andamento já conseguiu evidenciar várias marcas de avaliação das minorias pelas elites simbólicas, uso de metáforas, polarização entre NÓSxELES (VAN DIJK, 2015, 2018) – principalmente, quando a discussão é sobre pobreza e racismo –, exclusão de atores sociais e representações de caráter negativo, como se os estudantes cotistas “ocupassem” um espaço que não lhes pertence por direito. Assim, acreditamos que, ao analisarmos todos os dados coletados e gerados, ancorando-nos em teorias e métodos que se preocupam em dar destaque para a relação discurso, cognição e sociedade, poderemos contribuir para a transformação/minimização (OTTONI, 2019) do problema social identificado.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei nº 12.711**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências, 2012.
- CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity**. Rethinking critical discourse analysis. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999, 166p.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. New York: Longman, 1989, 248p.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and social change**. Oxford and Cambridge: Polity Press and Blackwell, 1992, 251p.



FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse:** Textual analysis for social research, London: Routledge. 2003, 270p.

SANTOS, Boaventura. (Org.). **Democratizar a democracia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, 678p.

VAN DIJK, Teun Adrianus. Discurso das elites e racismo institucional. In CHARAUDEAU, Patrick; POSSENTI, Sírio; VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discursos e (de)igualdade social**, 2015, 199p.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso e poder.** São Paulo: Contexto, 2018a, 281p.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Cognição, discurso e interação.** São Paulo: Contexto, 2018b, 207p.

ANÁLISE CRÍTICA DAS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO ASSASSINATO DE UMA LÍDER SOCIAL COLOMBIANA NA MÍDIA NACIONAL: O CASO DE MARÍA DEL PILAR HURTADO

Laura Alejandra Guerrero CALDERÓN (PPGEL/UFU/CAPES)
Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Resende OTTONI

Esta pesquisa está vinculada ao projeto “Discursos; Identidades e Letramento: um olhar para diferentes práticas sociais”, coordenado pela professora Dr^a. Maria Aparecida Resende Ottoni, e ao Grupo de Pesquisa e Estudo em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional, liderado pela referida docente em parceria com a professora Dr^a. Maria Cecília de Lima. A ideia de conduzir esta pesquisa surgiu do interesse de entender, questionar e analisar um dos fenômenos mais preocupantes do contexto sócio-histórico colombiano e que, nos últimos anos, é tema principal na agenda política e midiática do país: o assassinato de líderes sociais e defensores de direitos humanos. Atualmente, a Colômbia está passando por uma das mudanças sociopolíticas mais importantes dos seus últimos anos: o pós-acordo de paz, resultado da assinatura do tratado de paz entre o Governo Nacional e o grupo insurgente autodenominado Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - Exército do Povo (FARC-EP), oficializado no dia 24 de novembro de 2016. É neste cenário que ocorre um crescimento exacerbado de casos de líderes sociais assassinados em diversas regiões do território nacional, dos quais a maioria ainda não tem punição. Levando em conta a impossibilidade de abranger o amplo fenômeno de todos os casos de homicídio de líderes sociais, escolheu-se analisar um desses casos a saber: o assassinato de María del Pilar Hurtado, líder social do município de Tierralta, Córdoba. A escolha desse caso se deve à relevância que teve na mídia, em razão da divulgação de um vídeo filmado no momento do crime, no qual o filho da líder social estava chorando e gritando pelo acontecido. Esse vídeo causou muita indignação nos cidadãos, que protestaram e marcharam exigindo do governo e das autoridades uma investigação, o que gerou uma maior cobertura da notícia. Mesmo assim, as investigações ainda não foram concluídas e a informação divulgada na mídia foi confusa e, em algumas fontes, incongruente. Tendo isso em consideração, o objetivo geral deste trabalho é investigar, analisar e discutir como o assassinato de María del Pilar Hurtado e dos atores sociais nele envolvidos são representados discursivamente em textos produzidos por jornalistas e em textos produzidos por internautas da rede social *Twitter*. Os objetivos específicos deste estudo são: a) Investigar quais elementos do evento social em foco foram excluídos nas reportagens e nos comentários selecionados, quais foram incluídos e como foram incluídos; b) Investigar quais atores sociais são incluídos e como são representados; c) Perquirir quais textos, vozes e discursos são articulados, como são articulados e quais representações constroem do evento social e dos atores sociais envolvidos; d) Comparar as representações do evento social e dos atores sociais envolvidos construídas nas reportagens e nos comentários. Para alcançar os objetivos desta pesquisa, serão analisadas duas reportagens audiovisuais de dois canais noticiosos nacionais: Noticias UNO (do canal da TV, Canal UNO) e Caracol Noticias (do canal Caracol); assim como –25 comentários publicados em *Twitter*, que foram tendência na discussão sobre o caso e que também adicionaram informações relevantes à investigação. Este estudo é desenvolvido em consonância com o arcabouço para a realização de pesquisas em Análise de Discurso Crítica (ADC) proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999) e com base nos pressupostos teórico-metodológicos da ADC apresentados em diferentes obras (FAIRCLOUGH, 1989, 2001, 2003, 2006, 2009; WODAK; MEYER, 2009; WODAK, 2004; MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017; PARDO ABRIL, 2007); em alguns estudos sobre

linguagem, globalização e novas tecnologias (FAIRCLOUGH, 2006; GIDDENS, 2002); e na Teoria de Representações de Atores e Eventos Sociais (VAN LEEUWEN, 2008). Esta pesquisa está na fase inicial de análise dos dados, razão pela qual ainda não é possível determinar resultados, no entanto, já foi possível identificar marcas linguísticas e discursivas que desvelam divergência e polarização nas diferentes mídias, a saber: 1) enquanto algumas dão ênfase à sistematicidade dos assassinatos, outras excluem esses padrões e mencionam os casos de forma isolada, apagando as similitudes dos perfis das vítimas; 2) alguns textos atribuem maior número de avaliações morais aos atores e aos eventos, enquanto outros enfatizam a relação de causa e efeito dos casos; 3) alguns textos fazem uso frequente do discurso emotivo enquanto outros aprofundam nos fatos e procuram respostas; 4) alguns textos mencionam as irregularidades do governo local e o seu possível vínculo com o assassinato enquanto outros excluem de forma total ou parcial essas relações.

REFERÊNCIAS

- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking criticaldiscourse analysis. Edinburgo: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. London and New York: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. trad., revisão e pref. à ed. bras. de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London/New York: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. **Language and globalization**. London/New York: Routledge, 2006.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2002.
- MAGALHÃES, I.; MARTINS, A. R. RESENDE, V. de M. **Análise de Discurso Crítica**: um método de pesquisa qualitativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.
- PARDO ABRIL, N. **Cómo hacer análisis crítico del discurso**: una perspectiva latinoamericana. Santiago: Frasis, 2007.
- RESENDE, V. de M.; REGIS, J. F. da S. (org.). **Outras perspectivas em Análise de Discurso Crítica**. Campinas: Pontes, 2017.
- VAN LEEUWEN, T. **Discourse and Practice**: new tools for critical discourse analysis. New York: Oxford, 2008.
- WODAK, R. **Do que trata a ACD- um resumo de sua história**: conceitos importantes e seus desenvolvimentos. In WODAK, R. *Linguagem em Discurso; LemD* .p. 223-243). Tubarão. 2004.

GÊNEROS, DISCURSOS E IDENTIDADES: A PRÁTICA SOCIAL DE ADOÇÃO E DE ACOLHIMENTO EM UBERLÂNDIA-MG

Layane Campos SOARES (PPGEL/UFU/FAPEMIG)
Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Resende OTTONI

A presente pesquisa de doutorado está em fase inicial e tem o intuito de investigar o funcionamento da prática social de adoção e de acolhimento no âmbito da produção discursiva e de suas relações com as dinâmicas sociais. Propomos pesquisar essa temática em razão de termos, no Brasil, mais trinta e seis mil pessoas dispostas e aptas a adotar e, em contrapartida, temos mais de cinco mil crianças e adolescentes que aguardam a recolocação em uma família substituta, conforme apontam os dados do Sistema Nacional de Adoção (SNA, 2020). Diante disso, podemos notar que, para cada criança e adolescente cadastrados no SNA, há pelo menos sete pessoas que desejam ser pai ou mãe por meio da adoção. Considerando esses dados, questionamos: se há mais interessados do que crianças e adolescentes disponíveis, por que ainda temos menores em lares provisórios e não definitivos? Segundo esses dados, é possível percebermos a existência de uma série de fatores que envolvem a prática social de adoção como, por exemplo, a escolha em adotar crianças e adolescentes com uma idade específica, de uma determinada etnia, que não possuam problemas de saúde, que não tenham irmãos, dentre outras características. Todas essas questões, sob o nosso ponto de vista, fazem com que o sonho de se conseguir uma recolocação em uma família substituta se torne cada vez mais distante para muitas crianças e adolescentes. Isso se dá em virtude de o perfil dos menores que estão em situação de acolhimento ser bastante específico, uma vez que a maior parte deles têm mais de oito de idade, têm irmãos, são de raça negra ou parda e alguns possuem problemas de saúde. De acordo com o SNA (2020), somente uma parcela muito pequena de pretendentes tem interesse em adotar menores com esse perfil. Acreditamos que essas circunstâncias dificultam a prática de adoção, incidindo em sua efetividade, fato que nos possibilita afirmar que estamos diante de um problema social, o qual é constituído de uma faceta discursiva/semiótica (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Em decorrência de compreendermos que a prática social de adoção e de acolhimento se configura em um problema social (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), do qual o discurso é uma parte fundamental, é que propomos desenvolver uma pesquisa sobre essa temática. Ancorados na Análise de Discurso Crítica (ADC), compreendemos que esse problema social é construído na e pela linguagem e, como tal, tem uma faceta discursiva. Isso se dá em virtude de a linguagem ser considerada como uma parte irredutível da vida social, que mantém uma relação dialética e interna com a sociedade, uma vez que questões sociais são, em parte, questões de discurso e vice-versa (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). É pensando nessas questões que propomos realizar uma pesquisa etnográfica em uma Organização Não-Governamental (doravante ONG), localizada na cidade de Uberlândia, que oferece suporte aos menores institucionalizados, às famílias que pretendem adotar e as que já adotaram. Dessa forma, por entender que a prática de adoção pode ter relação com a construção de representações discursivas, com as identidades e com os modos de agir no mundo, é que propomos a discutir as seguintes questões: i) Quais são os gêneros do discurso que se vinculam à prática social de adoção e a regulamentam? E como essa prática é representada nesses gêneros? ii) Como a prática social da adoção é representada por – crianças e adolescentes adotados, pais e mães adotantes, postulantes à adoção e profissionais que atuam na área de adoção e de acolhimento? iii) Como esses diferentes atores sociais se identificam e se representam? Para essa investigação, nosso *corpus* será constituído



pela legislação brasileira concernente à prática social de adoção e de acolhimento; por dados gerados por meio de entrevistas semiestruturadas; por diferentes artefatos gerados pelos participantes da pesquisa; além de diários e notas de campo. Após toda a coleta e geração de dados, empreenderemos a análise, de acordo com categorias da ADC, que não podem ser escolhidas *a priori*. Desse modo, pretendemos, com esta pesquisa, contribuir para a transformação e/ou minimização da problemática que envolve a prática social de adoção e de acolhimento (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Conselho Nacional de Justiça**. Sistema Nacional de Adoção. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/adocao/>. Acesso em: 19 de out. 2020.

CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity**: Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse**: textual analysis for social research. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

CUIDAR DE SI, CUIDAR DO OUTRO: PRÁTICAS DISCURSIVAS DE *PODCASTS* NA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE(S) DAS MÃES CONTEMPORÂNEAS EM BUSCA DE UMA “MATERNIDADE REAL”

Iasmin WALCHAN (PPGEL/UFU/CAPES)
Orientador: Prof. Dr. Vinícius Durval DORNE

Este projeto de dissertação objetiva compreender o processo de produção de subjetividade(s) das/pelas mães da contemporaneidade e a relação dele a um dado regime de verdades denominado “maternidade real” a partir de enunciados colocados em circulação por meio de *podcasts* direcionados a essa temática. Sob esse prisma, este trabalho propõe uma análise discursiva construída a partir dos estudos teóricos-analíticos de Michel Foucault, especialmente, sobre a ética e estética da existência, a fim de observar as relações de saber-poder e subjetivação na maternidade contemporânea. Desse modo, a construção discursiva em torno das/sobre as mães é um processo em que estratégias discursivas funcionam amparadas por regimes de verdade que autorizam a emergência de enunciados sobre o “ser mãe” na atualidade. Assim, o aparato metodológico foucaultiano sobre o enunciado e as relações de poder possibilitam pensar como as práticas discursivas e não-discursivas se atualizam historicamente e produzem a subjetividade dessas mães. Além disso, é importante destacar que as mídias digitais, atualmente, têm exercido um papel fundamental na criação de espaços nos quais essas mães se apropriam, se discursivizam e se elaboram constantemente. Nessa linha de raciocínio, esta pesquisa busca responder como as mães re/des-constroem suas subjetividades pela linguagem. Portanto, as mídias se configuram como lugares centrais para poder se pensar a questão de elaboração dos sujeitos, nesse caso, as mães. Ainda, a escolha dos *podcasts* para constituição do *corpus* se justifica na medida em que essa nova modalidade de produção sonora tem alcançado grande audiência (especialmente, em nichos de público) e possibilitado novas formas de escuta do rádio na contemporaneidade. Outro ponto interessante a ser pensado é a possibilidade de análise do podcast enquanto enunciado semiológico, ou seja, observar não somente como são produzidas as estratégias discursivas que evidenciam o processo de subjetivação das mães a partir da textualização, como também pelos elementos da sonoplastia e da vocalização envolvidas em seus episódios. Assim, os *podcasts* ampliam as possibilidades que essas mães podem se discursivizar e subjetivar suas práticas maternas. Logo, propõe-se a hipótese de que os enunciados produzidos por esses sujeitos na defesa de uma maternagem “real” nesses suportes discursivos são regidos por relações de poder que propiciam modos de subjetivação, amparados em novos regimes discursivos sobre o “ser mãe”, além de atualizar e (re)significar os efeitos de verdades existentes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Maternidade**: um destino inevitável? Rio de Janeiro: Campus, 1987.
- BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 21ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** – v. 1: a vontade de saber. [1926-1984] Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 7ªed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** – v. 2: o uso dos prazeres. [1926-1984] Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 6ªed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade** – v. 3: o cuidado de si. [1926-1984] Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 1ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. (Biblioteca de filosofia contemporânea). Lisboa, Portugal. Edições 70, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- GREGOLIN, Maria do Rosário (org). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia**: a (re)produção de identidades. Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo. v.04., n.11., p. 11-25, nov. 2007.
- IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade**: do infanticídio à função materna. São Paulo: Annablume, 2015.
- PRADO FILHO, Kleber. Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado de si. In: GRAZIOLI, Fabiano Tadeu (Org.). **A senda nos estudos de Língua Portuguesa 2**, Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.



RESUMOS
LINHA DE PESQUISA 3: ENSINO E
APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

SER PROFESSOR DE LÍNGUA FRANCESA: REPRESENTAÇÕES DE LICENCIANDOS DO CURSO DE LETRAS – FRANCÊS

Kamila Gonçalves CORREIA (PPGEL/UFU)

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Carvalho de Paula BRITO

Esta pesquisa, ainda em fase inicial, se inscreve na Linguística Aplicada, mais especificamente na área de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e de formação de professores. Visa analisar as representações sobre ser professor de língua francesa construídas por licenciandos em Letras de uma Instituição Federal de Ensino Superior de Minas Gerais. Para esta pesquisa levaremos em consideração as representações construídas por licenciandos do curso de Letras – Francês. Para tentar dar conta desta proposta, filiamo-nos a uma Linguística Aplicada que trabalha na interface com a Análise do Discurso para tentar compreender o sujeito-licenciando em sua relação com a língua francesa. A análise proposta será feita a partir de depoimentos coletados de ingressantes do novo currículo do curso de Letras – Francês (a partir de 2018), em que os ingressantes já escolhem a língua francesa para o processo seletivo da instituição. Tentaremos assim, identificar quais representações esses sujeitos constroem quando ocupam o lugar discursivo de professor em formação de língua francesa. Partimos da hipótese de que a decisão pela língua francesa pode provocar no sujeito distintas tomadas de posição em relação ao acontecimento ‘ser professor de língua francesa’. Embora em 2018, o curso de Letras da instituição onde os dados serão coletados tenha passado por uma reformulação do seu currículo e os ingressantes já adquiriram o direito de escolher a língua francesa nos processos seletivos, por nove anos teve-se um currículo em que o ciclo básico contava com dois semestres em que os alunos ingressantes tinham aulas, em um primeiro momento, de todos os idiomas (português, inglês, espanhol e francês), sendo somente ao final deste ciclo que os alunos optaram por seguir a habilitação na língua por eles escolhida. Esse momento conflituoso de escolha de idioma, que interfere diretamente na nossa carreira profissional, me fez indagar uma série de possibilidades para tentar compreender as interpelações que levaram cada sujeito à sua escolha. Assim, a escolha do tema para esta pesquisa deveu-se, primeiramente à minha percepção, ainda como licencianda, de como funcionam as formações imaginárias (representações) dos licenciandos em língua francesa no que tange a língua francesa, ser aprendiz dessa língua, ser professor, ser bem-sucedido profissionalmente cursando essa língua, etc. Para tal, valer-nos-emos da noção de “formações imaginárias” em Pêcheux, entendida aqui como “jogo de representações que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1997, p. 82). Entendemos que no caso desta pesquisa, a análise das representações poderá contribuir para o processo de formação de professores de língua francesa, na medida em que problematizará a constituição do sujeito-professor de língua francesa na sua relação com seu curso de licenciatura. Para fundamentar a pesquisa foi pensado traçar uma linha de estudos e discussões nas áreas da Linguística Aplicada e Análise do Discurso, buscando apoio nas teorias de representações que nos ajudarão a compreender como os sujeitos representam a língua francesa e o ‘ser professor de língua francesa’. Para tal faz-se necessário refletir no mundo pós-moderno em que nos inserimos, e para isto, estudar a língua somente como um sistema de regras sem se considerar o sujeito e a sua multiplicidade torna-se insuficiente para a compreensão da “heterogeneidade identitária” deste sujeito que é cara aos estudos da Linguística Aplicada e Análise do Discurso (MOITA LOPES, 2006, p. 94). A Análise do Discurso irá, então, juntamente à Linguística Aplicada, nos ajudar a compreender e entender os

desdobramentos do ser professor de línguas, e no caso deste projeto o ser professor de língua francesa. Para Brito e Guilherme (2013, p. 26), o:

‘Ser professor de línguas’ ou ‘saber uma língua’ é – mais do que um conjunto de saberes ou competências possuídas por um sujeito – um processo contínuo de (des) inscrição em discursos sócio historicamente constituídos, de (des) identificações com memórias discursivas, na e pela linguagem. Processo esse que se (des) atualiza na enunciação. Nesse sentido, a AD, por meio de conceitos, tais como os de sujeito, discurso, sentido, memória discursiva, dialogismo e polifonia – e, enfim, sua própria noção de linguagem –, pode oferecer suporte às reflexões sobre os processos de formação docente e de ensino aprendizagem de línguas, áreas tão caras à LA.

Acreditamos que para esta pesquisa, a proposta AREDA (Análise de Ressonâncias Discursivas em Depoimentos Abertos) é a metodologia que melhor nos proporcionará possibilidades para traçarmos gestos de interpretação, mobilizando conceitos no nosso *corpus*. AREDA é um programa de pesquisa desenvolvido pelo Departamento de Linguística Aplicada na Unicamp. Dessa forma, por meio da proposta AREDA, propomo-nos analisar “o funcionamento de ressonâncias discursivas na construção de representações de processos identificatórios em jogo no processo de enunciação em segunda (s) língua (s)” (SERRANI-INFANTE, 1998, p. 151-152). A priori, serão encaminhadas algumas perguntas aos participantes da pesquisa que gravarão os seus depoimentos e os enviarão a pesquisadora. Em seguida, a pesquisadora fará a transcrição dos depoimentos, buscando selecionar o objeto para sua análise.

REFERÊNCIAS

- BRITO, Cristiane Carvalho de Paula; GUILHERME, Maria de Fátima Fonseca. **Linguística Aplicada e Análise do Discurso**: possíveis entrelaçamentos para a constituição de uma epistemologia. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 17-40, ago./dez. 2013. (ISSN 2317-1006 – online).
- MOITA LOPES, L. P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F. & HARK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Tradução Bethania S. Mariani [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997b. p. 61-105.
- SERRANI-INFANTE, S. M. **Abordagem transdisciplinar da enunciação em segunda língua**: a proposta AREDA. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 143-167.

A LÍNGUA DA INTERNACIONALIZAÇÃO

Mateus Mariano Duarte MARQUES (PPGEL/UFU)
Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Carvalho de Paula BRITO

Este trabalho, ainda em fase inicial, se inscreve no campo trans/indisciplinar da Língua Aplicada (MOITA LOPES, 2006) em sua interface com a Análise do Discurso franco-brasileira como defendido por Brito e Guilherme (2013). Intentamos investigar, delinear e analisar algumas representações discursivas sobre internacionalização e língua inglesa no contexto do programa Rede Andifes IsF construídas pelos gestores acadêmicos do programa. Nossa análise será feita a partir da proposta AREDA (Análise de Ressonâncias Discursivas em Depoimentos Abertos) (SERRANI, 2000), por meio da gravação de respostas a perguntas abertas feitas a cinco gestores do programa. Partimos da hipótese de que as representações de internacionalização estão vinculadas a uma concepção de língua inglesa homogeneizante, neoliberal e neocolonial. O programa, inicialmente intitulado Inglês sem Fronteiras, foi lançado em dezembro de 2012 pelo Ministério da Educação via portaria de nº 1.466 como programa complementar ao Ciência sem Fronteiras. Tendo como objetivo geral “propiciar a formação e capacitação de alunos de graduação das instituições de educação superior para os exames linguísticos exigidos para o ingresso nas universidades anglófonas” (BRASIL, 2012), dando continuidade ao objetivo do CSF de internacionalizar as instituições federais de ensino superior. Em 14 de novembro de 2014, foi publicada a portaria de nº 973 que expandiu o escopo da oferta de idiomas do Inglês sem Fronteiras, o qual passou a ser denominado Idiomas sem Fronteiras (IsF). Além da língua inglesa, o programa passou a ofertar alemão, espanhol, francês, italiano, japonês e português como língua estrangeira. Apesar dessa ampliação na oferta de idiomas pelo programa, a língua inglesa continuou ocupando uma posição de privilégio em comparação aos outros idiomas do programa, possuindo a maior quantidade de instituições ofertantes, oferta e variedade de cursos, oferta de testes internacionais de proficiência, modalidades virtuais e presenciais de ensino, como também sendo o idioma com a maior quantidade de professores bolsistas em formação. Em julho de 2019, o ex-ministro da educação, Abraham Weintraub, anunciou o encerramento do programa Idiomas sem Fronteiras. Entretanto, o programa foi acolhido pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), que continua em andamento e, atualmente, se encontra em fase de reformulação. Entendemos que investigar as representações discursivas de internacionalização e de língua inglesa nesse contexto, construídas pelos gestores acadêmicos do programa, pode colaborar para uma possível compreensão do impacto dos processos de internacionalização na educação superior brasileira e no ensino-aprendizagem da língua inglesa nesses contextos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. 2012. Ministério da Educação. **Portaria N° 1.466**, de 18 de dezembro de 2012. Disponível em: http://isf.mec.gov.br/ingles/images/pdf/portaria_normativa_1466_2012.pdf Acesso em: 05/10/2019.
- BRASIL. 2014. Ministério da Educação. **Portaria N° 973**, de 14 de novembro de 2014. Disponível em: http://isf.mec.gov.br/ingles/images/pdf/novembro/Portaria_973_Idiomas_sem_Fronteiras.pdf. Acesso em: 05/10/2019.



BRITO, C. C. P.; GUILHERME, M. F. F. Linguística Aplicada e Análise do Discurso: possíveis entrelaçamentos para a constituição de uma epistemologia. **Cadernos Discursivos**, Catalão, v.1, n. 1, p. 17-40, ago./dez. 2013.

MOITA LOPES, L. P. Introdução: uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. (ed.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 13-44.

SERRANI, S. M. Singularidade Discursiva na Enunciação em Segundas Línguas. **Cadernos de Estudos Lingüísticos (UNICAMP)**, Campinas, v. 38, p. 109-120, 2000.

AS EXPERIÊNCIAS DE LEITURA NO ATENDIMENTO PSICOPEDAGÓGICO PARA PACIENTES COM BAIXA VISÃO

Pérsia Karine Rodrigues Kabata FERREIRA (PPGEL/UFU)
Orientadora: Profa. Dra. Dilma Maria de MELLO

A pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015; MELLO, 2005) começa com as histórias iniciais vivenciadas pelo próprio pesquisador. Sendo assim, busquei em minha memória histórias, que foram significativas para mim, ocorridas no ambiente hospitalar, mais especificamente no ambulatório de baixa visão, para, a partir delas construir o meu *puzzle* de pesquisa. Narro duas experiências que exemplificam um pouco do atendimento que realizo junto aos pacientes com baixa visão: *Uma experiência equivocada* e *O que eu sei sobre o outro*. Após compor essas narrativas cheguei a algumas indagações que me guiaram no desenvolvimento da pesquisa. Então surgem as perguntas. Perguntas que transformam, perguntas que instigam, perguntas que perguntam, simplesmente perguntas. E o que são perguntas para um pesquisador? Penso que é aquilo que me desassossega, aquela inquietação interna, aquilo que não está assentado, ou, quem sabe... aquilo que aspira mudança ou transformação. E são essas perguntas que muitas vezes ajudam a dar uma guinada na vida profissional. Quando mergulhados no caos, eis que surgem as perguntas como pulsão de vida, como faróis a iluminar e apontar novos caminhos. Ao pensar na paciente que não conseguia ler com minha permanência ao seu lado questiono: Será que os padrões de atendimento aos quais estou acostumada podem atrapalhar mais que ajudar meus pacientes no processo de leitura? Por que não permitir que os pacientes segurem o texto e busquem o melhor foco para leitura? Por que eu tenho que segurar o texto para a leitura dos pacientes? Ao repensar o material que tenho utilizado para leitura dos meus pacientes, me questiono: Será que são adequados? Será que mostrar letras e palavras fora de contexto ajudam? Pensando na emoção da paciente Maria, indago que forma as emoções podem afetar o processo de leitura. Qual o meu papel como psicopedagoga quando os pacientes mostram suas emoções? Por que ler causa tanta emoção para os meus pacientes? Quais as fronteiras entre meu atendimento voltado para a visão e o processo de leitura vivenciado durante os atendimentos no ambulatório? Com esses questionamentos em mente e interessada em compreender as experiências de leituras dos pacientes com baixa visão, construí meu objetivo de pesquisa: Compreender as experiências de leitura dos pacientes adultos e idosos na reabilitação visual. Mello, Murphy e Clandinin (2016) abordam que na pesquisa narrativa é preciso expor as justificativas que os referidos autores denominam de pessoal, prática, social e/ou teórica. Considerando essa proposta dos autores passo a expor as minhas justificativas de pesquisa. O interesse pelo tema “A experiência de leitura e suas implicações no atendimento psicopedagógico, para a habilitação e reabilitação visual, de pacientes adultos e idosos com baixa visão” tem se constituído ao longo de minha trajetória profissional como psicopedagoga nos diferentes espaços do hospital. Nesses quatorze anos trabalhando no hospital, algo sempre me instigou: a necessidade de ouvir a voz dos pacientes. Em minhas experiências anteriores no HCU-UFU, eu sequer sabia do que se tratava a reabilitação visual. Precisei estudar muito, me capacitar, fazer visitas técnicas a outros centros de reabilitação visual em Uberlândia e em outros hospitais na cidade de Belo Horizonte MG. Vejo que por muito tempo me preocupei em me capacitar tecnicamente para atender essa demanda, não que isto não seja importante, aliás essa capacitação me propiciou estar naquele contexto. Ao compor as minhas narrativas iniciais me dei conta de que talvez muito mais do que ter a técnica eu preciso compreender as experiências de leitura para eles (os pacientes), pois penso que isso me

ajudará a entender melhor o trabalho que realizo, como também a lidar com eles de forma diferente. A justificativa prática para desenvolver esta pesquisa está muito relacionada a minha justificativa pessoal que descrevi no parágrafo anterior. Como uma investigadora narrativa na busca de compreender as experiências de leitura dos pacientes, não poderia deixar de surgir tensões e dúvidas na minha atuação como psicopedagoga naquele contexto. Estou desejosa de tentar entender essas experiências de leitura para os pacientes, pois entendendo que desta forma poderei colaborar com os meus pares e colegas de equipe para um atendimento mais humanizado e eficaz para as pessoas com baixa visão. Sobre a justificativa social penso que esta tese poderá contribuir com os profissionais que atuam com pessoas com baixa visão no contexto hospitalar, em especial os psicopedagogos. Penso que entender as experiências de leitura dos pacientes é buscar um dos caminhos para atendê-los levando em consideração o que eles (os pacientes) pensam sobre qual a melhor forma de atendê-los. Na pesquisa narrativa não temos o entendimento que existe uma verdade única que precisa ser comprovada. Entendemos que há possíveis verdades que vai depender muito de quem olhar, da história de quem olhar, da experiência de quem vive a experiência, que poderá nos levar a entender um pouco de uma verdade possível (CLANDININ; CONNELLY, 2015; MELLO, 2005).

REFERÊNCIAS

CLANDININ, D. J; CONNELLY, F.M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa.** ; tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2ª edição rev. - Uberlândia: EDUFU, 2015.

MELLO, D. M. **Histórias de subversão de currículo, conflito e resistência: buscando espaço para a formação do professor na aula de língua inglesa do curso de letras.**2005. 225f. Tese (Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.MELLO, D.; MURPHY, S.; CLANDININ, D. Introduzindo a investigação narrativa nos contextos de nossas vidas: uma conversa sobre nosso trabalho como investigadores narrativos. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 01, n.03. p. 565-583, set/dez 2016.

NARRATIVAS DE CULTURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA

Terezinha de Assis OLIVEIRA (PPGEL/UFU)
Orientadora: Profa. Dra. Dilma Maria de MELLO

Este trabalho de doutoramento tem como objetivo de pesquisa compreender as representações de culturas estrangeiras, por meio das narrativas de vidas, na formação de professores de língua inglesa em um curso de Letras Português Inglês. Assim, são de meu interesse, especificamente, as seguintes proposições: narrar e analisar as histórias de vida de um grupo de alunos em um curso de Letras; analisar como as representações culturais são construídas pelos alunos durante o curso; compreender como as experiências de vida se refletem na constituição destes futuros professores. Atuo como professora de Língua Inglesa no ensino superior e algo que sempre me despertou a atenção é a formação dos alunos, como eles chegam à universidade e como saem dela após os anos de graduação. Observar o processo de amadurecimento acadêmico, de construção de uma consciência crítica, das experiências vividas ao longo desta jornada sempre me interessou e foi a partir da observação que comecei a problematizar a formação de professores de língua inglesa. As histórias que permeiam a vida dos alunos que chegam à universidade são consideradas ao se pensar em produzir conhecimento? Como eles lidam com as inúmeras mudanças socioculturais pelas quais passam? Como estas deixam registros? Como estes sujeitos se situam frente aos desafios que enfrentam? Todas estas perguntas me despertaram o interesse em buscar compreender como ocorre o processo de formação e como se constitui o professor de língua inglesa, especificamente. Somando-se a isto, a possibilidade de discutir aspectos culturais de países anglófonos em sala de aula e observar como os alunos se comportam em relação às inúmeras influências a que estão expostos diariamente me despertaram também o interesse a respeito deste assunto. E foi a partir de uma situação que aconteceu em sala de aula, com dois alunos em uma apresentação de seminário final de disciplina, que me motivou a buscar um melhor entendimento de como as experiências de vida são consideradas na formação, de compreender como ocorre a constituição de um professor, e de que maneira as informações culturais são, por eles, compreendidas. Sabemos que a língua está relacionada com a cultura de um lugar, que é impossível dissociá-las e, ao se estudar uma língua estrangeira, faz-se uma imersão na cultura de um povo ou de um país, em menor ou maior grau, dependendo da proposta do curso. Cada realidade cultural faz sentido conforme sua lógica própria que reflete os costumes e as práticas nos contextos em que aconteceram e é o resultado de uma história, ou histórias, em particular. É preciso conhecer estas variações para compreender como ocorrem estas transformações. Transpondo este entendimento para a esfera acadêmica percebo o quanto este ambiente propicia um olhar acurado sobre as manifestações culturais que ali acontecem. E não poderia ser diferente, pois este é um espaço de construção de saberes, um verdadeiro celeiro cultural. Em tempos nos quais a palavra diversidade faz-se tão presente nos discursos institucionais, discorrer sobre cultura permite uma ampla exploração do tema. Trabalhar com a cultura americana e/ou inglesa não significa a imposição de costumes outros em detrimento dos nossos. É, sim, uma possibilidade de ampliar conhecimento, de agregar valores e respeito às diversas manifestações de outros povos (OLINTO, 2008, p. 72). Para conduzir o trabalho aqui proposto, utilizo como suporte teórico os estudos dos pesquisadores canadenses Clandinin e Connelly (2015); Ely, Vinz, Anzul e Downing (2005); e de Moita Lopes (2006) e Celani (2003). A perspectiva teórico-metodológico que pauta este trabalho é a pesquisa narrativa, que é de natureza qualitativa, pois, segundo afirmam

Clandinin e Connely, o refletir sobre a narrativa é a melhor maneira de compreender a experiência. O contexto de pesquisa é uma turma de alunos do curso de Letras Português-Inglês e como instrumentos de pesquisa para composição dos textos de campo são utilizados entrevistas e anotações diárias de campo, fotos. Neste momento encontro-me no processo de escrita das narrativas.

REFERÊNCIAS

- CELANI, M. A. A. (Org.). **Professores formadores em mudança**: relato de um processo de reflexão da prática docente. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução de Grupo de pesquisa narrativa e educação de professores ILEEL/UFU. 2 ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015. 250 p. Tradução de: Narrative inquiry: experience and story in qualitative research.
- ELY, M.; VINZ, R.; DOWNING, M.; ANZUL, M. **On writing qualitative research**: living by words. London: Falmer Press, 2005.
- MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea. *In*: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- MOITA LOPES, L.P. Discursos de Identidade em sala de aula de leitura de L1: A construção da diferença. *IN*: SIGNORINI, I. (org.) **Língua(gem) e Identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- OLINTO, H. K. Literatura, cultura, ficções reais. *In*: OLINTO, H. K.; SCHOLLHAMMER, K. E. (Org.). **Literatura e cultura**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2008.

EXPECTATIVAS E PERCEPÇÕES DOS USUÁRIOS BRASILEIROS DE SERVIÇOS DE INTERPRETAÇÃO AUTOMÁTICA OFERECIDOS POR CINCO APLICATIVOS MÓVEIS DA APP STORE

Flávio de Sousa FREITAS (PPGEL/UFU/FAPEMIG)
Orientadora: Profa. Dra. Marileide Dias ESQUEDA

A interpretação automática é uma tecnologia que realiza a conversão automática de trechos de fala de uma dada língua em trechos de fala de outra língua, viabilizando a comunicação entre indivíduos que não partilham do mesmo sistema linguístico-cultural. O processo de interpretação nesses sistemas envolve três módulos tecnológicos: reconhecimento automático de fala, tradução automática e síntese de voz. Apesar dos inúmeros sistemas desenvolvidos desde a década de 1980, período em que essa tecnologia começou a ser estudada, pouco se sabe sobre as expectativas e percepções que os usuários de aplicativos móveis de interpretação automática têm a respeito desse serviço. Segundo Pöchhacker (2015, p. 430), expectativas são como crenças sobre o que é provável que alguém obtenha ou gostaria de obter a partir de um serviço. Nesse sentido, afirma o autor, as expectativas são cruciais para avaliar a qualidade da prestação de serviços e dependem da perspectiva de um determinado usuário. Isto posto, o objetivo geral desta pesquisa será analisar as expectativas e percepções dos usuários brasileiros de serviços de interpretação automática oferecidos por cinco aplicativos móveis da App Store. O estudo será realizado em duas etapas: i. descrição dos cinco aplicativos e dos serviços por eles oferecidos e ii. análise das expectativas e percepções dos usuários brasileiros veiculadas em comentários compartilhados publicamente pelos usuários. Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo (SALDANHA; O'BRIEN, 2014), com base em dados tanto quantitativos quanto qualitativos obtidos das páginas eletrônicas dos cinco aplicativos. Resultados preliminares mostram que a maioria das percepções compartilhadas pelos usuários brasileiros dos serviços de interpretação automática oferecidos por aplicativos móveis são negativas; a diferença entre o número de percepções negativas e positivas, no entanto, não é tão grande. Em nossas análises preliminares, identificamos, além das percepções negativas e positivas, 10 outros tipos de percepção sobre os serviços de interpretação automática oferecidos por aplicativos móveis. De modo geral, os usuários parecem esperar que os aplicativos ofereçam respostas rápidas aos seus comandos, independentemente do tipo de conexão de dados, de modo fácil, intuitivo e livre de erros. Em vários comentários, o Google Tradutor é colocado como ponto de referência, tanto por ser gratuito quanto por oferecer uma ampla variedade de combinações linguísticas.

REFERÊNCIAS

- BAIGORRI-JALÓN, J. Conference interpreting: From modern times to space technology. *Interpreting*, v. 4, n. 1, p. 29-40, 1999.
- COLLADOS-AÍS, A.; GARCÍA-BECERRA, O. Quality Criteria. *In*: POCHHACKER, Franz (Ed.). **Routledge encyclopedia of interpreting studies**. Routledge, 2015.
- FREITAS, F. S. Um estudo bibliométrico com artigos sobre interpretação automática: 1991-2019. *In*: ESQUEDA, M. D. (Ed.). **Tecnologias e ferramentas aplicadas à bibliometria e cienciometria**. Curitiba: CRV, 2020.

- FREITAS, F. S.; ESQUEDA, M. D. **Tradução e Interpretação Automáticas: Origens**. Curitiba: CRV, 2020.
- GILE, D. Da comunicação à qualidade em interpretação e tradução. *In*: ESQUEDA, M. D.; FREITAS, F. S. (Trad.). **Letras & Letras**, v. 35, n. 2, p. 219-245, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/51596>. Acesso em: 01 set. 2020.
- JEKAT, S. J.; KLEIN, A. Interpretação automática: Problemas em aberto e algumas soluções. ESQUEDA, M. D.; FREITAS, F. S. (Trad.). **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, v. 13, n. 2, p. 286–300, 2020.
- LEE, T. Speech Translation. *In*: CHAN, S. (Ed.). **Routledge encyclopedia of translation technology**. Routledge, p. 619–631, 2015.
- NAKAMURA, S. Overcoming the language barrier with speech translation technology. **Science & Technology Trends**. Tóquio, n.31, abr. 2009. Disponível em: <http://www.nistep.go.jp/achiev/ftx/eng/stfc/stt031e/qr31pdf/STTqr3103.pdf> . Acesso em: 06 set. 2020.
- PÖCHHACKER, F. User Expectations. *In*: PÖCHHACKER, F. (Ed.). **Routledge encyclopedia of interpreting studies**. Routledge, p. 430 – 432, 2015.
- SALDANHA, G.; O'BRIEN, S. **Research methodologies in translation studies**. Routledge, 2014.
- RAWLINSON, K. **Google tradutor “turns interpreter” with voice function**. BBC News, Technology. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/technology-30812277>. Acesso em: 05 out. 2020.

TRADUÇÃO AUTOMÁTICA: ESTUDO CIENCIOMÉTRICO EM CENÁRIO BRASILEIRO

Sthefany Kamilla ALVES (PPGEL/UFU/FAPEMIG)
Orientadora: Profa. Dra. Marileide Dias ESQUEDA

As primeiras pesquisas em tradução automática foram inauguradas, no final da década de 40, com a teoria de quebra de código linguístico do matemático Warren Weaver e, a partir dessa possibilidade, o tema vem sendo investigado até os dias atuais. Contudo, esses movimentos de pesquisa não foram contínuos e sofreram desencorajamentos, principalmente com o relatório da ALPAC (*Automatic Language Processing Advisory Committee*), publicado em 1966, que concluía que a tradução automática era imprecisa, cara, e andava a passos lentos. O relatório desacelerou as pesquisas por quase uma década, até que o tema voltou a ser investigado em meados de 1970 com pesquisas dicotômicas, divididas em dois eixos principais de averiguação: os estudos teóricos a respeito da Linguística no âmbito dos sistemas de tradução automática e os estudos que tratavam de testes computacionais, com abordagens empíricas, voltadas à construção desses sistemas (HUTCHINS, 2007, 2015; STUPIELLO 2010). Com a evolução tecnológica e popularização da internet, essa subárea da Linguística Computacional ganhou notoriedade mundial e se tornou um ponto de investigação relevante para os Estudos da Tradução. Considerando a importância da produção científica, neste caso sobre tradução automática, para o cenário dos Estudos da Tradução (GILE 2015), esse trabalho visa investigar, por meio de indicadores cientiométricos (VANTI, 2002; ESQUEDA, 2020), aliados a um viés qualitativo, a produção científica sobre tradução automática em cenário brasileiro. Com isso, busca-se averiguar quais discussões vêm sendo realizadas no país, em um recorte temporal de 30 anos – *i.e.*, de 1989 a 2020, e o impacto de tais discussões para a formação de tradutores brasileiros. Preliminarmente, a título de um pré-teste, foram coletados todos os artigos de periódicos brasileiros dos Estudos da Tradução que tratavam do tema: “tradução automática”. Assim, essa busca nos títulos, resumos ou palavras-chave das publicações resultaram em 17 artigos ao longo de todas as edições de 14 periódicos verificados. Em virtude do número reduzido de publicações, o cenário de busca foi expandido e as mesmas palavras-chave foram submetidas à plataforma de busca *Google Scholar*, fechando um *corpus* com 87 publicações. Além da pesquisa qualitativa, a análise cientiométrica, ainda que preliminar, forneceu dados qualitativos que determinaram os principais dos autores que mais publicaram no *corpus* e seus respectivos coautores, as instituições às quais pertencem tais autores e que se tornam grandes centros de investigação da temática, as datas das publicações e os termos correlatos mais recorrentes nos resumos dessas publicações, levando assim a um exame de subtemas aliados à Tradução Automática.

REFERÊNCIAS

- ALVES, D. A. de S.; VASCONCELLOS, M. L. Metodologia de pesquisa em Estudos da Tradução: uma análise bibliométrica de teses e dissertações produzidas no Brasil entre 2006-2010. **D.E.L.T.A**, v. 32, n. 2, p. 375-404, 2016.
- ESQUEDA, M. D. **Estudos bibliométricos e cientiométricos em Tradução: tendências, métodos e aplicações**. Curitiba: CRV, 2020. DOI: 10.248224/978658608789.5.

- GILE, D. **Analyzing Translation studies with scientometric data: from CIRIN to citation analysis.** Perspectives: Studies in Translatology, v. 23, n. 2, p. 240–248, 2015.
- HUTCHINS, W. J. **Machine Translation: a concise history.** 2007. Disponível em: <http://www.hutchinsweb.me.uk/CUHK-2006.pdf>. Acesso em 10 de novembro de 2020.
- HUTCHINS, W. J. **Machine translation: history of research and applications.** In: SIN-WAI, C. (ed.). The Routledge encyclopedia of translation technology. London/New York: Routledge, 2015, p. 120-136.
- MARTINS, Ronaldo Teixeira; NUNES, Maria das Graças Volpe. **Noções gerais de tradução automática.** São Carlos: ICMC-USP, 2005
- MOORKENS, J.; CASTILHO, S.; GASPARI, F.; DOHERTY, S. **Translation Quality Assessment: From Principles to Practice.** Machine Translation, Switzerland: Springer International Publishing, 2018. 292p. ISBN: 978-3-319-91240-0. ISBN: 978-3-319-91241-7. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-91241-7>
- O'HAGAN, M. **The Routledge Handbook of Translation and Technology.** New York: Routledge, 2020.
- STUPIELLO, E. N. A. O texto adaptado à máquina: estratégias de controle autoral para implementação da tradução automática. **Estudos Linguísticos**, 2010, p. 696-706.
- TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and beyond.** Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- VANTI, N. A. P. **Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento.** Ci. Inf. [online]. 2002, vol.31, n. 2, p. 369-379. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652002000200016>.

NO LIMIAR DA DESCONSTRUÇÃO DO MEDO E O DESEJO DE APRENDER A LÍNGUA INGLESA

Eliana de Sousa Andrade LADEIRA (PPGEL/UFU)
Orientadora: Profa. Dra. Simone Tiemi HASHIGUTI

Meu objetivo é compreender como o ensino-aprendizagem de LI acontece no Ensino Médio de uma escola pública do Estado de Minas Gerais. Assim sendo, buscarei problematizar os dizeres que circulam no processo de ensino-aprendizagem, analisar os gestos de interpretação de alunos e professores a fim de compreender os sentidos produzidos pelos discursos proferidos pelos mesmos, os processos de constituição do sujeito (aluno e professor), e se ambos estão abertos para a construção de um novo conhecimento que abre espaço para um novo devir e verificar se a memória discursiva e o corpo podem interferir na aquisição de uma nova língua. Além disso, observarei se há um posicionamento crítico do professor (como ele reage) em relação às políticas educacionais, às práticas e/ou orientações monológica, monolítica, homogeneizante e colonialista do hemisfério norte (especificamente Estados Unidos e Inglaterra). Esta pesquisa, de cunho qualitativo, analítico-descritivo e interpretativo envolverá como participantes alunos e professores de LI do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de Uberlândia. Buscarei, durante a análise, reconhecer “naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (ORLANDI, 1999, p. 59). Propõe-se a Análise de Ressonâncias Discursivas em Depoimentos Abertos (AREDA) para a compreensão do processo ensino-aprendizagem de segunda língua, a partir de categorias teórico-metodológicas da AD, situando conceitos da relação com o interdiscurso e a alteridade discursiva presentes na língua. Para investigar isso, aplicarei questionários para docentes e estudantes de inglês com perguntas abertas e farei uma análise seguindo uma perspectiva discursiva. Serei responsável pela análise do material didático, bem como pelos questionários aplicados aos professores de LI. A metodologia aplicada ajudará atingir os objetivos, as respostas às questões da pesquisa, além disso, trará contribuições tanto acadêmicas, sociais e educacionais não só em relação aos temas relacionados à produção oral e escrita no contexto da escola pública, como também às percepções dos professores sobre os modelos de ensino-aprendizagem de LI e as políticas educacionais. Vários estudiosos questionam as raízes coloniais presentes no ensino-aprendizagem de LI no Brasil, especialmente a colonialidade em relação à visão de língua como objeto pertencente a estados-nações específicos e também para a necessidade de analisar e problematizar as condições que o sistema educacional brasileiro oferece, bem como as políticas educacionais para o ensino de inglês na escola pública. Espero que com os objetivos e metas elencados neste projeto, e por meio de todas as suas ações e procedimentos metodológicos, que tudo possa contribuir para as teorizações e discussões nas áreas da Linguística Aplicada e da Análise do Discurso, nos campos de ensino e aprendizagem de línguas, transculturalismo, translinguismo e decolonialismo. A perspectiva decolonial deste projeto vem para abrir novas possibilidades de refletir e reconstruir histórias silenciadas, subjetividades reprimidas, linguagens e conhecimentos subalternizados pela homogeneidade e pela racionalidade moderna. Teóricos do pensamento decolonial têm sistematizado estudos propícios para superar paradigmas e dar transparência à colonialidade do poder e do saber. Assim sendo, a proposta decolonial abre um novo modo de pensar que se desvincula das cronologias construídas pelas novas epistemes ou paradigmas (moderno, pós-moderno, altermoderno, ciência newtoniana, teoria quântica, teoria da

relatividade etc.). Não é que as epistemes e os paradigmas estejam alheios ao pensamento descolonial, não poderiam sê-lo; mas deixaram de ser a referência da legitimidade epistêmica (MIGNOLO, 2017). Ainda é prematuro para falar sobre resultados deste projeto, mas entendo que esse nos permitirá ter uma maior visibilidade do processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa no Ensino Médio da escola pública e também abrirá espaço para muitos professores repensarem sobre a prática pedagógica, refletirem criticamente sobre as políticas públicas de ensino de língua inglesa e sobre os modelos de ensino-aprendizagem construídos e/ produzidos na Inglaterra e Estados Unidos. Mas a minha hipótese é de que falar a língua inglesa como língua estrangeira é, para muitas pessoas, uma atividade relacionada ao medo e à insegurança, como resultado de um posicionamento colonial subalterno.

REFERÊNCIAS

- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, p. 89-117.
- BOLOGNINI, C. Z. A formação dos professores de LE e o objeto de ensino. *In: BOLOGNINI, C. Z. (Org.) A língua inglesa na escola: Discurso e ensino*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 17-21.
- FERRAZ, D. M. **Neoliberalismo e Educação em Línguas Estrangeiras**. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/10502>. Acesso em: 15 set. 2020.
- HASHIGUTI, S. T. *Can we speak English? Reflections on the unspoken EFL in Brazil*. *In: Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, nº (56.1): 213-233, jan./abr. 2017
- HASHIGUTI, A. T. **Prática de oralidade em língua inglesa como língua estrangeira num curso de Letras à distância**. (no prelo)
- MARTINEZ, J. Z. Entre as aspas das fronteiras: internacionalização como prática agonística. *In: ROCHA, C. H.; BRAGA, D. B.; CALDAS, R. R. (Orgs.) Políticas Linguísticas, ensino de línguas e formação docente*. Campinas: Pontes, 2015. p. 61-87.
- MENEZES DE SOUZA, Lynn. M: O Professor de Inglês e os Letramentos no século XXI: métodos ou ética? *In: JORDÃO, Clarissa Menezes; MARTINEZ, Juliana Zeggio; HALU, Regina Célia (org.). Formação Desformatada: práticas com professores de língua inglesa*. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada Vol.15 Campinas, SP: Pontes Editora, 2011. pp. 279-303. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/257919727_O_Professor_de_Ingles_e_os_Letramentos_n_o_seculo_XXI_metodos_ou_ética. Acesso em: 15 set. 2020.
- MIGNOLO, W. **Desafios Decoloniais Hoje**. Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu-PR, n.1, (1), p. 12-32, 2017.
- MOITA LOPES, L. P. Uma linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. *In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 13 – 44.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2005.
- PAIVA. V. M. As Habilidades Orais nas Narrativas de Aprendizagem de Inglês. *In: Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, 46(2): p. 165-179, jul./dez. 2007.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- RAJAGOPALAN, K. Vencer barreiras e emergir das adversidades com pleno êxito, sempre com o pé no chão. *In: LIMA, D. C. de. (Org.) Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. pp. 55-65.



REVUZ, C. (1998) A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. *In*: Signorini, I. (org.), **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras. 213-230.

SERRANI-INFANTE, S. M. Discurso e Aquisição de Segundas Línguas: Proposta AREDA de Abordagem. *In*: INDURSKY, F. & LEANDRO FERREIRA, M.C. (Orgs.) **Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto. 1999. (p. 281 - 300)

SERRANI-INFANTE, S. M. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. *In*: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

VOZ E GÊNERO FEMININO EM ASSISTENTES VIRTUAIS PESSOAIS: DISCUTINDO SENTIDOS QUE PODEM SE ASSOCIAR NO E PELO QUADRO COLONIAL-MODERNO

Fabiene de Oliveira SANTOS (PPGEL/UFU)
Orientadora: Profa. Dra. Simone Tiemi HASHIGUTI

Este estudo, que é parte de um projeto de tese em andamento, surgiu de inquietações que atravessam e intrincam o ontem (história) e o hoje (contemporaneidade), como o processo de colonização e submissão imprimido à mulher na sociedade patriarcal, e os avanços da tecnociência que nos proporcionam falar com máquinas mediante sistemas de inteligência artificial. Nesse sentido, o que despertou o olhar para as questões de tecnologia e gênero foi a percepção do lançamento de assistentes inteligentes com voz padrão inicial, reconhecidamente, feminina. Em particular, este estudo discute sobre a escolha de assistente virtual inteligente pessoal com uma voz padronizada, notadamente, feminina, sendo a primeira: a Siri, da empresa *Apple*, lançada em 2011 e, posteriormente, outras assistentes lançadas por grandes empresas como a Cortana, da *Microsoft*; a Alexa, da *Amazon*; e a Google Assistente, da *Google LLC*. Elas são assistentes pessoais que apresentam uma impressão existencial pelo meio virtual/real/imaginário, a partir da escolha de nomes e da voz, que parecem reiterar um discurso de submissão e servilidade da mulher que vem ressoando no quadro colonial. Assim, tomando a voz como uma materialidade discursiva maleável posta à interpretação em determinadas condições de poder e pela teorização do funcionamento da linguagem na relação humano-IA, objetivamos discutir a preferência pelas vozes femininas para esses tipos de assistente e pesquisar a voz como elemento discursivo funcionando nessas tecnologias. De cunho bibliográfico, tratamos este estudo de modo transdisciplinar (PENNYCOOK, 2006), pautando nossa fundamentação teórica em áreas do saber como a Filosofia, a Linguística Aplicada, a Pragmática, a Análise do Discurso, em articulação com a perspectiva decolonial e com o pensamento rizomático proposto por Deleuze e Guattari (1995), a fim de transgredir, no campo social, a lógica binária, que ressalta o par dominante-dominador, afirmada com a colonização e replicada na colonialidade da modernidade. Trabalhamos, neste estudo, dentre outros conceitos - e autores, com os conceitos de hospitalidade (DERRIDA, 2000); afeto (SPINOZA, 2009); gênero a partir de Lugones (2014) e Butler (2003); discurso e biopolítica com Foucault (1999), rizoma e agenciamento (DELEUZE E GUATTARI, 1995) e colonialidade (QUIJANO, 2009), com o propósito de compreender como tais conceitos se conectam e constituem a assistente virtual no contato social do mundo-moderno. Problematizamos e questionamos a relação voz e gênero feminino em sua reterritorialização em um funcionamento que tencionamos ser o de uma Pragmática Potencial, isto é, uma Pragmática que compreende afetos e/ou afetações nas/pelas práticas de linguagem que, sobretudo nesse caso, envolvem a interação humano-máquina, ou seja, a relação humana com voz emitida por uma máquina. De modo a “humanizar” a assistente virtual pessoal que funciona com sistema de Inteligência Artificial, a voz sintetizada é primeiramente arranjada pela gravação da voz natural humana, um acolhimento pela máquina (que pode ser pensado também como mercadológico) para pessoas, a fim de favorecer a interação entre o humano e a máquina. A voz humana, natural, como indicam Behlau, Azevedo e Madazio (2008, p. 26), é uma combinação entre fatores biológicos, elementos herdados geneticamente e agentes psicoemocionais e socioculturais. Voz que apresenta variações e que pode ter determinada flexibilidade, quando se deseja treinar a voz para alguma atividade ou profissão, mas que pode encontrar resistência/barreira em relação à certa identificação pessoal. Aqui, a voz é tomada como uma materialidade de

identificação de posicionamentos discursivos frente às diferentes condições de produção dos sentidos, uma materialidade que é plástica. Nesse sentido, as adaptações da voz, ainda que sejam pela via física, sistêmica, e as modificações das vozes quando são referenciadas ou repercutidas são pela via da enunciação e pela via discursiva que essas vozes e suas características têm sentidos atribuídos e compartilhados, são classificadas e controladas nos sistemas socioculturais e de poder. A conexão via voz feminina de assistentes digitais, como dispostas no mercado, pode reiterar o senso machista de subjugação feminina (ao classificar e diminuir papéis como de secretária, de doméstica) e aumentar estereótipos dos tipos de ocupações/lugares sociais que empregam a voz. E se, por outro lado, trouxesse a possibilidade de vibrar/despontar o poder que o feminino possui, como o de dispor de um tom de voz mais agradável, calmo e reconfortante, há muitos discursos (como, por exemplo, o discurso da fragilidade ou o discurso da emoção) que acabam por distorcer a figura do feminino, retomando, historicamente, esse mesmo sentido (submissão) pelo sistema colonial capitalista-patriarcal. Afinal, a assistente virtual é, antes de ser uma máquina-tecnológica, uma maquinaria de poder político-econômico-social, um dispositivo que vai além de pessoal, uma máquina de afeto - de objetivação e subjetivação. Portanto, que a projeção de assistentes inteligentes possa diminuir as desigualdades entre seres de inteligência natural e não preencha ou substitua relações interpessoais, mas colabore para reforçar a comunicação pessoal – com o (seu) mundo. É nessa esteira que essa discussão caminha, propaga-se.

REFERÊNCIAS

- BEHLAU, Mara; AZEVEDO, Renata; MADAZIO, Glaucya. Anatomia da laringe e fisiologia da produção vocal. *In*: BEHLAU, Mara (Org.). **Voz: O Livro do Especialista**. v. 1. Rio de Janeiro: Revinter, 2008. p. 1-51.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. v. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DERRIDA, J. Hospitality, **Angelaki**. v. 5:3, p. 3-18, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: o curso no Collège de France (1975-1976)**, Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 22, n.3, setembro-dezembro, 2014, p. 935-952.
- PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. *In*: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67-84.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009, p. 73-117.
- SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

A TOMADA DA PALAVRA NO ELLA

Giselly Tiago Ribeiro AMADO (PPGEL/UFU)
Orientadora: Profa. Dra. Simone Tiemi HASHIGUTI

Neste projeto de pesquisa, em nível de doutorado, buscamos compreender como as(os) estudantes da segunda turma do curso de graduação em Letras-Inglês, na modalidade a distância da Universidade Federal de Uberlândia, estão aprendendo a língua inglesa (LI) mediada pelas tecnologias, em especial com o uso de inteligência artificial (IA) no ELLA - *English Language Learning Laboratory*, um laboratório virtual para aprendizagem de LI como língua estrangeira (LE). Este laboratório, do qual fazemos parte da equipe de criação, está em desenvolvimento e tem como finalidade principal contribuir com as práticas de oralidade das(os) estudantes, que receberão os *feedbacks* diretamente do sistema de IA sobre suas produções orais e maneiras de se expressarem. Os *feedbacks* da IA ocorrerão a partir da comparação das entradas tanto da fala, quanto das expressões faciais das(os) estudantes, com os dados já existentes no banco de dados. Após o início do uso do laboratório, o banco de dados estará em constante alimentação, pelas produções das(os) estudantes do ELLA, o que é importante para o desenvolvimento e a aprendizagem da IA. As correções da IA seguirão critérios de inteligibilidade (RAJAGOPALAN, 2010). Esses critérios, conforme Jenkins (2000), baseiam-se em uma abordagem de ensino de pronúncia de LI que prioriza as trocas linguísticas considerando o inglês como língua internacional. Isso quer dizer que a LI, como conceituada neste estudo, não se baseia em imitação de padrões hegemônicos de LI, mas deve ser reciprocamente inteligível entre as(os) falantes de LI de diferentes nacionalidades. No ELLA, pretendemos trabalhar de encontro à lógica neoliberal, para tal, o laboratório está constituído inicialmente, por oito unidades motivadas por histórias em quadrinhos, produzidas pela equipe do ELLA, que promovem a discussão de temáticas outras, as quais possibilitam a tomada da palavra (SERRANI-INFANTE, 1998) em LI. A proposta do laboratório é proporcionar práticas de linguagem que possibilitem ao sujeito se posicionar como falante de LI e, para isso, entendemos que os retornos do sistema do laboratório deverão ser cuidadosos e norteados pelo conceito de tomada da palavra e numa lógica rizomático-discursiva (HASHIGUTI, 2017). Propomos trabalhar com questões que levem a(o) estudante a refletir, sobre temáticas que normalmente ficam apagadas quando o ensino de LI segue *scripts* que naturalizam, estabilizam e cristalizam a linguagem. No laboratório, pretendemos oferecer possibilidades outras para que as(os) estudantes se constituam sujeitos de linguagem também em LI. As unidades são motivadas por temas ligados às demandas pós-coloniais de subalternidade e a temáticas sociais urgentes como as questões da mulher, de gênero, do lugar de fala, do lugar daquele que não é falante nativo de LI, do lugar de resistência, entre outros aspectos que as histórias em quadrinhos e respectivas atividades subsequentes abordarão como tema, com a finalidade de ampliar tanto a produção intelectual, quanto a criatividade e a possibilidade de enunciação das(os) estudantes do ELLA. A questão que motiva esta pesquisa é: o laboratório, entendido como uma unidade de conteúdos variados que remetem para as questões sociais urgentes, conforme expostas acima, e as questões linguístico-discursivas a elas relacionadas, em sua particularidade de funcionar pela interação humano-máquina e com IA, possibilita a tomada da palavra em LI pelas(os) estudantes? A partir desta interpelação, pretendemos investigar a relação da(o) estudantes com o ELLA e seu processo de aprendizagem de LI, no sentido de tomar a palavra na língua. Partindo da hipótese de que os depoimentos ao serem analisados discursivamente podem contribuir para a compreensão de fatores discursivos (e não cognitivos) no

processo de enunciação em LI como LE, os dados desta pesquisa serão coletados e analisados segundo a proposta AREDA (Análise de Ressonâncias Discursivas em Depoimentos Abertos), objetivando a discussão sobre como acontecem os processos de aquisição ou ensino-aprendizagem de LE, a partir de categorias teórico-metodológicas da análise do discurso e de uma teoria psicanalítica da subjetividade. Desta maneira, o AREDA será a ferramenta que nos proporcionará a compreensão do funcionamento discursivo nos dizeres dos sujeitos que se constituem na/pela LE. Ao narrarem sobre as próprias experiências, as(os) estudante do ELLA revelarão a maneira como percebem a aprendizagem de LI tanto no curso de Letras-Inglês EAD, quanto nesse laboratório virtual, bem como as relações que estabelecem com a IA e com as NTICs nos ambientes de aprendizagem. O que importa para a análise dos dados não são as informações transcritas das respostas do questionário elaborado como roteiro AREDA, mas os efeitos de sentidos que ressoam nos dizeres das(os) participantes. Consideramos que nos depoimentos as(os) estudantes do ELLA deixarão vir à tona suas posições ideológicas e subjetivas, revelando as relações de poder e as filiações de seus dizeres.

REFERÊNCIAS

- JENKINS, J. **The phonology of English as an international language: new models, new norms, new goals.** Oxford: Oxford University Press, 2000.
- HASHIGUTI, S. T. Nós da Língua Estrangeira. *In: IV CID – IV Colóquio do Grupo de Pesquisa o Corpo e a Imagem no Discurso: Como somos/fazemos corpo na contemporaneidade?* Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 07 jun. 2017.
- MOITA LOPES, L. P. Uma linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. *In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) Por uma linguística aplicada INdisciplinar.* São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 13 – 44.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- PENNYCOOK, A. **Critical applied linguistics: a critical introduction.** Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2001.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In: Lander, E. (Org.) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericana.* Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-278.
- RAJAGOPALAM, K. The rigmarole of intelligibility in world English(es) – or, on making sense of it all or, if you like, making the very idea of intelligibility intelligible. **Letras & Letras.** V. 26, n.2, p. 477-492, jul/dez. 2010.
- SAID, E. **Cultura e imperialismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SERRANI-INFANTE, S. M. Discurso e Aquisição de Segundas Línguas: Proposta AREDA de Abordagem. *In: INDURSKY, F. & LEANDRO FERREIRA, M.C. (Orgs.) Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso.* Porto Alegre: Sagra Luzzatto. 1999. (p. 281 - 300)
- SERRANI-INFANTE, S. M. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. *In: SIGNORINI, I. (Org.) Língua(gem) e identidade.* Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- SOUZA, L. M. T. M. de. **Post-Colonial Literature and a Pedagogy of ReVisioning: The Contribution of Wilson Harris.** Claritas, v. 1, n. 1, p. 55-61, 1994.

O ELLA E OS CAMINHOS DISCURSIVOS DA LÍNGUA INGLESA

Isabella Zaiden Zara FAGUNDES (PPGEL/UFU/CAPES)
Orientadora: Profª. Dra. Simone Tiemi HASHIGUTI

Esta pesquisa de mestrado, ainda em sua fase de pré-qualificação, é do tipo qualitativa, interpretativa, analítico-descritiva, respaldada por uma consulta bibliográfica expressiva e significativa da literatura arrolada. Tem por objetivo problematizar e compreender como o discurso, entendido como materialidade da ideologia que se manifesta na superfície da língua (PÊCHEUX, 2006), acontece no âmbito da criação e do funcionamento do ELLA² – English Language Learning Laboratory, um laboratório virtual a distância para o ensino de língua inglesa, como língua estrangeira, dotado de um sistema de inteligência artificial(IA). O ELLA é o espaço escolhido para desenvolver as discussões que trazemos ao longo da dissertação e é desenvolvido em uma parceria da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), e composto por uma equipe transdisciplinar de professores e pesquisadores de diversas áreas, o que possibilitou que os temas e as inquietações referentes à Linguística Aplicada, ao discurso, à língua propriamente dita, à IA fossem problematizados e trazidos à baila das discussões dentro do laboratório. Trata-se portanto, de um freeware dotado de IA que consegue interagir com a(o) estudante dando um feedback quando a(o) mesma(o) enuncia em língua inglesa, sendo a análise feita por intermédio das expressões faciais de emoção; pela expressão de emoção na voz; pelo processamento da fala em língua inglesa; pelas respostas também em língua inglesa. Há no laboratório uma preocupação com as questões sociais emergentes e temos a possibilidade de tentar exercer junto à programação da IA do ELLA um viés contrário ao preconizado pelo neoliberalismo e nos mantermos em consonância com a perspectiva decolonial, a qual é aplicada desde a concepção, estendendo-se à elaboração do material didático, ao funcionamento, bem como à programação, o que torna um empenho complexo e que requer constantes manutenções. Manutenções essas que têm que ser pensadas do âmbito da(o) programadora(programador) e da própria IA. A dissertação é dividida em quatro partes, a primeira, “Pelos Caminhos da Inteligência Artificial e do ELLA”, traz um apanhado evolutivo da IA e apresenta mais detalhadamente o laboratório virtual tanto sua parte estrutural, quanto seu funcionamento, para que se possa melhor compreender a complexidade e as possibilidades a serem desenvolvidas dentro do mesmo. A segunda parte, “Pelos Caminhos Discursivos”, traz um percurso sobre os principais conceitos e concepções de língua, linguagem, discurso e ideologia em um batimento entre a linguagem natural e a computacional. Além de problematizar o processamento de linguagem natural, por meio do deepspeech, o qual faz o reconhecimento automático de fala, transformando a fala em texto. Na terceira parte, “Pelos Caminhos do Algoritmo”, há uma problematização acerca da programação decolonial, com regras que orientam a IA do ELLA a obedecer regras pré-definidas para, assim, levar à(ao) estudante questionamentos que podem desconstruir discursos cristalizados, visando a um

² Projeto de inovação aprovado em 1º. Lugar no Edital CAPES/UAB nº. 03/2015. Responsável pela elaboração e execução da proposta: Profª. Dra. Simone Tiemi Hashiguti. É um projeto em andamento e que está sendo desenvolvido no que se configurou, depois do início do projeto, como o grupo de pesquisa LIA – Linguagem Humana e Inteligência Artificial, do qual fazemos parte.

posicionamento com ética, acolhimento, afetividade e que seja responsivo, além de propormos um novo conceito para algoritmo, pensando-o como uma materialidade do discurso. A quarta e última parte, “Pelos Caminhos Interpelativos”, traz as considerações finais que respondem às perguntas de pesquisa, bem como as interpelações e os questionamentos feitos durante todo o processo de escrita da dissertação. Nessa seção, há uma costura teórica e reflexiva no que tange às inquietações, problematizações e análises que surgiram durante toda a escrita. Nossas análises visam a compreender as produções de sentido, testando o processamento de linguagem natural dentro do deepspeech de forma a averiguar como o modelo escolhido realiza a análise do reconhecimento de fala executando o parsing, ou seja, a análise sintática, pois pelo parsing podemos compreender de onde parte o seu modelo inicial e os tipos possíveis de feedback que são gerados, de acordo com os graus de inteligibilidade (RAJAGOPALAN, 2010; HASHIGUTI; ÂNGELO; ÂNGELO, 2020) da máquina, levando em consideração as variações linguísticas e os sotaques, além de observar se as práticas translíngues que são aplicadas dentro do laboratório cumprem o seu papel desafiador ao lidar com essa língua inglesa não como um produto, mas considerando a língua em uso, mobilizando conceitos como inteligibilidade (MUNRO; DERWING, 1995, (a)gramaticalidade (CHOMSKY, 2015), interpretabilidade (RAJADURAI, 2007). Como objetivos específicos, será necessário entender se o algoritmo, como linguagem humana, eleva a máquina a uma memória discursiva que se dá entre o sujeito e a máquina; compreender se a máquina dotada de IA constitui uma memória discursiva; compreender, dentro da linguagem computacional, de onde parte o modelo inicial do parsing, para entender como a máquina reconhece o que é ‘certo’ e o que é ‘errado’ em determinado enunciado em língua inglesa; problematizar e compreender características discursivas dessa língua inglesa; compreender como as práticas discursivas podem acontecer para a inteligência artificial.

REFERÊNCIAS

- CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: The MIT Press, 2015.
- HASHIGUTI, S. T.; ÂNGELO, R. de C.; ÂNGELO, R. de C. Inteligibilidade entre humanos e máquina no ensino-aprendizagem de inglês: uma questão decolonial. *In: V CID – V Colóquio do Grupo de Pesquisa O corpo e a Imagem no Discurso: Ceci n’est pas une pipe & IV Simpósio em Transculturalidade, Linguagem e Educação: Thinking (and doing) otherwise*, 2020, Uberlândia. V CID – V Colóquio do Grupo de Pesquisa O corpo e a Imagem no Discurso: Ceci n’est pas une pipe & IV Simpósio em Transculturalidade, Linguagem e Educação: Thinking (and doing) otherwise, p. 220-240, 2020.
- MUNRO, M. J.; DERWING, T. M. Foreign Accent, Comprehensibility, and Intelligibility in the Speech of Second Language Learners. **Language Learning**. v. 45. n. 1, mar. 1995, p. 73-97.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- RAJADURAI, J. Ideology and intelligibility: Intelligibility studies: a consideration of empirical and ideological issues. *In: World Englishes*, v. 26, n. 1, p. 87–98, 2007.
- RAJAGOPALAN, K. The rigmarole of intelligibility in world English(es) - or, on making sense of it all or, if you like, making the very idea of intelligibility intelligible. **Letras & Letras**. v. 26, n. 2, p. 477-492, jul/dez. 2010.

ANÁLISE DECOLONIAL DE LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA INGLESA APROVADOS PELO PNLD 2020

Mariana Ruiz NASCIMENTO (PPGEL/UFU/CAPES)

Orientadora: Profª. Dra. Simone Tiemi HASHIGUTI

Os livros didáticos exercem um papel fundamental no modelo educacional contemporâneo ao serem frequentemente usados pela comunidade escolar como principal recurso de ensino. Por meio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), diversos materiais são analisados e disponibilizados gratuitamente às escolas públicas de educação básica. Considerando que o material didático muitas vezes reproduz os valores da sociedade em que ele está inserido, e o fato de o Brasil ser um país que ainda experiencia efeitos do colonialismo, sendo posicionado no cenário mundial como consumidor de produtos culturais, tecnológicos e educacionais das grandes potências econômicas, é esperado que os materiais de língua inglesa (LI) valorizem o conhecimento e a cultura de determinados países (Estados Unidos e Reino Unido, por exemplo) em detrimento de outros cujas línguas maternas e oficiais também sejam o inglês, que identifiquem as variações de língua faladas nesses países como sendo as “de prestígio”, e que discursivizem seu estilo de vida como modelos. Juntamente a esse pressuposto, a hipótese mantida nessa pesquisa é a de que os livros didáticos de LI podem funcionar como instrumentos de colonialidade, repetindo e regularizando, por exemplo, categorias coloniais de raça, gênero, dentre outras marcas coloniais. Dessa forma, esse projeto de tese tem como objetivo verificar se os oito livros didáticos de LI aprovados no PNLD 2020 podem ser considerados instrumentos que apontam para relações de colonialidade, e como. Na pesquisa, no batimento entre revisão de literatura e gesto analítico do *corpus*, proponho-me a estipular critérios decoloniais para analisar os livros didáticos selecionados; investigar a presença de regularidades enunciativas coloniais nesses materiais, isto é, de diferentes formulações linguísticas, imagéticas, de *design* etc. que repitam entre si, como ressonâncias, a colonialidade; e, por fim, caso comprovada a hipótese, discutir como esse funcionamento colonial em materiais didáticos do tipo analisado impacta os processos de ensino-aprendizagem de LI, e a relação entre o sujeito e essa língua. A pesquisa se situa como estudo da ordem da Linguística Aplicada (LA) transgressiva e inter/trans/indisciplinar (CELANI, 1992; MOITA LOPES, 2006; SIGNORINI, 2006; PENNYCOOK, 2006) e se fundamenta em uma perspectiva decolonial de saber, poder, ser (MALDONADO-TORRES, 2007; MIGNOLO, 2003). A proposta investigativa é de natureza qualitativa e apresenta caráter descritivo e interpretativo. Entendemos que essa pesquisa contribuirá para processos críticos de construção de materiais didáticos ao encorajar o questionamento sobre a escolha e/ou criação de textos e imagens que serão dispostos nesses materiais e que desempenhará um papel relevante para os estudos sobre língua(gem) e seu funcionamento a partir de condições históricas de enunciação e poder, no que se refere à construção, disseminação, manutenção e deslocamentos de saberes na relação Norte Global – Sul Global.

REFERÊNCIAS

CELANI, Maria Antonieta Albani. Afinal, o que é linguística aplicada. *In*: ZANOTTO, M. S.; CELANI, Maria Antonieta Albani (Org.). **Linguística aplicada, da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992. p. 15-23.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In*: CASTRO-GOMEZ, S.; GROSFOGEL, R. (Eds.) **El giro decolonial**: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. p. 127-167. Bogotá: Lesco Pensar Siglo del Hombre Editores, 2007.

MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da ‘ciência’: colonialidade, geopolítica, do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. *In*: SOUSA SANTOS, Boaventura. **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ‘ciências’ revistado. Lisboa: Edições Afrontamento, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 85-107.

PENNYCOOK, Alastair. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67-84.

SIGNORINI, Inês. A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a linguística aplicada contemporânea. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 167-190.

ESTUDO DISCURSIVO SOBRE AS RELAÇÕES DE FORÇA ENTRE AS PERFORMATIVIDADES QUEER

San Thiago de Araújo e SILVA (PPGEL/UFU/CAPES)

Orientadora: Profa. Dra. Simone Tiemi HASHIGUTI

i

Mais do que uma força estritamente repressiva e negativa, o poder é produtivo e, como tal, atravessa todo o corpo social, produzindo discursos e formando saberes (FOUCAULT, 1998). Uma das principais formas de o poder se fazer presente na sociedade é através do dispositivo da sexualidade, ponto em que se articulam várias estratégias que, tendo o corpo como objeto, visam a efeitos de controle sobre a população (MONTEIRO, 2017). É assim que Foucault destituiu a concepção de sexualidade como um instinto natural e, expondo os sentidos que as sociedades ocidentais, ao longo dos séculos, empregaram e têm empregado ao sexo, descreveu a formação de uma maquinaria de produção de discursos a seu respeito, normatizando-o, objetivando-o e cristalizando-o como lugar em que se aloja a verdade dos sujeitos (FOUCAULT, 1998). Com isso, os corpos dos indivíduos foram sendo disciplinarizados, docilizados, organizados e identificados de acordo com as categorias de gênero e sexualidade que se estabeleceram como possíveis nos diferentes estratos históricos (FOUCAULT, 2014), o sexo foi sendo colocado cada vez mais em discurso e as diferenças sexuais foram sendo gradativamente localizadas, fazendo com que não parem de surgir novas categorias sexuais para classificar os sujeitos em graus de normalidade e anormalidade a partir de uma identidade de referência cisheteronormativa, dentro de um quadro colonial de poder-saber-ser (BALLESTRIN, 2013). Assim, as manifestações identitárias e práticas sexuais que fogem a esse padrão – às quais nos referimos como performatividades *queer* –, foram sendo relacionadas, ao longo dos anos, a diferentes aspectos de valores negativos, tais como sodomia, pecado, anormalidade, desvio, crime, doença, perversão, dentre outros. Até o final do século XX, no entanto, a partir do entendimento de que inúmeros fatores influenciam na construção de nossas sexualidades – como aspectos psicológicos, sociais, culturais e históricos –, a Organização Mundial de Saúde (OMS) reconheceu as práticas homossexuais como variedades da sexualidade humana, deixando, oficialmente, de serem concebidas como anormalidades. Apesar disso, não deixaram de existir agressões contra indivíduos de performatividades *queer* provenientes do entendimento de que as (homos)sexualidades são escolhas conscientes e voluntárias dos sujeitos. Dessa forma, como uma estratégia de fuga a essas agressões (OLIVEIRA JÚNIOR E MAIO, 2016), o movimento homossexual assumiu uma política assimilacionista, propagando a ideia de “orientação” em detrimento de “opção” e, com isso, passou a propagar suas próprias identidades de referência, concebendo-as como inatas e constituídas por sexualidades fixas, provocando uma emergência constante de novas categorias de sexualidade que, para se tornarem visíveis, impeliram o movimento homossexual a modificar sua nomenclatura. Assim, o movimento – ao qual nos referiremos como LGBT+ –, através de uma concepção inatista, passou a politizar, objetivar, subjetivar e sujeitar os corpos, que buscam adequação às identidades sexuais de referência para satisfazer uma sensação de pertencimento ao movimento que os representa política e socialmente. Além disso, a partir da observação de que traços atribuídos à interpretação de gênero são comumente abordados para se discursivizar a sexualidade e considerando que as mesmas práticas podem estar em categorias sexuais diferentes, alguns conceitos sofreram rompimento para que novas classificações emergissem, sugerindo que não apenas a prática sexual estabelece as categorias. Considerando, então, que “as estratégias sempre têm significados que extrapolam os propósitos a que se destinam”

(BUTLER, 2018, p. 18), partimos da hipótese de que a política assumida pelo movimento LGBTQ+ de propagação de categorias identitárias inatistas e fixas, até certa medida funcionou de forma a visibilizar práticas sexuais cristalizadas como abjetas, mas, pode ter se tornado uma reificação inconsciente das relações de gênero. Dessa maneira, motivados pela necessidade de problematizar essas estratégias e concepções identitárias, uma vez que acreditamos que, pela perspectiva inatista e categorizante das sexualidades, o movimento LGBTQ+, além de reafirmar uma estrutura binária entre heterossexuais/homossexuais, tem deslocado as linhas de relações de força para o interior do movimento. Além disso, hipotetizamos que as sexualidades são práticas que se relacionam ao gênero, isto é, às formas de se viver, por exemplo, o que foi/é cristalizado como masculino ou feminino. Dessa forma, entendemos a sexualidade como sendo mais um dos atos performativos que constroem e constituem a interpretação social de gênero. Para isso, calcamo-nos nos estudos de Butler (2018), que desloca o gênero para além de um entendimento substancial, constitutivo e estável e defende a sua construção a partir de repetições descontínuas, atos e práticas performativas. O gênero, dessa perspectiva, é uma construção performativa “na qual a plateia social cotidiana, incluindo os próprios atores, vem a acreditar” (BUTLER, 2018, p. 3), enquanto performatizam. Dessa forma, não entendemos homossexualidade como privativa de homossexuais, nem heterossexualidade exclusiva de heterossexuais, ou masculinidade de homens e feminilidade de mulheres. A sexualidade não designa estados, mas “possibilidades de comportamento extensivas ao conjunto do corpo social, envolvendo todas as pessoas independentemente da forma específica de sua genitália e da prática sexual a que se entregam exclusiva ou predominantemente” (BERNARDET, 1982). Desse modo, partindo de uma perspectiva decolonial, nosso estudo objetiva pesquisar a emergência das categorias identitárias, assumidas pelo movimento LGBTQ+, enquanto resultado imanente – que influencia e sofre influência – das relações de força e função disciplinar, problematizando as relações de força existentes no interior e entre as categorias sexuais discursivizadas. Ademais, busca-se defender as sexualidades enquanto práticas das múltiplas possibilidades de se performatizar os gêneros, e não como variáveis essenciais das identidades dos indivíduos. Para isso, propomos a realização de uma genealogia, estudando os deslocamentos do movimento LGBTQ+ em relação às pautas que almeja/almejou responder e às políticas que assume/assumiu, tendo como objeto central os *slogans* temáticos das 23 edições da *Parada do Orgulho LGBTQ de São Paulo*. Além disso, propomos uma análise discursiva de dizeres de indivíduos integrantes de grupos, de redes sociais, pertencentes ao movimento LGBTQ+, coletados através de questionários, acerca de suas experiências e opiniões quanto a seus gêneros, sexualidades e ao acolhimento no/do movimento LGBTQ+.

REFERÊNCIAS

- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, mai-ago. 2013.
- BERNARDET, J. C. Os homossexuais no momento de sua definição. *In: Folhetim, suplemento dominical da Folha de São Paulo*, 11 de Julho, p. 9, 1982.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 288 p.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 295 p.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014. 302p .

REALIZAÇÃO

Instituto de Letras e Linguística - ILEEL

Programa de Pós-Graduação Em Estudos Linguísticos - PPGEL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

DEZEMBRO DE 2020